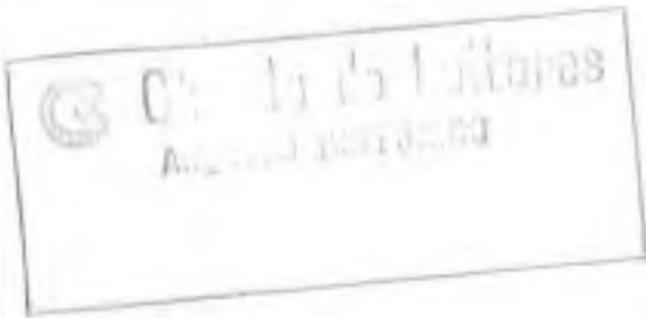


A GERAÇÃO DE 70

RAMALHO ORTIGÃO

AS FARPAS I

Décimo volume



CÍRCULO DE LEITORES

Capa de: Antunes
Impresso e encadernado por Printer Portuguesa
no mês de Março de mil novecentos e oitenta e oito
Número de edição: 2254
Depósito legal número: 18 251/87

ENTRÉ MINHO E DOURO

Nas margens do Lima — Viana do Castelo — Os campos — Os casais —
As igrejas — As estradas — As diligências — Os abades — O mercado —
As mulheres — Os trajos — A educação — Os costumes — As influên-
cias estéticas — Ponte do Lima.

Setembro, 1885.

Quem nunca veio a Viana, quem não atravessou a linda ponte do caminho-de-ferro, entre o aterro de S. Bento e a risonha aldeia de Darque, tão célebre outrora pelas suas faianças pombalinas; quem não percorreu a estrada litoral até Caminha, através das povoações de Âncora, da Areosa e de Afife; quem não transitou a pé pelos caminhos de uma e da outra margem do rio, por Meadela e Santa Marta, até o pontilhão do Portuzelo rodeado de casais, de moinhos de vento e de rochas em que escachoa a água, límpida e desnevada, através da qual se vêem trepidar e reluzir as trutas; quem não foi e não veio, pela direita e pela esquerda da ribeira, de Viana a Ponte do Lima e de Ponte do Lima a Viana; quem durante alguns dias não viveu e não passeou nesta ridente e amorável região privilegiada das éclogas e das pastorais, não conhece de Portugal a porção de céu e de solo mais vibrantemente viva e alegre, mais luminosa e mais cantante.

Nesta quadra do ano principalmente, na ocasião das colheitas, quando as ceifeiras, de mangas arregaçadas, atravessam os campos, carregadas de feixes de canas maduras; quando o milho começa a alourar as eiras, e ao longo das planícies ou por detrás dos outeiros, nos pontos onde alvejam casas ou muros de quintas, se ouve a cantiga das esfolhadas, o aspecto do campo ainda virente, inundado de luz, tem o que quer que seja de uma apoteose bucólica, de um idílio rural, por entre cujas estrofes o rio alastra mansamente a pacificação da água.

A natureza parece uma larga festa em toda a bacia do Lima, fechada ao sul pelo biombo de montanhas que principia

de leste em Lindoso, na fronteira espanhola, e termina a oeste em Faro de Anha, sobre o porto de Viana.

Dentro de toda esta zona não há grandes proprietários, não há gente muito rica, e não há miséria.

Muitas casas pequenas. Nem uma só casa em ruínas, como na Beira, como no Douro.

Ao longo das estradas, ou nos arruamentos contorcidos das pequenas aldeias, a tenda com a caixa do correio à porta, os bambolins de velas de sebo pendentes do tecto, cintilações amarelas, azuis e brancas de louça vidrada numa prateleira ao fundo, as pequenas tabernas com os pães *moletes* enfarinhadados e pegados uns aos outros em cima do balcão, na padieira das portas, suspensa de um braço de ferro, a tabuleta azul — *Bom vinho e comer*, o ferrador, o tamanqueiro, o peneireiro, o cesteiro, o bombeiro, a tecedeira, a botica, tudo tem um ar alegre, de camisa lavada, barba feita, carnação sadia, brunida ao sol.

Por detrás do cancelo do quinteiro, no mato fofo das enxidas, por baixo da ramada, ao lado das mais humildes cabanas, vê-se a porca ruça esfoçando a estrumeira, o galo branco cacarejando satisfeito, empoleirado na padiola, na escada de mão encostada à parede do cortelho ou no caniço do carro; e o podengo amarelo, de orelha bicuda, ladra da porta de casa ou de cima do muro, mostrando a quem chega os dentes anavalhados e o grande rabo em ponto de interjeição.

Não há adega, não há despensa, não há fogão de cozinha. A panela preta de barro de Prado ferve solitária sob o testo no pequeno lar enfumarado, à fogueira de cepas e de agulhas de pinheiro, entre os dois escabelos de castanho. Mas há broa em todos os balaivos à porta do forno, há toucinho ou há unto, pelo menos, em todas as salgadeiras, há azeitonas no cântaro da salmoeira, há um ovo para botar a cada galinha choca, uma braçada de erva para cada boi, uma côdea para cada cão, uma rasa de milho para cada fornada, uma estriga para cada roca, uma leira para cada enxada.

A propriedade *brasileira*, pintada de amarelo, com dois cães de faiança no portão e as maçanetas de vidro nas varan-

das, puxa aqui mais raramente pelos olhos do que nos subúrbios do Porto, de Braga e de Famalicão.

O *brasileiro* do vale do Lima é, em geral, um *pequeno brasileiro*, tão pequeno que quase não passa de um *rapaz que foi ao Brasil*. A beleza da terra, a graça modesta dos costumes, a simplicidade da vida, exercem aqui, mais do que em outra qualquer parte, esse magnetismo nostálgico que leva o emigrado a repatriar-se o mais depressa que pode. Desde que ganhou com que comprar o campo que tem de olho, com que levantar um andar à choupana paterna, com que meter mais duas vacas no eido, e com que custear o luxo de um garrano para vir de *tilbury* à feira da Agonia e de um mingacho para pescar no rio, o emigrado de Entre Minho e Lima regressa modestamente, em segunda classe da *Royal Mail*, ao ninho natal.

Daqui, um tranquilizador equilíbrio económico, administrativo e moral: a vida barata e o voto barato. Não vale a pena para os homens de negociar em eleições com os regedores, e vale a pena para as raparigas de continuarem a fiar, a tecer, a fazer renda e a fazer manteiga, porque não há namorados com posses para lhes darem dados os brincos e os cordões de ouro.

Em compensação, é excessivamente moderado o número de cães de louça, dos campanários novos, dos relógios de torre e dos comendadores da Conceição.

As igrejas matrizes conservam o seu primitivo ar antigo, sombrio e musgoso, numa humidade de claustro ou de azenha.

É um bom tipo do género a pequena igreja velha das Almas, à entrada de Viana pelo lado de Meadela. Rodeia-a um pequeno adro, em que a erva sobe ao último degrau do cruzeiro da Via Sacra. A sombra de seis altos e esguios ciprestes marca a hora no chão, como no mostrador de um relógio de sol, e no tecto do templo, apainelado em madeira de castanho, uma pintura moderna, recente produto da arte constitucional do último quartel do nosso século, representa um óptimo burguês de Viana, director talvez do Banco Agrícola e Industrial, no acto de subir ao Céu, dando vivas à Carta e à Junta da Paróquia.

Mais para o interior do campo deixa de grassar a pintura moderna nos monumentos religiosos.

Os tectos das pequenas igrejas esverdeiam-se de musgo; as andorinhas fazem ninho nos relevos arquitectónicos junto do postigo gradeado do coro; crescem os tortulhos na base do madeiramento dos altares; um Bom Jesus, ingenuamente carpinteirado, parece dormir tranquilo, grato à simplicidade encantadora deste culto, satisfeito de uma felicidade vegetal nas suas cinco chagas, as quais — lembrado talvez da sua anterior existência de laranjeira — ele toma antes por alporques do que por lançadas, tendo mais vontade de dar folha e fruto aos bons viventes do que de lhes pedir fel do alto da sua cruz de talha, entre os palmitos murchos da última festa do orago! E, por fora da torre estreita e quadrada, a corda do sino, pendente do gancho da porta, oscila, solta no espaço à viração dos campos, como fazendo batuta de regente ao compassado ondular das messes.

Os abades têm as batinas velhas, os cabeções um pouco pingados de rapé e os sapatos cambados pelas longas caminhadas às codornizes; mas são geralmente gordos, saudáveis e nédios. Os enfezados e os magrizelas são vítimas de antigas enfermidades heterodoxas, contraídas no tempo de minoristas quando estudantes nos seminários de Braga ou de Lamego, não jamais porque os definhe como curas de almas a esterilidade dos passais ou a magreza dos pés de altar.

Alguns destes pastores espirituais são particularmente interessantes.

Numa freguesia deste bispado o pároco, desejando desviar os rapazes seus fregueses do vício funesto do jogo, conseguiu fazer representar o drama salutar intitulado *Trinta Anos ou a Vida de Um Jogador* por uma companhia de curiosos analfabetos, que ele mesmo ensaiou, ensinando-lhes os papéis de ouvido, como lhes ensinara a cartilha. Na representação uma das personagens da peça, a dama, leu de fio a pavio uma carta que recebia em cena, e leu-a bem, no meio dos aplausos gerais do público. Somente, por um infernal descuido, o jovem moço das vacas, incumbido do interessante papel da heroína a quem era endereçada a epístola, esqueceu-se de a abrir, e foi através do sobrescrito lacrado que leu com ardor, vibrante de comoção trágica, a longa narrativa do fatal caso!

Um outro, com luzes da língua francesa e espírito aberto

ao modernismo, começou a prática de uma dominga quaresmal dirigindo-se aos fiéis da sua pequena paróquia rural nos seguintes termos de dentista de almas:

— *Madamas e monsiús.*

Esta erudita amenidade de boulevardeiro produziu sobre o pêlo de todas as ovelhas presentes uma satisfação enorme.

De resto, o meu amigo Guerra Junqueiro — o qual enquanto não fizer da sua casa um poema, que eu espero, fez já um poema da casa que habita em Viana — tinha razão ao dizer-me que esta é a terra da promessa para os artistas e para os abades: a paisagem do Lima deslumbra e engorda.

Uma coisa inteiramente especial e digna de estudo é o aspecto das numerosas diligências, *breaks* e *chars-à-bancs*, que circulam sobre estas estradas, desde os Arcos e desde Ponte de Lima até Viana.

Dois pequenos garranos, quando não é um só, puxam por cima do macadame faiscante de sol as mais fantásticas carra-das de gente e de objectos que a imaginação pode conceber. Dentro do veículo senta-se a primeira camada de passageiros nas bancadas. Depois de todos os lugares ocupados estreitissimamente, à cunha, o veículo considera-se completamente vazio, e mete-se-lhe a segunda camada de passageiros, colocada exactamente em cima da primeira. Feita esta operação começa o interior do carrô a achar-se quase cheio, mas não cheio de todo, porque entre o tecto, os joelhos e os bustos dos passageiros da segunda camada nota-se ainda um espaço oblongo a toda a extensão da berlinda, desde a portinhola do fundo até o vidro da frente. Preenchido este espaço com um passageiro estendido ao comprido, passa-se a ocupar os bancos da imperial e o tejadilho.

Fora, em vez de irem empilhados como no interior, os passageiros são ensanduichados metodicamente com as bagagens e com as mercadorias, pela ordem seguinte: camada de mercadorias, primeira camada de passageiros, primeira camada de bagagens, segunda camada de passageiros, segunda camada de bagagens; e em cima de tudo isto, o penso para os garranos, os merendeiros e os varapaus dos passageiros e, no ar, a um lado, seguro da almofada pela cinta, seguro do guarda-lama pelas pernas, o cocheiro levado a braços pelos viajores.

Para quem olha de longe, a carruagem desaparece completamente sob a enorme massa viva, e não se vê mais que um enorme e inverosímil cacho de gente agarrada uma à outra por um engajo misterioso, bamboleando ao sol, oscilando da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, e prosseguindo lentamente, levado por duas formigas.

Chegados ao termo da viagem, na praça mais espaçosa da povoação, os garranos param, a carruagem esvazia-se, e a praça enche-se.

Examinei atentamente o cocheiro de um desses veículos, e segui os seus movimentos desde que baixou do espaço até que o deixaram a sós com a parelha e com a carrimónia nua.

Principiou por tirar de uma algibeira lateral da sua quinzena de pano cor de mel um vasto lenço de algodão encarnado, estendeu-o metodicamente sobre as duas mãos abertas e nele estorcegou o nariz estrepitante, aliviando assim as fossas nasais das sucessivas pitadas introduzidas pela obsequiosidade dos senhores passageiros, pois, no apertão da pinha dos viajantes, formada na imperial do trem, ele não pudera em trânsito pitadear-se por mão própria. Em seguida, com o lenço debaixo do braço, a caixa de prata em punho, numa compostura pacata, de magistrado ou de clérigo, olhou de todos os lados para a carruagem, para a parelha, pareceu satisfeito com este exame atento mas perfunctório, e desengatou os garranos suados, cobertos de pó, que seguiram atrás dele para a grande cavaliariça ao lado da estalagem.

De suiça e óculos fixos, além da quinzena cor de mel ele trajava calça de brim, colete de ganga, chapéu de palha e chinelos.

Sou informado de que este cocheiro é na sua terra um farmacêutico estimado. A sua posição social, os seus bens de fortuna, a sua importância científica, levam-no a ter dois cavalicoques e um *break* para passear aos domingos com a família. Como, porém, a farmácia nem sempre tem que fazer, nem que ganhar, quando as receitas escasseiam e os almozarizes descansam, ele põe os garranos ao trem e abotoa-se, como farmacopola, com os lucros eventuais de alquilador.

Essas crises de estagnação terapêutica repetem-se com frequência. Como o fez notar Danton, onde a vida é simples as

doenças não são complicadas. No Minho não há ainda hoje mais do que quatro ou cinco enfermidades: queixa de peito, malina, espinhela caída, ramo de estupor, hemorroidal e catarreia. Antigas purgas de jalapa, de ruibarbo, de sene e maná, purgas grossas, espessas, de confiança, tomadas às tigelas, pez de Borgonha para o peito ou para o espinhaço, ipecacuanha como vomitivo, cáusticos, cataplasmas de mostarda para chamar abaixo os humores, enxofre para as foga-gens da pele, bichas para o hemorroidal e para as contusões por cargas de pau, água de vegetal para os simples galos e para os golpes, constituem toda a farmacopeia local.

De sorte que os boticários têm tempo para tudo: lêem as folhas, frequentam a bisca do pároco e o voltarete do doutor delegado, ajudam à decoração do templo nas grandes funções e, além de cocheiros de ocasião, como aquele que conheci, são ainda frequentemente regedores de paróquia, passari-nheiros, explicadores de francês, criadores de galináceos. E há-os que na festa grande do orago da freguesia, obrigada a fogo preso, a arraial no adro com doceiras de melindres, carros de melancias, frituras de pescada, vinho ao torno, e música de capela à missa cantada, vão para o coro com um papel de solfa em rolo, como os demais chantres, e atiram-se ao garganteio dos motetos, em voz de *tiple*, como danados.

Outros proprietários e cocheiros de *chars-à-bancs* são alfaiates, são armadores, são madeiros.

E esta acumulação de funções, constituindo uma almotolia orçamental de pequenos réditos, é uma das feições mais características da população minhota.

A cidadezinha de Viana é a capital condigna desta região.

O viajante é agradavelmente surpreendido, logo ao chegar, pelo aspecto da *gare*, uma das maiores e a mais bela do País. Esta construção, dirigida por um jovem engenheiro do Porto, reúne a uma perfeita elegância de linhas gerais e a uma harmonia de proporções a mais esmerada mão-de-obra, o mais fino acabamento de todos os detalhes. O granito empregado é o mais belo que se pode ver, e o modo como ele se acha trabalhado desafia toda a comparação. Uma única impressão amarga paira sobre o espírito dos viajantes ao encontrarem-se dentro deste vasto edifício. Acomete-os natural-

mente o desgosto de serem tão poucos para tanta casa. E à noite, no silêncio que se sucede à partida do trem em que viemos, há uma tristeza saudosa em ouvir neste palácio de grande cidade o bucólico respiro nocturno do campo e das aldeias: o cantar dos grilos toupeiros entre os milhos e o ladrar longínquo dos cães de quinta, como nos simples apeadeiros dos pequenos círculos rurais ao longo da via férrea minhota.

Pela disposição das casas Viana consta de um grupo de habitações emmassadas num pequeno âmbito, e do apenso excêntrico de uma longa rua. Vista do alto de uma das colinas adjacentes, a casaria de Viana oferece o aspecto de um grande papagaio de papel branco caído no chão, entre os campos, à beira do rio.

Vista por dentro, a cidade é encantadora de modéstia, de simplicidade, de silêncio e de asseio.

A grande abundância de granito explorado nos arredores permite calçar todas as ruas com grandes pedras indestrutíveis, dando ao pavimento uma superfície lisa como a de um muro de cantaria.

Não há trâmueis, não há botequins, não há cartazes nas esquinas, não há realejos nem músicos ambulantes, não há lixo, não há moscas, e não se vê polícia.

A praça principal, destinada por D. Manuel, que a edificou, para as festas públicas, tem um lindo ar de Renascença, com o seu grande chafariz e a sua fachada histórica do palácio da Misericórdia.

Por várias partes, nas velhas ruas estreitas e contorcidas da antiga vila, belos arcos de portas e de janelas, ou pequenos motivos truncados de decoração architectónica, nesse interessante estilo meio gótico meio muçulmano ou mourisco, que caracteriza a nossa arquitectura chamada *manuelina*.

Finalmente, muitos conventos, entre os quais o de Santa Cruz, onde viveu e morreu o arcebispo Frei Bartolomeu dos Mártires, e o de S. Domingos, que ele mesmo edificou e em que está sepultado.

Secou e emudeceu nestas casas o antigo correr de água que tão docemente embalava o recolhimento e o estudo monástico, cantando nas fontes do dormitório, entre as murtas da cerca, na arcaria do claustro, nas bicas do refeitório e da sacristia. E ao longo dos corredores abobados e sonoros per-

deu-se o eco das sandálias da comunidade à hora canónica das rezas.

Há, porém, não sei que vago perfume de arte nestas solidões austeras, em que parece palpitar ainda o génio literário dos historiadores e dos cronistas, o que quer que seja de melancolia devota da prosa de Frei Luís de Sousa, cujo misticismo clássico converte a humildade fradesca numa espécie de privilégio aristocrático de grandes espíritos enfadados do mundo, respondendo provocadoramente pelo culto literário da mais fina arte beata aos grosseiros pedantismos da ciência e aos ruidosos triunfos sociais da vasta imbecilidade humana.

Esta espécie de *malária* claustral, de que o abandono e a secularização não desinfectaram ainda completamente o recinto dos conventos, ataca facilmente os escritores modernos mais ou menos combalidos de nevrose, e raro será o artista um pouco fatigado que num destes mosteiros de Viana, tão pitorescamente situados à vista calmante do rio, tão silenciosamente recolhidos e tão bem lavados de ar e de luz, não tenha vontade de exclamar como Bartolomeu dos Mártires, ao voltar do arcebispado de Braga e do primaciato das Espanhas para a sua humilde cela de frade raso de Santa Cruz: *Hæ requies in sæcula sæculi, hic habitabo quoniam elege eam.*

O jardim público junto do cais, à beira da água, é certamente o mais bem situado do País. Faltam-lhe apenas algumas grandes árvores para ser inteiramente delicioso como todo o passeio daí até o enorme campo da Senhora da Agonia, sobre a foz do Lima.

O porto perdeu toda a importância dos antigos tempos com a decadência geral do nosso comércio marítimo, que os antigos forais protegiam declaradamente, que os régios alvarás do século passado procuravam ainda manter por meio das mais rasgadas afirmações da liberdade, *alma do comércio sempre digno de maior favor*, como ainda se dizia nos instrumentos oficiais de 1758 a 1778, mas que os governos modernos deixaram cair em completo descaso, apesar do último grito levantado em favor dos grandes interesses comerciais da Nação pelo honrado José Ferreira Borges, o eloquente propugrador da organização territorial do trabalho e da livre troca.

Do movimento das caravelas do tempo do famoso corsário Pêro Galego e do mareante João Álvares Fagundes, cujas armas estiveram por algum tempo sobre a porta do castelo, e que foi o descobridor e o senhor do banco da Terra Nova para as pescas do bacalhau; do largo trato marítimo do século xvi, quando a nobreza de Viana, fazendo excepção à do resto do País, imitava os burgueses venezianos e genoveses no exercício do comércio, nada mais resta hoje do que alguns vestígios arqueológicos da antiga confraria dos mareantes de Viana.

Reduzida presentemente ao seu pequeno comércio de consumo interior, Viana é uma cidade morta para a labutação mercantil. Daí, pelo lado estético, uma boa parte do seu encanto de terra de vilegiatura e de prazer.

Um estabelecimento de banhos, um casino, um grande hotel e alguns *cottages* mobilados para alugar, sobre a praia, na margem esquerda do rio, e esta seria decerto uma das mais bonitas estações balneares de toda a Europa.

A gente é afável, hospitaleira, carinhosa e a mais pacífica do mundo. Um bacharel meu amigo, que exerceu aqui, durante um ano, o lugar de substituto do delegado do Ministério Público, contou-me que no ano em que ele serviu se não fizeram audiências porque não houve crimes na comarca.

«É o povo de Viana — diz Frei Luís de Sousa na *Vida do Arcebispo* — dotado de um particular zelo do bem da sua república: e no que toca ao comum, ainda que uns com outros andem desavindos, logo são unidos e conformes: e onde sentem ser necessário sabem não perdoar diligência, nem trabalho, nem despesa.» A seguir, por meio de uma frase bem feita, o biógrafo do arcebispo dá a entender que os de Viana são desconfiados: *Acautelam-se*, diz ele, *sem o darem a entender*.

Enquanto a *desconfiados*, devem sê-lo os Vianenses, como todos os Minhotos. É esse o defeito característico que mais os distingue dos seus vizinhos Trasmontanos. Quem bate a uma porta no Minho tem a certeza de ouvir, noventa vezes sobre cem, as seguintes perguntas: — *Quem está aí?... Quem é o senhor?... Quem procura?... Que lhe quer?...* Quem bate a uma porta em Trás-os-Montes tem iguais probalidades de ouvir uma única resposta: *Entre quem é*. O minhoto é humilde, re-

signado, sofredor; por isso, é timorato e precavido. O tramontano é resistente e arrebatado; por isso, é aberto e decisivo. Cada um tem os defeitos das suas virtudes e as boas qualidades dos seus defeitos.

Desconfiados, portanto, os de Viana, é natural. Desavin-dos entre si, não. Dizem-me que não há terra de menos intri-ga do que esta, e facilmente o creio perante a leitura dos seus periódicos, nos quais, durante oito dias consecutivos que eu aqui os li, se não descompôs ninguém!

Acabam de construir um lindo teatro, e têm uma assem-bleia recreativa, que é um dos mais extraordinários exemplos que se podem invocar em favor das vantagens da associação nas condições económicas da existência. Nas salas desta be-nemérita sociedade joga-se o bilhar, o voltarete e o *whist*, há um gabinete de leitura, com todos os jornais do País, o *Gil Blas* e o *Figaro*, e toma-se todas as noites, das nove para as dez horas, chá preto ou verde acompanhado de biscoitos, e servido por criados em *toilette*. Por tudo isto pagam os sócios um vintém por dia! A sociedade tem em caixa um fundo de economias na importância de 2000\$000 réis.

Além desta assembleia, existe em Viana um centro de arte: é a botica do comendador Reis, estabelecida na praça princi-pal da cidade. A esposa deste farmacêutico é artista insigne em bordados de toda a espécie e na confecção de flores artifi-ciais, não só de cera, de papel e de pano, mas de toda a matéria-prima, aparas de madeira, conchas, escamas, etc., pelo que tem tido menções honrosas em todos os certames artísticos e exposições de indústria celebradas no Porto, em Guimarães e em Braga.

O comendador não exerce senão acidentalmente as nobres artes, mas protege-as em todas as suas manifestações. Tem sido por vezes presidente da Associação dos Artistas de Via-na, e os seus discursos nas assembleias gerais dessa corpora-ção, se não vivem ainda na memória dos homens, vivem na do autor, a quem os ouvi repetir com particular estimação e apreço.

Tudo pelas artes — é a sua divisa fora da esfera farmacoló-gica. Emília das Neves e Taborda, a quem prestou relevantes e desinteressados serviços por ocasião da passagem desses

artistas por Viana, deixaram-lhe recordações entusiásticas, em que ele não mexe sem um abalo profundo. Para com os *litteratos habilitados* — ele próprio mo disse e não o esquecerei nunca — tem um fraco especial, e o maior gosto da sua vida, segundo as suas textuais palavras, *seria trazê-los pendurados ao pescoço*. A mim não me honrou com essa prova de agrado, nem eu a merecia — já porque me faltam talentos, já porque peso muito —, mas ofereceu-me em lembrança da minha modesta passagem pela sua histórica botica um cacho de uvas artificiais, obra de sua invenção, por ele manipulada nos ócios da ciência que profissionalmente cultiva. Entendi que a melhor maneira de me mostrar agradado e agradecido a esta dávida era começar por comê-la. Ele, porém, recusou-se modestamente a aceitar este testemunho de admiração, que tão grato foi a Apeles quando dado pelos pardais, e advertiu-me com razões plausíveis de que seria imprudente fazer das suas uvas qualquer outro uso que não fosse exclusivamente o *uso externo*.

O grande hotel da cidade é excelente. Em um vasto palácio do século passado, com os seus eirados ajardinados, os seus alegretes de azulejos, o seu quintal de horta e pomar dominado por um castanheiro enorme, com ruas de murta, e grandes muros verdes do veludo dos musgos e da vegetação minhota das candeias e dos choupilos, revestido de hortênsias e de roseiras por baixo das ramadas, esta honrada hospedaria provincial, com vastas salas de grande pé direito e nobres janelas de varanda, tem mais o ar de um solar de hóspedes do que de uma dessas casas antipáticas, modelo consagrado do hotel moderno, rectangular, com todos os quartos em fieira para a direita e para a esquerda, numa monotonia disciplinar de asilo, de quartel ou de cadeia.

Foi nesta hospedaria que por uma dessas incomparáveis manhãs do princípio do Outono no litoral do Minho, em que a luz ri por toda a amplidão do espaço, em que no vivo e hilariante azul do céu parece cantarem numa sinfonia de frescura os murmúrios da água juntamente com o perfume das violetas e com o pique das algas, que a morte de Eduardo

de Lemos, um dos beneméritos fundadores do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, falecido no quarto contíguo ao meu, me foi anunciada pelos gritos dilacerantes de uma senhora que caíra prostrada de desolação e de dor, abraçada à sua filha, num canapé do corredor defronte da minha porta.

Na tarde desse dia, o quarto mortuário fora convertido em câmara-ardente, e eu mudara do meu primitivo aposento para o extremo oposto da casa. Era um pequenino quarto remoto, sobre o quintal. A minha janela dava para a larga varanda de alpendre minhoto, em coluna de pedra, da qual se desce por uma escada descoberta para um pátio ligado ao jardim por uma cancela de pau pintada de vermelho, e coberta de rosas-de-toucar. Ao fundo, o castanheiro todo dourado pelo sol poente. Por cima da espessura verde-negra das laranjeiras rompiam em tons crus, de verde-salsa, os novos rebentos viçosos, túmidos de seiva. Vinha caindo a tarde. Triste, penetrado dessa vaga expressão de luto que a morte espalha misteriosamente por todos os aspectos das coisas, encostara-me à janela, quando tornei a ouvir — e não a ouvi mais depois disso — a voz da mesma senhora que de manhã caíra chorando no corredor. Haviam-na trazido um momento a respirar na varanda, ao ar livre. Então, como se ali, à luz do dia, em presença de todas as realidades da natureza, ela quisesse resolutamente penetrar em toda a verdade e inteiro convencimento de uma desgraça tão inesperada, tão imprevista, começou a dizer a si mesma, lentamente, espaçadamente, escutando-se como se o contasse a outro, ou como se outro lho contasse:

— O senhor Eduardo de Lemos morreu!... O senhor Eduardo de Lemos morreu!... Morreu o senhor Eduardo de Lemos!...

E depois de uma pausa, num paroxismo de pranto:

— Oh! meu bem!... oh! meu amado!... que te não torno a ver!

Arrosto com os preceitos da discrição para citar estas palavras tão íntimas em homenagem a esse pobre morto, por muitos títulos ilustre, porque tenho a certeza de que nunca a mesquinha arte dos que mais o veneraram encontrará nem em prosa, nem em verso, nem em mármore, nem em bronze, nada mais eloquente, nada mais profundamente terno, nada

mais tocantemente saudoso do que esse simples grito instintivo e supremo de um coração amante.

No dia seguinte levámos o finado ao pequeno cemitério de Santo António, no alto de uma colina sobranceira à cidade, envolto já no silêncio dos campos, todo plantado de velhos ciprestes e de túmulos brancos, sobre cujas urnas de mármore, onde a água das chuvas se represa, devem baixar confiadas na tranquilidade do sítio, a abeberar-se pela derradeira vez em terra para a travessia do oceano, as revoadas das andorinhas e das rolas, que emigram no Outono para as regiões do Sol. De lá se avista o vale, a ponta fronteira da terra da outra banda, a subida do Faro de Anha, e em baixo, entre a verdura tenra dos vimeiros, o espelho azul e tranquilo da água do Lima.

*O rio que verás tão sossegado
Que te parecerá que se arrepende
De levar água doce ao mar salgado.*

Poucos dias antes do da sua morte, Eduardo de Lemos, vindo passear ao cemitério de Santo António, achou que ele era um lugar bom para ficar. Foi também essa a impressão que eu de lá trouxe.

O mercado semanal em Viana celebra-se às sextas-feiras, num largo lanço de estrada macadamizada, à beira da água, ao pé do jardim. A feira é constituída por mulheres de todas as freguesias circunvizinhas, de aquém e de além-rio. Chegam de manhã, enfileiram-se ao lado umas das outras, em três ou quatro ordens de extensas alas paralelas, pousam no chão os cestos com as respectivas mercadorias, e vendem de pé à multidão que preenche os espaços intermediários de fila para fila, os ovos, a manteiga, o pano de linho, a sirguilha, as riscas, as rendas, todos os variados e curiosíssimos produtos das indústrias caseiras dos arredores. Não há uma barraca, nem um toldo, nem um guarda-sol aberto. O sol cai de chapa em cada figura, e a luz, intensíssima, verberada do límpido céu, refrangida pelo espelho do rio, inunda numa claridade triunfal, verdadeiramente gloriosa, esse vasto quadro deslumbrante.

As vestimentas das vendedoras, conservando aqui, excepcionalmente, toda a pureza do costume tradicional, são as mais pitorescas, as mais graciosas, as mais variadas de cor e de linha, as mais felizmente achadas para fazer realçar a graça das formas, a ondulação dos movimentos, o mimo da expressão feminil.

As saias curtas, descobrindo a base piramidal da perna nua, são de pano carmesim ou de sirguilha, de uma infinita variedade de combinações de lã urdida em estopa, em linho e em algodão: brancas às listras pretas, castanhas ou azuis; cinzentas às riscas vermelhas, azuis, castanhas ou brancas, numa enorme diversidade de tons. Camisas de grosso linho alvíssimo, mangas largas, bordadas em apanhados bizantinos no alto do braço, bordadas em entremeios abertos no mesmo linho sobre os ombros, bordadas ainda a linha de cores, à russa, nos canhões chatos, muito justos ao pulso. Grandes colarinhos redondos, de renda ou de linho, com barra de folho ou barra de renda. O colete muito curto, redondo na cinta, levemente espartilhado, vermelho, cinzento ou preto, sempre guarnecido de uma larga barra de veludo preto lavrado no estilo de Utreque, ordinariamente pespontado numa espiguilha de ouro ou de prata. Os cós das saias são invariavelmente de linho branco, com meio palmo de largura, em pregas miudíssimas, presas aos debruns encarnados, pretos ou azuis. Os aventais estreitinhos e curtos, encabeçados em funéus de linho bordado a cores, são de sirguilha com soberbos bordados em ponto de tapete, nos mais ricos tons de escarlata e de azul-persa. Brincos largos de filigrana de ouro. Colares de contas de ouro liso. Algibeiras pendentes da cintura, a um lado, em ampla *châtelaine* de pano, com aplicações policromas guarnecidas de lantejoulas. Os lenços da cabeça, em toucado de diversas formas, já em grande laço como na Alsácia, fazendo diadema sobre os cabelos apartados ao meio, já achatados no alto da cabeça, à semelhança do que usam as mulheres dos Apeninos, já envolvendo o rolo da trança sobre a nuca e caindo em duas pontas entre as espáduas, são ordinariamente vermelhos, de um magnífico vermelho ardente, de púrpura, cor da flor dos cactos.

Aponto à pressa, em notação de resumo telegráfico alguns tipos que se destacam aos meus olhos com mais particular relevo.

Uma velha. Sessenta a setenta anos. Rija e direita. Saia muito curta, cinzenta, com barra escarlate, altos tamancos, pernas secas e vermelhas, de perdiz. O lenço em desenhos persas, azul, verde e amarelo, prendendo a trança. Cabelo espesso, crespo, grisalho-claro, caindo na testa e formando suíças de cada lado do rosto. Grandes olhos pretos, nariz grego, dentes magníficos. Arrecadas de filigrana. Colar de grandes contas de ouro polido. Jaqueta curta, desabotoada, de pano azul-escuro com botões amarelos, mangas muito justas, gola inteira e redonda. Longo colarinho de folhos, fechada em bofe no peito. Vende leite.

Jovem viúva, tecedeira em Cardielos, Vende pano. Morena, olhos castanhos, boca fina. Cabelo louro em bandós lisos. Lenço de seda preta, atado em laço à alsaciana no alto da cabeça. Saia de linho branco em riscas de lã preta e barra preta. Camisa bordada a branco. Colete de pano preto, abotoado no peito com quatro botões de ouro liso dispostos em quadrado. Grande colarinho redondo cercado de renda engomada. Arrecadas e colar de ouro.

Outra tecedeira. Rapariga de Santa Marta. Busto cheio, solidamente modelado; cinta fina, cabelo louro anelado, olhos azuis, nariz levemente arrebitado, boquinha gorda. Colete azul bordado a vermelho e a ouro. Saia azul com listras e barra encarnadas. Camisa de folhos no peito e nos ombros. Algibeira vermelha com lantejoulas de ouro. Grande laço de algodão vermelho, em prato sobre a testa, contra o sol. O seu aspecto lembra uma festival fogueira do S. João, ardendo em pleno dia. Quando ri, nos dentes brancos e pequenos, toda ela parece crepitar num polvilhamento de luz, como um estilhaço de sol. Dir-se-ia que a sua juvenil e saudável figura rebenta do chão como uma planta em flor, e que ela saiu, assim vestida e penteada, com o seu cabaz à cabeça, da alegria da terra, como um grito de júbilo.

Outra, da Meadela. Vinte e cinco anos. Alta, delicada, de uma palidez quente, dourada ao sol. Olhos pretos, ensombrados por enormes pestanas. Grossos sobrolhos. Nariz recto. Uma penugem fina, de pêssago maduro, nas fontes e no beijo arqueado em flecha. Vestida de cinzento e azul. *Gorgerette* de rendas. Vende pano de linho, mas parece que o dá de presente, a tal ponto é senhoril a sua atitude artística, de Frineia vestida, pousando na feira de Viana como no areó-

pago de Atenas, direita, a cabeça alta, as duas mãos na cinta, esbelta como uma ânfora modelada em Paros por Praxíteles para levar de beber a Alcibíades.

Prezo-me de ter visto mulheres e de ter reparado nelas em alguns dos sítios onde mais famosas se tornaram as legendas da formosura. Vi-as celebradas pela arte nas melhores telas de Leonardo da Vinci, de Rafael e de Ticiano, de Velázquez e de Murillo, de Van Dyck e de Rubens, de Rembrandt, de Metsu e de Ary Scheffer, de Greuse, de Watteau e de Latour, de Reynolds e de Thomaz Lawrence. Vi-as nos próprios lugares onde vivem ainda as conterrâneas dos grandes tipos consagrados pela arte: em Hyde Park e em St. James Park, nos Champs Elysées e no Luxembourg; nas Delícias e no Prado; nas Galerias St. Hubert e no Bosque de Haya, no Square Brougham em Cannes e no Passeio dos Ingleses em Nice, no Trinkhalle de Bade, no Kursaal de Wiesbaden e no Palmengarten de Franckfurt; na terra de Espronceda, na terra de Byron, na terra de Musset, na terra de Goethe, em todas as velhas cidades flamengas, e nessa nevoenta e misteriosa Frísia, onde as raparigas, de um mimo sagrado e impoluto como o das flores do gelo, se diz descenderem das antigas sereias do mar do Norte.

Pois bem! eu acho-me hoje na obrigação de declarar que nunca, em parte alguma, vi mulheres mais bonitas do que algumas das que encontrei a vender na feira de Viana.

Impressionado por este fenómeno, procurei explicá-lo, e cheguei a esta conclusão: a mulher do campo de Viana é a mais bonita de Portugal simplesmente pela razão de que é, entre as mulheres portuguesas, a mais bem educada.

Esta questão é importante pelo seu lado pedagógico e pelo seu lado estético.

A mulher feia — e quando digo feia não somente me refiro à mulher de nariz torpe e de boca vilã, mas igualmente à mulher mal vestida e mal penteada —, a mulher plenamente feia é uma calamidade social. Ela é a desonra da sua raça, o eterno ridículo de seu marido, a tristeza de seus irmãos, a humilhação de seus pais.

Assim como a grande maioria dos crimes e a grande maioria das enfermidades, a fealdade é um produto do meio biológico e do meio social.

Em todo o caso de fealdade perfeitamente definida a socie-

dade tem uma parte de responsabilidade pelo modo como para determinar esse facto mórbido ela actuou sobre os modificadores físicos, químicos e biológicos que em cada país, em cada nação e em cada família envolvem por todos os lados o indivíduo, tanto no corpo como na alma, e, para assim dizer, enformam como num molde fatal o desenvolvimento da personalidade.

A acção da sociedade na fealdade das pessoas exerce-se pela parte que a sociedade tem na plantação das florestas, no regulamento do curso dos rios, na secação dos pântanos, no serviço das águas, nos sistemas de construção, nos métodos de limpeza pública, no regime da alimentação geral, e — finalmente — na orientação dos costumes.

Exemplifiquemos, porque esta exposição, assim resumida, pode parecer confusa.

A mulher de Lisboa — não temo dizê-lo, porque isto se acha referido por quantos viajantes têm visitado esta cidade — é das mais feias da Europa.

Vejamos porquê:

A mulher de Lisboa é feia pela persistência de influências que, actuando consecutivamente sobre os indivíduos, acabaram por determinar uma feição na raça, e essas influências são:

1.º — Enquanto aos agentes cósmicos, a falta de árvores, que amenizem o clima, suavizando a acção patogénica dos ventos ásperos e secos e da luz excessivamente crua, verberada das águas da baía e das montanhas escaldadas e saibrosas sobre o tegumento exterior dos habitantes, sobre as propriedades da pele e sobre o funcionamento dos músculos faciais. Na maior parte dos dias de céu descoberto em Lisboa ninguém se chega a uma janela nem sai à rua senão de óculos azuis ou de cara franzida e arrepanhada por todos os músculos, a fim de evitar o choque directo da luz sobre a retina. Neste meio físico as fatalidades da luta pela existência obrigam a opor à oftalmia uma visagem que em breve se torna habitual, pervertendo e deformando a expressão natural das fisionomias. Isto pelo que respeita à luz. Pela sua parte, a áspera secura de todos os ventos de norte e leste produz o cieiro e decompõe a pele;

2.º — Enquanto aos agentes físicos e químicos, a insuficiência e a carestia da água, a sombria tristeza dos saguões

na maioria dos prédios, a infecção das pias, ordinariamente situadas na própria cozinha das habitações, a escassez dos *squares*, dos parques e dos jardins, a raridade das flores ornamentais e das fontes decorativas, e finalmente a alimentação insuficiente e má. O defeito da alimentação dá a dispepsia. A falta de jardins e de parques, com a falta de flores e com a falta de fontes, atrofia os ossos das crianças por insuficiência de nutrição mineral, e leva indirectamente aos hábitos de desleixo e de porcaria;

3.º — Enquanto aos agentes sociológicos, a falta de institutos de educação física, a falta de museus e de galeiras de arte, a falta de ensino estético, o pelintrismo literário e poético, o mau gosto dos monumentos e dos edificios públicos, as estátuas reles, os prédios estúpidos.

Conhece-se a teoria das sugestões, por meio da qual se explica a acção dos aspectos exteriores das coisas nos fenómenos mentais, nos estados do espírito, e, por consequência, nas expressões fisionómicas. Nas cidades artísticas, como, por exemplo, em Paris, é fácil constatar que a exterioridade das coisas faz uma atmosfera espiritualizante que torna mais ou menos interessantes todas as figuras. Pelo contrário, nas cidades inestéticas há um ambiente de vulgaridade geral que achata, esfuma, apaga, apalerma tudo.

No campo de Viana a verdura da vegetação suaviza a luz; e a água doce do rio, serpentado e lento, poetiza a natureza como nas regiões dos lagos.

Não há influências sociais deletérias do gosto como nas vitrinas de algumas lojas do Porto e de Lisboa, onde, sob o pretexto de exposições de arte decorativa, se amontoa em estatuetas de porcelana, em falsos bronzes, em falsos charões, em oleografias, em flores de papel, em paisagens de cortiça e de miolo de sabugueiro, em cães de lã com olhos de vidro, em *toilettes* miseravelmente pretensiosas e em móveis baratos de uma luxuosidade grotesca, quanto a fancaria moderna tem produzido de mais cavilosamente ordinário, de mais catita, de mais flagrantemente pífilo.

Não se vê em cada dia, a cada hora, a cada canto, um desses mil chapéus idiotas que nas cidades sem educação de arte invadem a cada estação do ano os domínios da patologia

da moda, coroando penteados absurdos de senhoras por meio de fantásticas composições de pelúcia, de cetim ou de veludo affectando com os mais enfáticos desenvolvimentos as formas de tomates, de assobios, de talhadas de melancia, de tubos de chaminé ou de pratadas de lampreias de ovos.

Não se ouvem pianos encanzinadamente matraqueados por inocentes donzelas, imoladas por seus pais ao minotauro musical vulgarmente conhecido pelo nome de *Método de Carpentier*, pobres meninas troca-teclas, de orelhas inacessíveis a todo o sentimento da afinação e do compasso, com dedos igualmente refractários à agilidade da técnica e à vibratidade do talento.

Não há tão-pouco o formalismo de sociedade — outro agente de decomposição fisionómica — obrigando a pautar artificialmente, por via de sucessivas desarticulações, os gestos faciais do sorriso, do desdém, da afabilidade, do júbilo, da modéstia, da consternação, da sagacidade, da melancolia. Veja-se o que succede a qualquer de nós ao encontrarmo-nos com uma senhora que conhecemos: põe-se um dos sorrisos da variada colecção que possuímos para este efeito, divididos por categorias de intensidade segundo as pessoas a quem os conferimos, desde o número 1 até ao número 20, e tira-se concomitantemente o chapéu. Feitas as despedidas, depois da troca de cumprimentos recíprocos, torna a gente a pôr o chapéu, e com frequência succede esquecer-se de recolher conjuntamente o sorriso desabrochado, vendo-se neste caso indivíduos que por alguns momentos continuam a descer a rua sozinhos com a mesma cara especial que um pouco antes tinham armado para ocorrer à contracena da conversação. É preciso ter olhado para uma criatura, durante esses fugitivos instantes de transição entre a expressão do que ela quis parecer e a expressão do que ela realmente é, para obter toda a medida da toleima que pode expressar uma fisionomia.

A mulher do campo não está sujeita a nenhuma dessas influências deprimentes da normalidade da expressão no rosto humano.

Além disso, no campo de Viana a educação geral das mulheres corresponde, pelos elementos estéticos que dela decor-

rem, pelas faculdades que desenvolve e pelos hábitos que determina, a uma verdadeira *escola de beleza*.

A aldeã do distrito de Viana é, por via de regra, tecedeira. É preciso não se confundir o que no Minho se chama *tecedeira* com o que geralmente se entende por *teceloa*. A tecedeira de Viana não se emprega numa fábrica nem tem propriamente uma oficina. Sabe simplesmente tecer como a menina de Lisboa sabe fazer *crochet*; e junto da janela engrinaldada por um pé de videira o seu pequenino tear caseiro, como o da casta Penélope, tem o aspecto decorativo de um puro atributo familiar, como um cavalete de pintura ou um órgão de pedais no recanto de um salão. A tecedeira trabalha mais para si do que para os outros nesse velho tear herdado e transmitido de geração em geração, e não tece servilmente e automaticamente, como nas fábricas, sobre um padrão imposto pelo mestre da oficina, mas livremente, como artista, ao solto capricho da sua fantasia e do seu gosto, combinando as cores segundo os retalhos de lã de que dispõe, contrastando os tons e variando os desenhos ao seu arbítrio. Tecer em tais condições é educar a vista e o gosto para a selecção das formas num exercício infinitamente mais útil que o de todas as prendas de mãos com que nos colégios se atrofia a inteligência e se perverte a imaginação das meninas de estimação, ensinando-lhes ao mesmo tempo como se abastarda o trabalho e como se desonra a arte.

Além de tecedeira, toda a rapariga de Viana é também fiandeira, sabe cardar, sabe espadelar, e ela mesma se ocupa, com uma notável variedade de conhecimentos e de aptidões, de todos os processos por que passa a lã e o linho desde a tosquia do carneiro e desde a ceifa do linhal até à confecção completa da sua linda saia e da sua admirável camisa. Sabe ainda manejar os bilros e fazer as rendas, e sobra-lhe tempo de todas estas ocupações tão variadas e tão completas para deitar galinhas e para fabricar manteiga tão fina como a da Normandia.

Não é rara a rapariga que na feira de Viana vende simultaneamente todos estes produtos da sua indústria: as galinhas, os ovos, a manteiga, o pano de linho, o pano de lã, a sirguita, os bordados e a renda. Além do que, está dos pés à cabeça ricamente vestida pelo trabalho que ela só executou desde a primeira manipulação das substâncias primas toma-

das à matéria bruta até o último ponto da costura e a última malha da renda. De duas ovelhas, de uma leira de terra e de um punhado de semente ela extrai, pela sua aptidão e pelo seu talento, todo o enxoval do seu noivado e todo o bragal da sua família. Extrai ainda alguma coisa mais preciosa que tudo isso, e é o respeito dos outros e a dignidade de si mesma.

Toda a espécie de trabalho determina o desenvolvimento de uma faculdade correspondente e de uma virtude correlativa. Das ocupações habituais da mulher das margens do Lima procede a cultura das qualidades que a educação mais deve desenvolver no espírito e no carácter da mulher. Da multiplicidade das aptidões aplicadas a tarefas diferentes resulta a necessidade de uma justa divisão do tempo por um espírito de reflexão e de ordem. O movimento do tear contrabalança para a coordenação ginástica dos músculos o movimento dos bilros. A aplicação do desenho e das cores aos tecidos e aos bordados cria o sentimento estético, exerce a vista e desenvolve a atenção, a paciência, a contenção intelectual, a perseverança do espírito, a pacificação dos nervos. A variedade no trabalho, repartido por obras tão diversas como aquelas em que se emprega a mulher de Viana, aligeira o cansaço, corrige a preguiça do cérebro, mantém a alegria com a frescura da vontade, obsta aos enervados desfalecimentos e ao tenebroso desânimo que a inacção provoca, e livra de empalidecer indo ao luar colher o zimbros ou a erva moliana, e de parar pelas devesas na volta da feira a interrogar os cucos: — *Cuco da ramalheira, quantos anos me dás de solteira?*

O trabalho das rendas basta, por ele só, para criar os hábitos de simetria, de alinhamento, de asseio e de esmero, que necessariamente se comunicam da nitidez da operária a tudo que a rodeia — os seus vestidos, a sua casa.

O marido minhoto, por mais boçal e mais grosseiro que seja, tem pela mulher assim produtiva um respeito de subalterno para superior, e não a explora tão rudemente aqui como em outras regiões onde a fêmea do campónio se embrutece de espírito e proporcionalmente se desforma de corpo acompanhando o homem na lavra, na sacha e na escava, acarretando o estrume, rachando a lenha, matando o porco, pegando à sogra dos bois ou à rabiça do arado, e fazendo zoar

o mangual nas eiras, sob o sol a pino, à malha ciclópica da espiga zaborra.

À beira da água ou nas colinas virentes que ladeiam o rio, campeiam alguns antigos solares. De entre os maciços dos castanhais, aqui e ali, sobressai um muro torreado, alguns dentes escancelados de ameia, a cúpula bizantina de uma obscura capela; e com os nomes das quintas coincidem os de algumas famílias nobres como as dos Bretiandos, dos Almadás, dos Pamplonas, dos Pintos Correias, dos Pereiras da Cunha e dos Limas, viscondes da Cerveira e marqueses de Ponte do Lima.

Na Aguieira, uma ruína árabe; e em Cardielos, a torre de Moure com a sua lenda de D. Sapo filiada na tradição da *marketa* e no direito feudal do *eniambage*.

Conta-se que o cavaleiro Florentim Barreto, primeiro senhor de Cardielos, merecera a alcunha de D. Sapo, que deu o nome à terra, pela ávida e torpe lascívia com que exigia das noivas dos seus súbditos as primícias *primæ noctis*. Os de Cardielos, indignados por este duro monopólio na cobrança nupcial das flores de laranjeira, usaram, em legítima defesa da insídia, da metáfora, requerendo licença do rei para matar um *sapo* que por suas incontinências poluía e sevandijava os palmitos das donzelas na noite das bodas. Ao que o rei anuiu, por não saber que era do seu vassalo Florentim Barreto que tratava a petição. D. Sapo foi morto afrontosamente e empalado como um bicho asqueroso. O rei teve ao sabê-lo uma consternação profunda. Por onde os povos vieram no conhecimento histórico de que também não devia ser má peça o tal rei...

Enfim, se não houvesse mal que agourar de ninguém escusava também a gente de trazer consigo uma figa, de pregar na porta uma ferradura velha de besta muar, e de suspender do tecto um chavelho de carneiro!

Em Ponte do Lima, a ponte que deu o nome à vila é um dos mais antigos monumentos do seu género em Portugal. Assenta em vinte e quatro arcos, dos quais dezasseis em ogiva.

Foi reconstruída primeiramente por D. Pedro I, talvez sobre a ponte romana da época da via militar de Braga a Astorga, e depois por D. Manuel. Era entestada por duas belas torres, uma do lado de Arcozelo, outra do lado da vila, a que dava entrada por uma porta ogival. As guardas da ponte, assim como as duas torres, eram guarnecidas de ameias.

Com essa forma se conservou este curioso monumento até 1834. Depois, com o regime liberal, veio uma vereação que mandou arrasar as duas torres; e outra vereação, não querendo ficar atrás da primeira, mandou serrar as ameias que coroavam as guardas! O cinto de muralhas, com as suas cinco portas, as suas torres e as suas barbacãs, com que D. Pedro I fortificou a vila reedificada no século xiv, não caiu também inteiramente de *per si*, foram ainda as vereações municipais que sucessivamente se encarregaram de o fazer desaparecer.

O poder central, em sua alta e suprema indiferença pelos mais estúpidos atentados de que são objecto os monumentos mais veneráveis da arte e da história nacional, aprovou a uma por uma todas as marradas de preto-capoeira com que à municipalidade de Ponte do Lima aprovou derribar e destruir os mais belos vestígios architectónicos da gloriosa história da antiga vila e o próprio sentido heráldico das suas armas, nas quais em escudo de prata figura uma ponte entre duas torres.

Um dos raros edifícios históricos que ainda aqui se conservam de pé é o palácio dos antigos alcaides-mores, viscondes de Vila Nova de Cerveira desde Afonso V, mais tarde marqueses de Ponte do Lima, e primeira das famílias portuguesas cujo morgado teve o título de visconde.

Este palácio, edificado junto de uma das portas roqueiras da vila, que daí se chamou *porta do paço dos viscondes*, é uma linda construção do século xvi. A fachada, de uma leve e elegante curva reentrante, ladeada de duas torres quadradas, rendilhadas de ameias, consta de uma soberba porta e duas amplas janelas de labores manuelinos. Depois da morte do último marquês de Ponte do Lima — característico tipo de velho fidalgo português, que os amigos do conde de Castelo Melhor se lembrarão como eu de ter visto presidir aos seus jantares mais cerimoniaes invariavelmente embrulhado num gabão de briche — vendeu-se o paço dos viscondes a

um alfaiate da localidade. Este artífice, impellido por um arrojado impulso profissional, começou a usufruir a legítima posse do monumento deitando-lhe uns fundilhos. Assim foi que o actual senhor do histórico palácio dos alcaides-mores de Ponte do Lima me proporcionou a fantástica surpresa de ver aberta ao meio de cada uma das suas duas torres de estratégia feudal, inteiriças, fendidas de seteiras e coroadas de ameias góticas, uma grande janela de sacada, no mais chato e mais barato estilo de mestre-de-obras contemporâneas, com a sua caixilharia feita à máquina e a sua competente varanda de ferro fundido pintada de verde!

Estou certo de que este alfaiate é de há muito vereador na sua terra, mas parece-me coerente que o façam também deputado. É bom aproxiná-lo o mais possível dos sete que tais que lá estão no governo a acabar de matar a aranha simbólica da nossa tradição artística.

As aldeias minhotas — A administração e a polícia rural — A lavoura —
Indústrias agrícolas e indústrias caseiras — A ingorância — A miséria —
A acção do Estado.

Janeiro, 1885.

No Porto, *greve* dos carreiros, e tentativa de revolta contra a medida municipal que eleva de 120 a 200 réis o imposto da entrada de cada carro dentro das barreiras da cidade.

No Porto não há, como em Lisboa, uma corporação de carroceiros. Os transportes de mercadorias são feitos em carros de lavoura, puxados por bois, que os pequenos cultivadores dos arredores trazem à cidade, em busca de um lucro suplementar à mesquinha indústria da terra. Este motim coloca-nos em presença de uma classe que desde a Maria da Fonte até hoje não tornou a fazer falar de si, e que todavia me parece merecer a atenção, não direi da política, a qual se não importa com essas coisas, mas da crónica.

Nada menos estudado e mais digno de estudo do que uma aldeia minhota depois das reformas administrativas e judiciais com que os governos liberais têm sucessivamente brindado este povo, para o fim de o tornar cada vez mais rico, mais próspero e mais jucundo.

Tão sábias medidas deram em resultado que, no ano do nascimento de Cristo a que somos chegados, na aldeia do Minho cessou inteiramente de haver administração e de haver justiça.

Polícia rural não existe. O chamado *cabo de polícia* é um pequeno agricultor como qualquer outro, que passa a vida a cavar, e não lhe chega o tempo para guardar o que é seu, quanto mais para vigiar o que é dos estranhos.

O regedor, nomeado única e exclusivamente para fazer as eleições de modo que a autoridade triunfe seja porque

meio for, é, segundo as exigências do seu cargo, o homem mais enredador, o mais valentão e o mais barulhento do sítio.

O juiz ordinário habita na cabeça do julgado, assim como o juiz de direito na cabeça da comarca, e nenhum desses altos funcionários se desaloja facilmente para vir por montes e vales apanhar um tifo com as solheiras do Verão ou um pleuriz com as chuvas e as lamas do Inverno, para fazer justiça em lugares inóspidos habitados por gente humilde, e invariavelmente designados entre magistrados das vilas e das cidades pelo nome de povoações de selvagens.

Foi irreparável para o exercício da justiça nas aldeias a falta do velho e amigável *juiz eleito*, tão cruelmente maltratado nas farsas e nos entremeses do tempo do Romantismo, e suprimido da lei há doze anos por um governo que provavelmente o não conhecia senão do Teatro do Ginásio, onde o referido cargo era em geral da atribuição cómica do actor Taborda.

Quando além do regedor se cria na aldeia um homem que endinheira e que tem pulso, esse homem converte-se num mandão, e exerce uma autoridade tão arbitrária e tão absoluta como a dos antigos capitães-mores.

Num lugar perto do Porto, um desses figurões, de profissão moleiro, apanhou uma mulher em furto flagrante de uma pequena porção de farinha; estendeu-a em cima da mó, e aplicou-lho com um fueiro uma tão desalmada sova que a mulher caiu exânime no caminho de casa, precisamente à porta do regedor, que a recolheu por caridade.

Estava moribunda e foi sacramentada no dia seguinte. Um amigo meu mandou tratá-la pelo seu médico durante quinze dias, ao cabo dos quais foi transportada ao hospital do Porto, sobre um colchão, num carro de bois, e lá esteve em curativo meses. Esta mulher nunca disse quem lhe bateu, para não ir para a costa de África por ladra. O regedor não procedeu contra o moleiro, porque lhe devia moeda e meia, e além disso precisava dele para as eleições, porque o moleiro tinha metade dos votos da freguesia fechados na mão. Do bárbaro espancamento dessa desgraça, que ficou arrasada de saúde e impossibilitada de continuar a trabalhar durante o resto da sua vida, não resultou mais nada senão este caso benéfico para as instituições: que o moleiro levou a sua gente a votar

com o regedor, e o Governo triunfou por unanimidade nesta freguesia pelas eleições imediatas.

Ao pé de Guimarães há um taberneiro que fabrica em cada ano duas pipas de vinho. Com essas duas pipas taberneira, baldroca e aquartilha seis, e com isso mantém o seu giro de comércio e alimenta a sua família durante o ano todo. Este taberneiro não possui uma única cepa e nunca de memória de homem comprou um cacho de uvas. Tem um giro vindimo para si, tem mais tantos giros vindimos quantas são as pessoas de sua família; e, quando Deus Nosso Senhor amadurece as uvas, ele, previdente e exacto como uma força supranumerária da sábia natureza, furta-as com a mesma regularidade perfeita e iniludível com que a videira as dá.

Um proprietário meu conhecido, de uma aldeia do distrito de Braga, fez há oito anos uma grande plantação de damasqueiros, que têm produzido largamente, mas dos quais ele ainda não conseguiu provar um único fruto. Também em compensação nunca teve tão-pouco o trabalho de os colher. São os vizinhos que invariavelmente se encarregam de toda essa maçada.

Nas aldeias, onde, em vez de um único mandão, há dois, o que é frequente, a população divide-se em dois bandos: o bando A e o bando B. Quando alguém do bando A faz uma morte, A livra-o. Quando a morte é feita por alguém do outro bando, quem o livra é B.

Que faz o Estado com relação à segurança e aos interesses das aldeias, cuja população cobre a maior parte do território continental português?

A grande verdade é que o Estado não faz coisa alguma.

O Governo central abandonou totalmente a aldeia, confiando-a à Junta de Paróquia, à Câmara Municipal e à Junta Geral do Distrito. Essas três bombas aspirantes da substância pecuniária do contribuinte não deixam coalhar-lhe dois vinténs no bolso.

Diz-se e repete-se todos os dias que o proprietário do Norte do País paga pouco. A isto respondia o meu amigo conde de Margaride, em uma reunião de deputados em Lisboa, que, se quisessem dar-lhe pelos seus bens uma soma equivalente ao juro de dez vezes o que ele paga de imposto, imediata-

mente ele cederia por venda ao autor dessa proposta todos os avultados bens que possui no distrito de Braga. Ora os pequenos proprietários estão colectados em muito mais altas proporções do que os grandes.

A propriedade minhota não está somente muito dividida por numerosos possuidores, está ainda — e é esse um dos seus caracteres mais especiais — miudamente retalhada com relação à casa de cada um. Os bens de cada proprietário constam de uma porção mais ou menos numerosa de glebas dispersas: uma leira separada das leiras circunvizinhas pelos pequenos carvalhos encavalados pelas uveiras, ou por meio de um simples rego enquadrado no meio da agra colectiva com um caminho comum; mais longe outra leira; aqui a terra seca; além o lameiro; acolá a bouça, o chão de pinhal ou o souto de castanheiros. A rega nas agras faz-se pelo tradicional costume de *torna em torna*. A água vai correndo sucessivamente de campinho em campinho. Uma buzina dá o sinal para que cada consorte venha tomar o rego. Quem não está à buzina perde a vez, e o rego de água passa adiante à leira do vizinho. Daí, frequentes conflitos que ou se resolvem ao varapau e à choupa, ou se submetem ao *letrado* e ficam sendo objecto judicial de litígio em infindáveis demandas.

Esta circunstância peculiar e característica de toda a lavoura do Minho, além de encarecer e dificultar consideravelmente o amanho das terras, submete o proprietário aos mais complicados trâmites nas suas relações com o fisco. Há lavrador de pequena casa, cujos bens se acham, todavia, dispersos sob a jurisdição de sei ou oito freguesias. São outras tantas juntas de paróquia, constantes de cinco membros electivos cada uma, são outros tantos regedores, outros tantos escrivães e outros tantos párocos, macerando com as côngruas, com as contribuições directas, com as derramas suplementares, um pobre homem que pela dispersão da sua propriedade pertence a oito freguesias, podendo por esse facto enterrar-se em todas elas, mas não podendo votar senão em uma!

Em nenhuma outra região é o cultivador tão rotineiro, e em nenhuma outra talvez é a rotina da cultura mais empírica e mais ruínosa.

A pequena dosagem dos princípios calcários, não só na constituição do solo como na da atmosfera, em uma grande parte do Minho, influi na alimentação das plantas e na ossatura dos animais. Exceptuando o boi barrosão, todo o animal minhoto, ainda que gordo, é pequeno — pequena a vaca, pequeno o cavalo, o carneiro, o porco, o cão. Basta comparar o podengo do Minho com o Alentejo para ter a medida desta diferença.

No desenvolvimento das plantas, a insuficiência de calcário é compensada pela abundância das águas, peculiar de todos os países graníticos.

A água, que é, pois, a grande, a suprema riqueza minhota, determinando o alastramento da população rural, o fraccionamento da propriedade e as formas rurais da pequena cultura, é, por inaptidão do habitante, perdida em grande parte e desgovernada sempre. As torrentes pluviais são absolutamente desprezadas, e não só não são devidamente captadas, quer para aumentar pela infiltração o débito das fontes, quer para a rega directa no tempo das estiagens, mas produzem ainda enormes prejuízos na economia da região pauperizando o solo pelo facto de levarem para os rios a camada mais pingue dos terrenos de encosta.

Outro elemento de primeira importância para a fertilidade das terras amanhadas é o mato dos chãos de bravio constituindo a *bouça* complementar de toda a propriedade rústica.

Essas glebas cobertas de sarças montesinas, cujas manchas de um tom verde-bronze tão particularmente caracterizam o pitoresco da campina minhota, constituem uma variedade de pastios que em certas épocas do ano podem substituir os prados, dão combustível aos lares, fornecem cama para os currais e são parte preponderante das montureiras, contribuindo como adubo da terra para a nutrição das plantas com o ácido fosfórico e com o calcário.

O lavrador tem, não obstante, com relação ao aproveitamento do mato, a mesma falta de noções que o distinguem no aproveitamento da água.

A prestimosa boucinha é por ele desalmadamente roçada à enxada, em qualquer época do ano, segundo as necessidades da limpeza do estábulo, do chão do quinteiro ou da pilha do estrume, quando os mais rudimentares preceitos da cultura inteligente aconselhariam a não prejudicar as raízes e os re-

bentos roçando o mato por maceração, à sachola, mas sim segando-o sistematicamente e no tempo próprio com a fouce roçadoura. Depois, no monturo desabrigado, o mato, exposto ao sol e à chuva, para o fim de ser esmagado sob as pegadas da gente e do gado antes de se empilhar com o que se retira fermentado das cortes, perde pela decomposição muito dos princípios nutritivos de que nativamente dispunha. Desperdício enorme!

Além do comércio do boi criado para a exportação, o agricultor cultiva milho e fabrica o vinho verde.

Acerca do estado destas diversas indústrias, escreve um distinto agrónomo, o Sr. J. da Mota Prego, as seguintes linhas, impressas na *Revista de Guimarães*, valiosa publicação da benemérita Sociedade Martins Sarmento:

«À falta de uma exportação que uniformize o valor dos produtos junta-se uma péssima agricultura, sem ciência, sem arte, sem economia. Faz dó percorrer as campinas do Minho quando os trabalhos agrícolas são mais intensos: vê-se uma agricultura bárbara, em que só um terreno generoso pode pagar a ingratidão de um mau fabrico. Não se dão às terras as lavras prescritas pela ciência; os adubos são maus, porque as montureiras perderam ao tempo os princípios azotados que lhes davam a fertilidade, e são empregados em menor quantidade do que requer uma cultura intensiva; o afolhamento é ao acaso, ignorando-se que é da conveniente ordem das culturas que em grande parte depende a sua boa produção; os adubos minerais, aplicados como correctivos, são desconhecidos; as forragens gastam-se segundo a maior ou menor abundância, não se regularizando a sua administração, quer por meio da ensilagem, querendo-as dar em verde, quer regando-as nos tempos convenientes; e quantas vezes ao erro de uma ceifa intempestiva se soma o da lixívia pela chuva, que lhes rouba uma grande parte dos princípios nutritivos! As palhas ressentem-se da sua má conservação; descursa-se a hygiene dos gados, que vivem numa atmosfera onde o oxigénio falta e abundam os princípios tóxicos das fermentações; alimenta-se um animal para trabalho como para a engorda ou para a lactação: uma série de práticas insustentáveis, um geral esbanjamento agrícola, que arrasta os rendeiros à miséria! Cruel ignorância, que consome vidas e vidas a mourejar e a cavar a terra ingrata, e

que deixa os cultivadores a mendigar no fim da vida o pão de cada dia.»

Sendo o vinho verde o mais importante dos produtos agrícolas da província, sendo perfeitamente adequado aos interesses da terra o sistema tradicional da vinha alta ou vinha de enforcado, o agricultor minhoto não pode deixar amadurecer os cachos nas uveiras, e vindima em verde para que lhe não comam as uvas antes do tempo de as deitar ao lagar. Além desta imperfeição, inevitável pela falta de polícia, há — como fez notar o professor Lapa — consideráveis erros em curso nos métodos de podar a cepa e de tratar o mosto e o vinho, quer no lagar, quer na pipa.

A produção está naturalmente longe de atingir o que se devia esperar. O minhoto tira, em máximo, de cada hectare de terreno catorze hectolitros de milho e onze de trigo, enquanto em Inglaterra, por exemplo, se colhem sobre igual superfície de terreno quarenta hectolitros ou seja o *tresdobro* da produção portuguesa. Este défice procede principalmente da pobreza das adubações. Para que a cultura cerealífera atingisse no Minho condições remuneradoras, independentemente da protecção do Estado pelo imposto de importação sobre os cereais estrangeiros, seria preciso que houvesse prados onde se criassem gados que produzissem estrume.

A criação da vaca leiteira e a indústria dos lacticínios seriam a riqueza, a prosperidade e a abundância de toda a região de Entre Douro e Minho, cujos habitantes emigram hoje aos centenaes por ano, expulsos da terra pela miséria e pela fome. Em um solo privilegiado com as melhores condições para a produção forraginosa, com proveito da tradicional cultura cerealífera, e um país que importa em cada ano seiscentos contos de queijo e de manteiga, não há um único rendeiro minhoto que saiba cultivar um prado e alimentar uma vaca de leite!

Existe na Prússia, desde 1821, e tem-se consecutivamente dilatado por toda a Alemanha, uma lei chamada da *reunião das parcelas territoriais*. Em virtude desta lei, desde que um certo número de proprietários o solicite, uma comissão competente procede por via de trocas combinadas à reunião em torno da habitação de cada um dos diversos retalhos de ter-

reno que ele possuía dispersos e encravados da propriedade dos outros. Os primeiros ensaios para a realização desta medida fizeram-se lentamente, através de enormes dificuldades. O governo prussiano persistiu com paciência e tenacidade. A prática removeu a pouco e pouco todos os estorvos que dificultavam a execução da lei, a ponto de que chega a exceder um milhão de hectares por ano a quantidade dos terrenos sobre que ela se applicou. Deste remanuseamento da propriedade rural, feito quase sem despesa alguma, sem aumento de imposto ou de qualquer outro novo encargo para o proprietário, além de uma considerável vantagem geral proveniente do fácil saneamento dos tratos do solo insalubre, da abertura de novos caminhos, de uma considerável utilização de espaço ocupado por muros e por valados, de um mais lógico, mais equitativo e mais perfeito regime das águas de rega e de lima, etc., resultou, pela economia de trabalho e pelas facilidades de atenção e de vigilância no amanho da terra, um progresso de cultura e um aumento de rendimento que, segundo as mais exactas estatísticas, se avalia em trinta a quarenta por cento.

Há, como esta, toda uma série de pequenas leis, de há muito sancionadas pela experiência e referendadas pela prática de países agrícolas como a Alemanha, a Suíça, a Inglaterra, a França e os Estados Unidos, e tendo por objecto a remodelação da propriedade rural, a simplificação dos contratos que lhe são relativos, a organização do trabalho agrícola, a máxima riqueza da terra e o maior bem-estar do lavrador.

Com o estabelecimento de algumas escolas agrícolas, quatro ou cinco destas leis, humildemente estudadas, honradamente discutidas pelos homens técnicos e por aqueles a cujos interesses elas se dirigem, não no parlatório de S. Bento mas no próprio âmago do conflito local da região a que houvessem de ser applicadas, dariam, sendo exacta e rigorosamente postas em prática pelos poderes públicos, os resultados mais decisivos para a regeneração económica e social da povoação minhota, a qual no estado presente morreria de fome se lhe faltassem os suprimentos orçamentais dos emigrados no Brasil.

Ignoram os legisladores portugueses que existem semelhantes leis lá fora e tais misérias no seu país, ou entendem

simplesmente que não foi para se ocuparem de uma tal ordem de estudos que o Governo os mandou propor pelos seus regedores aos eleitores que o votaram?

Não sei.

A instrução pública da aldeia é uma ficção verdadeiramente irrisória. O censo de 1878 demonstrou pela estatística da instrução elementar que, no distrito de Braga, de mil indivíduos são inteiramente analfabetos oitocentos e onze! No distrito de Viana o número de analfabetos é de setecentos e noventa e nove por mil. Deduza-se da escassa porção dos que sabem ler e escrever, ou apenas sabem ler, os habitantes das capitais dos distritos e dos concelhos, das cidades e das vilas, e não será difícil concluir *a priori* que em regra geral nas aldeias minhotas ninguém sabe ler. E essa é a verdade.

Em toda esta região eminentemente cultivadora não há uma só escola agrícola, nem um único posto agronómico!

O ensino técnico ambulante por meio de missões agrícolas seria, juntamente com os comícios rurais, o meio mais próprio para vulgarizar nestes lugares a ciência da cultura. Creio, porém, que desde a excursão do ilustre professor João Inácio Ferreira Lapa, e do comício agrícola que por essa ocasião se instituiu em Braga, ninguém mais se ocupou desta forma de semear conhecimentos.

Alguns escritores da maior autoridade e da mais provada competência, à frente dos quais eu citarei pelos seus belos estudos de economia rural na região do Minho o Sr. Alberto Sampaio, têm esclarecido nos últimos tempos muitas questões importantíssimas para o interesse dos cultivadores. Mas estamos aqui muito longe das aldeias suíças, onde não há família que não assine e que não leia uma, pelo menos, das revistas agrícolas do seu cantão.

As juntas de paróquia, que exercem um poder quase inteiramente discricionário e absoluto, são elas mesmas constituídas por indivíduos que em geral não sabem ler nem escrever, pois, segundo a lei, não fazem parte da junta paroquial nem o pároco, nem o mestre-escola, nem o regedor, os quais por via de regra são as únicas pessoas da freguesia mais ou menos superficialmente relacionadas com as primeiras letras.

As leis feitas em Lisboa são, como toda a gente sabe, uma coisa tão subalterna para a atenção dos legisladores que na grande maioria dos casos dentro do próprio santuário das Cortes ninguém as entende senão o relator da comissão que as fez. Mais tarde vêm as portarias interpretativas. Como cada ministro interpreta a seu modo, a portaria mais recente revoga por própria conta e risco a interpretação da portaria anterior. Se nos tribunais de Lisboa e Porto é enorme a confusão proveniente desta insondável trapalhada, imagine-se o que sucederá num longínquo julgado sertanejo!

Os atentados cometidos em nome da lei são tão monstruosos como aqueles que a desdizem ou a violam. Numa comarca do Minho abre-se um testamento rubricado em todas as folhas excepto na última, onde o testador entendera, com razão, que a assinatura tornava ociosa a rubrica. Como porém a lei dispõe que sejam rubricadas todas as páginas, o testamento de que se trata foi anulado!

O tipo histórico da propriedade está cada vez mais obliterado e ela cada vez mais dispersa pela legislação moderna, principalmente pela abolição dos prazos e pela contribuição do registo.

Algumas importantes indústrias locais, indústrias auxiliares da lavoura, e indústrias caseiras, como a dos ferreiros, como a dos ourives, morreram pela transformação económica ou mecânica do trabalho, ou pela concorrência estrangeira; e não há indústrias novas que substituam as antigas.

O número dos ourives de tradição árabe que nos concelhos rurais do Minho acumulam esta pequena indústria com a da lavoura era há cerca de dez anos o triplo do que hoje é. Desde a introdução do ouro francês em 1870, oitocentas pessoas têm sido expulsas pela concorrência do trabalho da ourivesaria tradicional.

As antigas ferrarias do distrito de Braga, do concelho da Maia e de Penafiel fecharam todas no decurso dos últimos quinze anos. O vasto fabrico das candeias de ferro, usadas em todos os casais e exportadas para a África e para o Brasil, cessou pela introdução do petróleo. O prego batido desapareceu perante a invasão do prego de arame fabricado à máquina nas grandes oficinas a vapor de Lisboa e Porto.

Nada mais melancólico, ao longo das antigas estradas carruajadas pela mala-posta e pelas diligências de Braga, do que o aspecto desses sucessivos pardieiros abandonados e enegrecidos que há tão poucos anos ainda eram as simpáticas oficinas dos ferreiros, onde logo ao romper do dia os caçadores e os viajantes ouviam repicar os malhos na bigorna, enquanto o fole de ferreiro ateava arquejante ao fundo das abanas o rubro e alegre clarão das forjas!

Há nas cidades e nas grandes vilas a fundição e a serralharia moderna, mas o antigo ferreiro, o modesto ferreirinho da tradição popular, desapareceu de todo, e já não há pelos caminhos a quem aplicar o inutilizado apodo:

*Ferreiro da maldição
Quando tem ferro
Não tem carvão!*

A indústria de tradição pastoral da chamada *louça de pau*, a fabricação das gamelas, das concas e das colheres, declina também pela introdução de análogos utensílios feitos de ferro estrangeiro; nesse vasto cemitério que outrora foi a área das nossas indústrias rurais, o tamanqueiro é dos poucos sobreviventes, para pouco tempo decerto, porque os seus dias estão contados, como os do carpinteiro de carros, de rodas maciças iguais às das carretas celtas, e os do entalhador de jugos de bois, tão admiravelmente esculpidos.

A indústria da construção naval acha-se extinta em toda a costa; e com a decadência da navegação definhou a indústria das rendas e a das cordas.

Das terras de Trás-os-Montes acabou de desaparecer há dez anos a cultura do bicho-da-seda e a fabricação das sedas admiráveis e dos veludos já famosos do século XVI.

A olaria, de todas as nossas indústrias tradicionais a de evolução mais completa depois da ourivesaria, e portanto das de maior valor etnológico, tende a transformar-se em indústria de concorrência, e está ameaçada de perder em pouco tempo o carácter local que lhe imprime a espontânea inspiração do povo.

Persiste também, felizmente indisputado, o fabricante de cestos; mas esta indústria não ocupa em geral o operário senão por um curto espaço do ano. Na Maia, em um dos pri-

meiros domingos depois do corte dos vimeiros, as raparigas vão em festa ao som da *Chula* e da *Caninha Verde*, tangidas pelas rabeças e pelos clarinetes da freguesia, depor em casa do açafateiro, que as espera com aparato, os molhos de vimes representando a encomenda do ano. Quando o açafateiro tem feito tantos canastréis quantas as molhadas que lhe levaram, anuncia o sucesso de lugar em lugar por meio do bando do Zé-Pereira, composto de um bombo e de uma caixa de rufo; e as raparigas voltam, com a *Chula* à frente, a receber a obra que o açafateiro distribui às danças.

É do deperhecimento de tantas antigas indústrias rurais ou caseiras que provém o emprego dos agricultores no tráfego das mercadorias e no transporte de cargas — nova indústria boçal, prejudicialíssima aos interesses agrícolas, porque distrai da terra, da casa e da família a presença do cultivador, dá maus costumes vagabundos, de arrieiro e de almocreve, empobrece as forças nervosas do homem, emagrece os bois, e cerceia ao adubo dos campos o estrume desbaratado pelo macadame das estradas e pelas ruas do Porto.

Da indústria do carreiro deriva directamente a do homem que vai à bosta, e é esta a derradeira expressão do trabalho a que o Governo da nação destina a actividade do cultivador minhoto.

A bosta! — é a última palavra da sabedoria do Governo aplicada à sorte das aldeias do Minho, e é boa palavra porque resume tudo. Por isso, com o devido respeito aos poderes públicos, eu a encaixilho nesta página.

No meio de uma população tão densa como a população do Minho, onde para cada cem hectares de terra há cento e vinte habitantes, enquanto no Alentejo não há senão treze, vêem-se quebradas de serra onde a habitação de cada família consta de uma só peça, onde dormem promiscuamente à roda do lar o marido, a mulher, os filhos e muitas vezes o porco. Num raio de duas léguas em redondo há cabanas idênticas, mas não há uma escola, não há uma botica, não há um médico.

A única autoridade moral, o único poder de espírito é o do abade. E fala-se ainda algumas vezes entre os filósofos de Lisboa na separação da Igreja e do Estado, e na liberdade

dos cultos! Suprimam o culto oficial no Minho, e a população rural fica inteiramente acéfala.

Sendo geralmente a ração média de um português, em carne e em pão, de um quarto da ração de um francês, nos casais a que me refiro nenhum habitante chega a ter metade da alimentação indispensável a um trabalhador robusto e laborioso.

E esta lamentável gente, completamente esquecida da civilização, inteiramente separada por todos os vínculos, excepto pelo do imposto, da administração central, da administração distrital, da administração municipal, da administração paroquial; esta gente, a quem faltam os meios de ocorrer às primeiras necessidades da casa, do vestuário, da alimentação, paga pontualmente, iniludivelmente, para todas as necessidades da paróquia, da municipalidade, do distrito e do Estado: paga para o Exército, paga para a Polícia, paga para as ruas, paga para os jardins, paga para os liceus, paga para as escolas! E como nenhum benefício recolhe do dinheiro com que contribui, a aldeia é pura e simplesmente roubada pela paróquia, pela municipalidade, pelo distrito e pelo Governo, do modo mais despótico e iníquo.

Quando a Câmara Municipal do Porto deliberou que o pequeno cultivador das redondezas da cidade tinha lucros sobejos, hauridos da sua indústria de carreteiro, e podia muito bem pagar à barreira dois tostões em vez de seis vinténs pela entrada da sua junta de boizinhos magros, louros e anémicos, e pela sua tosca e esguia carreta gaulesa, do tempo de Constantino, o minhoto, fazendo uma excepção aos seus hábitos de velho servo humilde, fez parede com alguns companheiros, e dispõe-se a castigar a chuço e a cajado aqueles que se avençassem com os portageiros portuenses para o pagamento da nova taxa.

Um pequeno troço de cavalaria às ordens da vereação espadeirou os recalcitrantes; o novo tributo satisfiz-se, e os carros das pequenas lavouras voltaram a andar ao fanico dentro da cidade, às terças-feiras, quintas e sábados, como de costume.

Os jornais affectos à vereação do Porto provaram por meio dos mais engenhosos cálculos que um carreiro, pagando apenas 200 réis, vinha em rigor a pagar muito menos do que pagava desembolsando 120. E toda a gente, principalmente aquella que nada percebera do modo como se fazia esta conta, se deu por convencida e por edificada sobre o assunto.

A Câmara do Porto passou a receber e a aplicar aos melhoramentos do baluarte da liberdade e da febre tifóide mais 40 réis por cabeça de boi de fanico; e, enquanto estas coisas se passavam, as Cortes, em sua imperturbável sabedoria, continuaram a dar-lhe para a frente com a cegarrega da resposta ao discurso da Coroa.

Quando acabam de responder a esse discurso os deputados enviam para a província, sobrescritados aos quarenta maiores contribuintes dos seus respectivos círculos, os *Diários* da Câmara em que se acha arquivado o nariz-de-cera que cada um meteu na discussão.

É talvez a estas dádivas periódicas de eloquência cada vez mais gasta e mais safada — único sinal de que existe um governo parlamentar — que nas aldeias se refere a expressiva cantiga:

*De Lisboa me mandaram
Um presente com seu molho:
As costelas duma pulga,
O coração de um pioelho!*

O Natal minhoto — O presépio — A consoada — A ceia da família.

É dia de Natal.

A cidade amanheceu alegre no céu fresco e azul. Os carrilhões das igrejas repicam festivamente. As salsicharias, os restaurantes, as pastelarias, ostentam em exposição os seus produtos mais apetitosos: os grandes porcos, de couro nitidamente barbeado, suspensos do tecto com a cabeça para baixo; as salsichas e os chouriços de sangue pendentes em bambolim; as cabeças de vitela, de uma palidez linfática, rodeadas de agriões; os perus gordos como ventres de cônegos, com o papo recheado pela respectiva cabidela; as *galantines* marmoreadas; as louras perdizes postas em pirâmide; as costeletas; as geleias de reflexos cor de topázio; as verduras de salsa picada; os grossos molhos opulentos dos espargos; os bolos do Natal: os fartes, os sonhos, os morgados, as filhós, as queijadas, os *christmas-kacks*, os *puddings*, os *bombons glacés*.

E a profusão destas exposições dá às ruas o aspecto culinário da abundância, da plenitude.

Os ramalhetes de violetas, com o seu colarinho feito de duas malvas, estendem-se de todos os lados para as casas dos paletós, e perfumam o ambiente com uma frescura orvalhada. Os cabazes das camélias cintilam como grandes esmaltes. As lojas de bijutarias armaram o grande pinheiro do Natal, cujas hastes desabrocham em cartuchos de amêndoas, em cartonagens douradas, em animais de quase todas as espécies recolhidas na Arca, em *cabriolets* de lata, em cavalos de cartão, em palhaços vermelhos que tocam pratos, e em lindas bonecas vestidas de cetim com os seus *pufs*, os seus *chignons* e os seus regalos.

Lisboa inteira passeia na vasta alegria do sol. Os homens

trazem os seus embrulhos, as mulheres levam os seus filhos pela mão.

As meninas, vestidas de novo, em grande *toilette*, frescas como lilases, com os seus narizinhos rosados pelo nordeste, dirigem-se ao baile infantil, organizado no salão de um teatro por uma associação de senhoras, em favor de um estabelecimento de beneficência.

O piano, em alegres esfuziadas, chama à quadrilha as jovens damas de quatro anos e os pequenos cavalheiros seus pares. A árvore de Natal braceja as dádivas encantadoras sobre o grande baile em miniatura...

Ide, queridos amiguinhos, ide divertir-vos! Aquele que vos fala já foi em tempo — há bom tempo! — aquilo que vós hoje sois, e teve também a sua festa inteiramente desanuviada, absolutamente feliz como a vossa. A única diferença é que, nessa remota idade e no obscuro canto da província em que ele nasceu, a *Árvore do Natal* era ainda uma instituição desconhecida. Era uma terra bárbara aquela em que este pai-avô veio à luz e que tantas vezes ele percorreu, já periclitante na imperial de trémulas e arrastadas diligências, já a cavalo de baixo de um amplo capote de cabeções, já a pé, só, com um bordão!

Ele conhecia-a nesse tempo como o seu próprio quarto, a essa terra; tinha de cor o número das covas no macadame das estradas, os buracos dos velhos muros por onde rompiam os musgos e as madressilvas, os brancos campanários das igrejas situadas no fundo dos vales, entre as nogueiras e os carvalhos, ao cabo dos longos tapetes formados pela superfície variegada dos campos de trevo. Sabia em que casais se bebia o melhor leite nas manhãs de Verão, e em que rios se pescavam à linha os salmões mais saborosos e as mais volumosas trutas. Constava-lhe cada manhã em que outeiros cobertos de urze, de cardos, de ásperas moitas de tojo e de espessos fetos tinha ficado de véspera a revoada das perdizes. Conhecia os diferentes vinhos selvagens, que se vendiam na sombria frescura interior das tabernas recolhidas nos cotovelos das brancas estradas cobertas de sol, nos recostos das empinadas ladeiras tortuosas, e nas desembocaduras das longas pontes de madeira de pinho. Sabia os nomes dos abades. E ainda agora, depois de uma ausência de bastantes anos, pensando nisso e fechando os olhos, torna em espírito a

ver as viçosas várzeas, as frescas matas das terras fundas, sonoras dos murmúrios da água corrente na rega ou caindo nas levadas e nas azenhas; a forte vegetação dos milhos e dos castanheiros; e, acompanhados de um pequeno pastor imundo, a cavalo numa velha égua lanzuda, alguns poucos bois magros de trabalho e de fadiga atravessando lentamente o ribeiro, mugindo com saudosa melancolia, ou abeberando-se inclinados e humildes na frescura da corrente. Depois, nos terrenos altos, os pinhais, as encruzilhadas das estradas com os seus cruzeiros de granito, as caixas das esmolas para as almas, o tosco nicho na forma de um armário de cozinha, talhado em arco, tendo defronte a sua lanterna enfumada, encanastrada em uma rede de ferro e chumbada ao alto do nicho por um gancho; e, disseminados pelos caminhos recurvos e acidentados, os pequenos eirados seguros em esteios de pedra com os parapeitos pintados de vermelhão; os alpendres dos ferradores, onde os pardais debicam nos beirais do telhado; as choças cobertas de colmo, eternamente envoltas em fumo, ao pé das eiras em que se erguem as medas como altas cabanas pontiagudas.

O objecto do culto, da admiração, do entusiasmo, do enlevo dos pequenos do meu tempo era o velho *presépio*, tão ingénuo, tão profundamente infantil, tão cheio de coisas risinhas, pitorescas, festivas, inesperadas.

Era uma grande montanha de musgo, salpicada de fontes, de cascatas, de pequenos lagos, serpenteada de estradas em ziguezagues e de ribeiros atravessados de pontes rústicas.

Em baixo, num pequeno tabernáculo, cercado de luzes, estava o divino bambino, louro, papudinho, rosado como um morango, sorrindo nas palhas do seu rústico berço, ao bafo quente da benigna natureza representada pela vaca trabalhadora e pacífica e pela mulinha de olhar suave e terno. A Santa Família contemplava em êxtase de amor o delicioso recém-nascido, enquanto os pastores, de joelhos, lhe ofereciam os seus presentes, as frutas, os frângãos, o mel, os queijos frescos.

A grande estrela de papel dourado, suspensa do tecto por um retrós invisível, guiava os três magos, que vinham a cavalo descendo a encosta com as suas púrpuras nos ombros e as suas coroas na cabeça. Melchior trazia o ouro, Baltasar a mirra, e Gaspar vinha muito bem com o seu incenso dentro

de um grande perfumador de família, dos de queimar pelas casas a alfazema com açúcar ou as cascas secas das maçãs camoesas.

Atrás deles seguia a cristandade em peso, que se afigurava descendo do mais alto do monte em direcção ao tabernáculo. Nessa imensa romagem do mais encantador anacronismo, que variedade de efeitos e de contrastes! que contentamento! que alegria! que paz de alma! que inocência! que bondade!

Tudo bailava em chulas populares, em velhas danças mouriscas, em bailados à la moda ou à meia volta, em ingénuas gaivotas, em finos minuets de anquinhas e de bico de pé afiambrado.

Tudo ria, tudo cantava nesses deliciosos magotes de festivos romeiros de todas as idades, de todas as profissões, de todos os países, de todos os tempos! Os cegos tocando as suas sanfonas; os pretos pulando uma sarabanda; os galegos com a sua gaita-de-fole dançando a *muñera*; a saloia de carapuça de bico e de saiote encarnado, trazendo o cesto com ovos; o saloio com o peru, com o vitelo ou com o bacorinho às costas; o aguadeiro com o seu barril novo; o ceifeiro com a sua fouce e o seu feixe de trigo; o lenheiro carregando o cepo sagrado para a fogueira da Missa do Galo; o pequeno saboiano com a sua marmota; o tocador de realejo dando à manivela do seu instrumento; o pastor com um borrego ou um chibo debaixo do braço; o passarinho com as suas esparrelas e o seu alçapão com um melro dentro; a *manola* com o seu leque e a sua mantilha sevilhana traçada na cinta; o maioral tocando a guitarra sentado no garrido albardão da sua mula; os *gitanos* entoando a *seguidilla*; numerosos rebanhos, de perus, de patos, de anhos, de porcos e de cabritos; e muitas personagens, de variegados trajos exóticos, tangendo pandeiros, adufes e castanhetas, como nos autos pastoris, nos colóquios e nos vilancicos, antigamente representados diante das lapinhas nas catedrais da Idade Média.

Alguns — os mais ricos presépios — tinham corda interior fazendo piar passarinhos que voavam de um lado para o outro, mexiam as asas e davam bicadas nas fontes de vidros, em que caía uma água também de vidro, fingida com um cilindro que andava à roda por efeito de misterioso maquinismo.

Todas essas figuras do antigo presépio da minha infância tinham uma ingénua alegria primitiva, patriarcal, como de-

via ser a de David dançando na presença de Saul. Dessas boas caras de páscoas, algumas modeladas por inspirados artistas obscuros, cuja tradição se perdeu, exalava-se um júbilo comunicativo como de uma grande aleluia.

Um outro menino — não o do tabernáculo, que esse estava seguro ao berço com um parafuso —, um menino maior, sobre uma toalha bordada, era trazido em roda e recebia sobre os seus diminutos pés polpudos, saudáveis, rubenescos, a enfiada de beijos de todas as pequenas bocas inocentes, vermelhas, afiladas em bico, gulosas dos refeguinhos daquele pequenino Deus tão louro, tão manso, tão lindo!

Depois celebrava-se a ceia, o mais solene banquete da família minhota. Tinham vindo os filhos, as noras, os genros, os netos. Acrescentava-se a mesa. Punha-se a toalha grande, os talheres de cerimónia, os copos de pé, as velhas garrafas douradas. Acendiam mil luzes nos castiçais de prata. As criadas, de roupinhas novas, iam e vinham activamente com as rimas de pratos, contando os talheres, partindo o pão, colocando a fruta, desrolhando as garrafas.

Os que tinham chegado de longe nessa mesma noite davam abraços, recebiam beijos, pediam novidades, contavam histórias, acidentes da viagem; os caminhos estavam uns barrocais medonhos; e falavam da saraivada, da neve, do frio da noite, esfregando as mãos de satisfação por se acharem enxutos, agasalhados, confortados, quentes, na expectativa de uma boa ceia, sentados no velho canapé da família.

E o nordeste assobiava pelas fisgas das janelas; ouvia-se ao longe bramir o mar ou zoar a carvalheira, enquanto da cozinha, onde ardia no lar a grande fogueira, chegava num respiro tépido o aroma do vinho quente fervido com mel, com passas de Alicante e com canela.

Finalmente o bacalhau guisado, como a *brandade* da Provença, dava a última fervura, as frituras de abóbora-menina, as rabanadas, as *orelhas-de-abade* tinham saído da frigideira e acabavam de ser empilhadas em pirâmide nas travessas grandes. Uma voz dizia: — *Para a mesa! para a mesa!*

Havia o arrastar das cadeiras, o tinir dos copos e dos talheres, o desdobrar dos guardanapos, o fumegar da terrina. Tomava-se o caldo, bebia-se o primeiro copo de vinho, estava-se ombro com ombro, os pés dos de um lado tocavam nos pés do que estavam defronte. Bom aconchego! belo agasalho!

As fisionomias tomavam uma expressão de contentamento, de plenitude. Que diabo! Exigir mais seria pedir muito. Tudo o que há de mais profundo no coração do homem, o amor, a religião, a pátria, a família, estava tudo aí reunido numa doce paz, não opulenta, mas risonhamente remediada e satisfeita. Não é tudo?

Não é. O primeiro dos convivas que tinha o sentimento dessa imperfeição era a velhinha sentada ao centro da mesa. Ela, que para nós representava apenas a avó, tinha sido também a filha, tinha sido a irmã, tinha sido a esposa, tinha sido a mãe... No seu pobre coração, quantos lutos sobrepostos, quantas saudades acumuladas! Por isso, enquanto os outros riam e conversavam alegremente, a mão dela emagrecida e enrugada tremia de comoção ao tocar no copo, e dos seus olhos cansados despegavam-se silenciosamente duas lágrimas, que ela embebia no guardanapo enquanto a sua boca procurava sorrir e titubear palavras de resignação, de conforto, de felicidade.

Essas lágrimas eram como a evocação do espírito dos ausentes e do espírito dos mortos para aquele banquete. A festa era então interrompida por silêncios graves, pensativos, durante os quais cada um se recolhia em si mesmo e olhava um pouco ao passado e um pouco ao futuro.

Dos que se haviam sentado àquela mesa, em idêntica noite, quantos tinham partido para não voltarem mais! Quantas lacunas dentro dos últimos anos! Dentro de alguns anos mais, quantas outras!

Se havia, como quase sempre sucede, um filho, um neto, um irmão ausente, era em volta da recordação dele que se agrupavam e fixavam esses vagos cuidados dispersos. A mágoa do passado, a incerteza do futuro, acabava por aparecer a cada um sob a figura aventureira do viajante intrépido ou do trabalhador vigoroso que celebrava aquela noite num país longínquo ou nas águas do mar.

E esse amado ausente era o conviva que cada um sentia mais perto, a essa mesa, junto do seu coração.

Só nós, as crianças, é que gozávamos nesta festa uma alegria imperturbável e perfeita, porque não tínhamos a compreensão amarga da saudade nem as preocupações incertas do futuro. Para nós tudo na vida tinha o carácter imutável e eterno. O destino aparecia-nos ridentemente fixado, como no

musgo as alegres figuras do presépio. Supúnhamos que seriam eternamente lisas as faces de nossa mãe, eternamente negro o bigode de nosso pai, eternamente resignada e compadecida a decrépita figura de nossa avó, toucada nas suas rendas pretas, no fundo da grande poltrona.

Não tínhamos compreendido ainda todo o sentido do Natal. Não nos haviam explicado suficientemente que o louro Menino Jesus que nos sorria no seu bercinho, tão descuidado, tão alegre, no meio do esplendor dos círios e do perfume das violetas, era o mesmo Deus descarnado e lívido, coroado de espinhos, alanceado no coração, pregado na cruz e exposto no altar. Repugnar-nos-ia acreditar, se então no-lo dissessem, que o tenro e suave bambino do presépio, cercado de amores, de cânticos, de festas, de dádivas, de bonitos, cheio de carícias e de beijos, teria um dia de ser um mártir, um herói, um Deus, mas que para isso haveriam de o perseguir como um rebelde, de o torturar como um criminoso, de o justicar como um bandido, que ele teria de ser esbofeteado, azorragado, traído, que receberia o beijo de Judas, que seria preso entre os seus discípulos no Jardim das Oliveiras, que mandaria embainhar a espada de Pedro para beber o cálice da amargura, que seria levado de Caifás para Pilatos, que seria condenado, que lhe poriam a coroa de espinhos, que o fariam subir o Calvário sob o peso da cruz, que finalmente o crucificariam entre os dois ladrões aos olhos da sua própria mãe.

Não, a vida não é uma festa permanente e imóvel, é uma evolução constante e rude. O Natal é a festa das lágrimas para todos aqueles para quem ele não é a festa da inexperiência. E, todavia, pensavam alguns que era útil não deixar de a celebrar. Que importa que o número ou que o nome dos convivas varie em cada ano? Que importa que alguns amados velhos falem ao banquete? Que importa que nós mesmos faltemos para o ano que vem na festa dos mais novos?

Esta noite de alegria para as crianças será sempre de alguma saudade para os adultos. Assim teremos a esperança terna de sobreviver, por algum tempo, na lembrança dos que amamos — uma boa vez ao menos, de ano a ano.

Uma das jogatinas.

Novembro, 1882.

A Polícia, tomada de um desses acessos de zelo intermitente que às vezes acometem esta veneranda instituição, acaba de assaltar várias casas de batota no Porto, na Póvoa de Varzim e em Viseu.

Todas essas diligências se fizeram com grande êxito.

A Polícia foi pé ante pé, como o coro dos carabineiros nos *Bandidos* de Offenbach, e deu em cheio nas maroscas, capturando os jogadores e apreendendo os baralhos, as roletas, a mobília da casa, o dinheiro da banca e o dos parceiros.

O *Diário do Governo* de ontem traz a este respeito uma portaria de louvor, na qual o ministro do Reino, em nome de Sua Majestade El-Rei, elogia a Polícia pelo bem que andou, não só capturando os jogadores, mas — como muito bem acrescenta a portaria — apreendendo outrossim *algum dinheiro e mobília*.

Como bons súbditos fiéis e amantes, folgamos deveras com a satisfação íntima e cordial que Sua Majestade El-Rei houve por bem experimentar e redigir em prosa oficial, ao ver os réditos do Estado felizmente acrescentados com algumas cadeiras e alguns cobres, agilmente surripiados pelos representantes da lei a viciosos cidadãos, impróvidos e despercebidos.

No Porto o zelo policial nesta diligência chegou a ponto de emboscar nas ruas os esbirros para prender os jogadores no acto de entrarem para as jogatinas.

. Não pretendemos julgar o ponto de vista das autoridades constituídas sobre o assunto *batotas*, porque estamos conven-

cidos de que essas autoridades, morigeradas e pudibundas, não foram nunca às casas de jogo, o que as desarma de toda a habilitação precisa para se poder discutir com elas sobre esta questão.

O que escreve estas linhas esteve pela derradeira vez numa batota, em São João da Foz, há coisa de vinte anos.

A espelunca achava-se estabelecida no lindo *cottage* do Mallen, na Praia dos Ingleses, com um terraço sobre o mar e a entrada pela Rua da Senhora da Luz.

No meio do grande salão de baile estava armado o jogo sobre uma vasta mesa de pano verde iluminada do tecto por um candeieiro. Em torno da mesa achava-se reunida a parte masculina da melhor sociedade do Porto e da província do Douro e do Minho a banhos na Foz, uns junto da mesa, sentados, outros de pé por detrás desses, formando três ou quatro círculos concêntricos.

A um topo da mesa um cavalheiro esquelético, de faces macilentas, adornado de uma longa pêra grisalha, puxava para junto de si, por meio de uma pequena rapadeira de mogno polido, em forma de ancinho, o dinheiro das paradas espalhado no pano verde e pagava a importância das apostas.

Defronte deste prestável indivíduo, no outro topo da mesa, um cavalheiro mais gordo, ainda que não mais solícito, e de aspecto igualmente venerável, punha as cartas na mesa com mãos finas, particularmente bem tratadas e realçadas por dois belos cachuchos em que cintilava um olho de gato e um rubi.

Informe-me da regra do jogo com as pessoas respeitáveis e fidedignas que tinha mais próximo de mim.

Eis a regra: Tiravam-se do baralho duas cartas, que o homem das mãos finas colocava na mesa ao lado uma da outra. Lá estava, por sinal, o três de espadas a um lado e o rei de copas ao outro. A gente escolhia, para apostar por ela, a carta que queria, e colocava-lhe ao lado o preço da aposta. Depois do que, ganhava o rei ou ganhava o terno, segundo era um rei ou um terno de outro naipe a primeira dessas duas cartas que em seguida saía do baralho.

Devo dizer, à face de Deus e dos homens, que nunca em

minha vida me expuseram negócio que se me afigurasse mais inteligível, mais recto e mais claro! Algumas vezes tenho tido que pedir aos diversos poderes do Estado alguns esclarecimentos acerca do jogo do maquinismo administrativo, e cumpre-me dizer, sem com isto pretender desgostar ninguém, que jamais das regiões oficiais recebi informações tão lúcidas e tão leais como aquelas que sobre as leis do *monte* me foram bizarramente ministradas na apreciável batota a que me refiro.

De um só relance e em meio minuto compreendi o problema todo com uma profundidade maravilhosa, e, sem perda de mais um instante, tirei 100\$000 réis que tinha numa algibeira e coloquei-os pressuroso sobre o três de espadas que se achava na mesa.

Tilintaram libras de parte a parte, postas pelos circunstantes para a direita ou para a esquerda das cartas.

O homem da pá de mogno polido, erguendo para o meu lado o bico da sua pêra grisalha, perguntou-me, indicando o meu dinheiro:

— Mata o rei?

Ao que eu respondi denodadamente e com voz firme:

— Mato-o, sim, senhor!

Esta frase pareceu fazer uma certa impressão no auditório. Houve um silêncio. No ar morno passou um cheiro de roupa suja e de botas novas. Um desembargador da Relação do Porto, ancião de óculos de ouro e de grande calva sacerdotal, retirou com gesto adunco de cima das cartas 3\$000 réis que tinha posto.

O cavalheiro das lindas mãos tossiu ligeiramente, voltou o baralho e principiou a extrair com lentidão as cartas, a uma por uma, do maço que comprimia com delicadeza nos dedos.

A quarta ou quinta figura era o rei de espadas.

Eu tinha perdido os meus 100\$000 réis. Ganhava-os precisamente um ilustre professor da Escola Politécnica, que fizera contra o terno uma parada igual à minha.

Esta decisão da sorte — eu o confesso — não me regozijou senão de um modo bem caracteristicamente medíocre.

Resolvi, porém, interrogar mais algumas vezes o acaso e perdi consecutivamente quanto dinheiro tinha no bolso, ou fosse a importância de perto de meio ano de colaboração num jornal americano — soma recebida nesse mesmo dia.

Fiquei na batota até pela manhã.

Por uma janela aberta sobre o terraço a luz cor de pérola da madrugada entrava humedecida e salgada pela viração marítima. As banheiras, filhas e moças da Maria da Luz, armavam as barracas na praia, cantando ao longe em terceiras, num coro argentino de sopranos, uma barcarola local. Os primeiros pregões matutinos dos vendilhões ambulantes penetravam do lado da rua pelas fendas horizontais das gelosias, que o clarão da manhã pautava luminosamente de azul.

Na sala esvaziada de gente oscilava ainda, esfarrapado, o ar quente da noite, impregnado do fumo do tabaco e dos cheiros acres do suor e da cerveja azedada no fundo dos copos dispersos no balcão do bufete.

O chão estava alastrado de lama seca, de pontas de cigarro que a saliva enodoara de amarelo, e de charutos mordidos e mastigados raivosamente pelos pontos.

O homem das belas mãos tinha as unhas orladas de preto e o colarinho esverdeado de transpiração.

O cavalheiro da pêra tivera com o romper do dia um acesso de tosse e, depois de haver durante a noite cuspinhado tudo em torno da alta cadeira de braços em que estivera sentado, procurava ainda, ao que parecia, escarrar mais, com os olhos injectados de sangue, as faces escaveiradas, as mãos febris, o dorso curvo, o peito côncavo, sacudido pelas convulsões da bronquite.

A um canto da casa, sentado numa cadeira e caído de bruços para cima de uma pequena mesa a que três batoteiros, associados nos lucros da banca, tinham passado a noite jogando o honesto e execrável voltarete, ficara esquecido um janota de calças cor de flor de alecrim, botinas de polimento, luvas azuis e fraque cor de pinhão feito no Pereira Baquet. Julguei-o adormecido e chamei-o, tocando-lhe no ombro, para me não ir dali sozinho.

5 Era um rapaz que eu conhecia da praia e da Cantareira. Chamavam-lhe o Chico... não me lembra já de quê. Tinha dezassete ou dezoito anos, era filho de um lavrador rico da Régua e estava a banhos na Foz, hospedado no hotel do Romão, intitulado da Boavista.

Quando ele se ergueu da mesa e se pôs em pé diante de mim, vi que o mísero não tinha estado a dormir, mas sim a chorar.

A sua fisionomia loura, estúpida — linda! —, ornada de um pequeno buço, de um sinal cabeludo na face e de dois bandós cor de ouro anediados pelo melhor cabeleireiro da Rua de Santo António, exprimia uma consternação tão profunda, tão oca, tão francamente imbecil, que desde logo me atraiu para ele com uma compaixão verdadeira. Agarrou-se às primeiras palavras que lhe disse, como um afogado se agarra à primeira coisa flutuante que passa por ele, e momentos depois o bem parecido e elegante moço vertia no meu peito as suas doloridas confidências.

Seu pai, homem austero e de pulso, cheio de severidade no carácter e de cabelos crespos no interior das orelhas, tinha-o incumbido de cobrar de um negociante de vinhos de Vila Nova de Gaia a importância de uma letra no valor de 1600\$000 réis. Era desta quantia, recebida três dias antes, que ele acabava de perder a última libra, além de mais trinta moedas, destinadas a custear o resto dos banhos de mar prescritos pelo doutor da Régua para um tumor frio que lhe começara a inchar num sovaco.

— Meu pai, para coisas destas é uma fera! — explicou-me ele com uma voz estrangulada.

E, tendo descalçado uma das luvas azuis, comprimia com mão nervosa o alto da sua pequena cabeça de galo, apagando da testa num repelão o bem feito *A* formado pelas duas curvas divergentes dos bandós.

— Como assim! — lhe respondi eu. — Pois o meu amigo tem a fortuna inapreciável de possuir um pai fera e ainda hesita um momento sobre o que lhe cumpre fazer nas funestas condições em que se acha?... Saíamos lá para fora! Saíamos com pé expedito e rápido desta caverna, que até me está a afligir o ter de profanar o nome sagrado do seu venerável progenitor proferindo-o perante a pèra cavilosa e obscena daquele tísico, malandro em terceiro grau, que além diviso envesgando para nós os olhos torvos!

— Cão! — disse o Chico num bramido cavo, abrindo para essa palavra um parêntese no assunto principal da nossa conferência, e estendendo da porta da rua o punho cerrado e terrível para o cerro em corcova do cavalheiro da pèra, que continuava a tossir arrimado a uma ombreira da janela.

E, uma vez ambos na rua, eu prossegui, reatando o fio do discurso:

— Depois da camelice tremenda que fez, desviando dos interesses agrícolas das nossas regiões vinhateiras a quantia de 1600\$000 réis, para os entregar à nefanda tavolagem, que mais pode apeteecer o meu bom desregrado amigo do que uma dessas monumentais sovas com que os ríspidos anciãos, de ouvidos cerrados à misericórdia pelo mau génio e pelo muito cabelo, costumam assinalar para o respeito dos vindouros os diversos membros da sua prole?! Qual coisa mais saudavelmente eficaz para o seu restabelecimento normal do seu equilíbrio nervoso, no momento presente, do que a aplicação lombar da bengala de um antepassado, ou a justaposição da abençoada sola e vira de uns bons sapatos paternos às partes carnudas do seu organismo apostemado pelo estúpido remorso da mais colossal e irremediável asneira?! Aqui estou eu, que matei esta noite o rei... Não sei se o senhor mo viu matar?... Matei-o como quem mata um porco... Craque! pois bem, sabe por quanto me ficou esse regicídio? Ficou-me por 176\$000 réis. A recordação amarga deste lutuoso sucesso converte todo o meu ser numa insondável cloaca de sensaboria, e só uma felicidade invejo: a que se antolha ao meu amigo na doce perspectiva de poder encontrar quem lhe ponha os ossos num feixe.

— Pois olhe — exclamou o Chico arregalando para mim os olhos iluminados de um repentino júbilo —, dou-lhe a minha palavra de honra que também a modo que me está a apeteecer isso, a mim!

E, trocadas entre nós estas profundas e memoráveis palavras, remergulhámos em íntimas e silenciosas cogitações, eu e o Chico.

Ao longe o duro bronze, a que os espíritos despreocupados e felizes dão vulgarmente o nome galhofeiro de sino, tangia seis horas. Damas encapuchadas em rendas de lã desciam de suas mansões à praia para se entregarem aos exercícios balneários, enquanto outras, mais madrugadoras ainda, volviam da praia a suas mansões, de narizes arrebitados e vermelhos, ávidas de pão quente com manteiga e de café com leite.

Duas horas depois o meu amigo partia para a Régua, onde seu extremoso pai, prevenido pelo télégrafo, o esperava, no alto dos Padrões da Teixeira, de braços aberto e um mar-meleiro em cada braço. Eu voltava taciturno a refazer com

tardiagos e arrastados folhetins a soma que o vil e mercenário ancinho do Pêra Tísica nessa noite desviara de seu natural destino para fins que a meus olhos tinham de ficar para todo o sempre velados pelo mistério.

Tal é, em sua natureza e em seus efeitos, a simples coisa chamada a batota.

Temos visto do jogo muitas e mui variadas definições. A única, porém, que inteiramente nos satisfaz é a seguinte:

O jogo é uma asneira.

Reduzida assim a questão aos seus verdadeiros termos, não podemos deixar de perguntar ao Governo com que direito ele intervém para o fim de castigar as asneiras em que cada um incorre? Procurar evitá-las ainda se lhe poderia permitir, mas puni-las!? Se tivessem de ser presos todos aqueles que fazem asneiras, o próprio Governo seria uma coisa impossível, porque há muito não haveria ministro nenhum que andasse solto.

E, por cima de tudo, procuram impingir-nos a explicação sofisticada de que é para o fim de salvar o povo da ruína que a polícia maternal assalta e sequestra as batotas!

Ora sempre quero que me digam, no caso pessoal que anteriormente narrei, se eu teria perdido menos do que perdi, dado o facto accidental de terem ido para o rei de Portugal e dos Algarves os 176\$000 réis que eu dei para o rei de copas? E outrossim quereria saber, no caso que o rei de copas, por meio da sua polícia, fizesse ao príncipe reinante a bonita partida que o príncipe lhe fez abotoando-se com o que ele ganha, se Sua Majestade gostaria da chalaça!

A *great attraction* da presente estação calmosa têm sido as romagens bracarenses a Nossa Senhora do Monte Sameiro.

Os jornais clericais têm recentemente publicado extensas narrações dos milagres feitos pela imagem de Nossa Senhora do Sameiro. Os aludidos milagres versam principalmente sobre casos patológicos acusados pelos fiéis. A Senhora do Sameiro tem a especialidade terapêutica. As maravilhas que se lhe atribuem são as mesmas que têm feito a reputação da homopatia. O consultório do Sameiro, em Braga, e o do médico Rebelo da Silva, em Lisboa, são presentemente os dois mais célebres e mais acreditados focos da medicina espiritualista, aplicada às enfermidades crónicas e provavelmente incuráveis pelos sistemas científicos.

Os devotos da imagem do Sameiro, em vez de se dirigirem àquele santuário incorporados por enfermidades, têm preferido fazê-lo em grupos divididos pelas profissões.

Há pouco tempo celebrou-se com grande pompa a romagem dos carneiros. Fecharam-se para esse efeito os talhos e o matadouro público. Braga ficou sem carne para comer durante vinte e quatro horas, e, enquanto os magarefes caminhavam para o altar da Virgem na mesma atitude recolhida e grave com que para eles — magarefes — caminham as reses nos dias ordinários, os bois em sueto tripudiavam nos pastos, felizes pela moratória concedida pelas barrigas dos cônegos à cobrança dos bifes.

Ultimamente anunciou-se a romagem dos estudantes de Coimbra; e Braga, posto que de muito tempo habituada aos grandes aparatos da devoção, teve um sobressalto de surpresa e de júbilo.

É evidente que o milagre, desde que representa em si uma contração manifesta das leis da natureza, operada excepcionalmente pela divindade para o fim de nos dar uma amostra do seu poder supremo, arbitrário e absoluto sobre todos os fenómenos do Universo, tanto é milagre manifestando-se no tratamento feliz de um carnicheiro hidrópico como na cura radical de um bacharel com lombrigas. Desde que a burra de Balaão falou, o milagre existe, quer a burra o diga em clássico latim de Cícero, quer o diga trocando o *b* pelo *v* em português do Minho.

Conquanto se não conheça bem a razão disto, a verdade, porém, é que o milagre aumenta de efeito, segundo a categoria social daqueles em quem se exerce. Braga tem um perfeito sentimento dessas distinções, e foi por isso que a anunciada romagem de alguns filhos-famílias habilitados com o curso dos liceus a comoveu muito mais do que as romagens anteriores dos caixeiros e dos marchantes, mais desprovidos de luzes literárias.

Estavam prometidos de Coimbra setenta estudantes à Senhora do Sameiro. O comboio que conduzia os romeiros foi esperado na estação de Braga por grande número de fiéis, acompanhados dos respectivos foguetes e de uma filarmónica.

Chegado o trem à *gare*, e abertas as portinholas dos vagões de segunda classe, reconheceu-se que todos os estudantes pertenciam à classe eclesiástica e desfrutavam tonsuras de uma antiguidade superior a quarenta anos de exercício epilatório.

Desvanecida a surpresa do primeiro encontro, descidos das carruagens e postos ao chão, mais ou menos pelo seu pé, os setenta velhos representantes da briosa mocidade de Coimbra, os cônegos de Braga lhes fizeram vénia na sala de espera da estação e lhes ofereceram um ligeiro fresco de rapé.

Em seguida, como todos se preparassem para formar cortejo e sair em procissão da *gare* para o palácio episcopal, os jovens quinquagenários declararam que traziam consigo uma surpresa para obsequiar a população bracarense, e pediram para ir buscar as bagagens.

Retirada e armada a surpresa, que vinha por partes nos baús dos romeiros, viu-se com geral regozijo que ela constava de um andor.

Com espanto o leio nos periódicos bracarenses, de cujo depoimento unânime e conteste me não é lícito duvidar.

Os representantes da mocidade das escolas, em romagem da Universidade de Coimbra ao Monte Sameiro, entraram efectivamente na cidade de Braga com um andor aos ombros.

Agora me proponho ofertar um cartucho com setenta velhos de açúcar em ponto de rebuçado a quem for capaz de adivinhar qual a coisa que aqueles jovens escolares levaram às costas no andor desde a estação até às estalagens...

Antes de o saber, como hoje o sei, de ciência certa, eu mesmo me perdi sobre este ponto num dédalo das mais falsas conjecturas. Julguei ao princípio que os venerandos eclesiásticos transportassem simplesmente os objectos de seu uso doméstico ou cultural, tais como as batinas de dormir, as sobrepelizes de trazer por casa, os solidéus de agasalho para as sonecas do coro, e o componente farnel das hóstias para as missas do caminho.

Nada disso! O que eles levavam no andor — e digo-o já, porque tenho a certeza de que ninguém o adivinha —, o que eles levavam no andor era — a *estátua da castidade*.

Estamos, pois, pelo que se vê, em Braga, em plena mitologia. A *estátua da castidade*, posta triunfantemente sobre um andor pelos romeiros do Monte Sameiro, é uma alegoria genética de carácter encantadoramente pagão.

Os espirituosos gregos que, sob formas artísticas imortais, divinizavam as virtudes e os vícios da humanidade, representando a vida moral da nossa espécie, com as suas fecundas energias e com as suas doces fraquezas, por meio das figuras nuas da força majestosa e da beleza alucinadora, não fizeram mais do que criar o exemplo e a norma do novo culto, que hoje vemos tão auspiciosamente inaugurado em Braga pelos velhos padres católicos, representantes da mocidade académica em romagem a Nossa Senhora do Sameiro.

Toda a cristandade saudará decerto com entusiasmo este renascimento clássico da liturgia. A *estátua da castidade*, por

mais padresca que os padres a tivessem mandado fazer, não poderá nunca deixar de ser uma estátua de mulher viva, adolescente e bela, divinizada pela arte e não pelo martírio, santificada pela candura e não pela Igreja.

É inquestionável que para nós outros, mundanos, mais ou menos eivados de naturalismo, é incomparavelmente mais agradável descobrirmo-nos e curvarmo-nos diante deste andor do que diante do andor do último santo canonizado de Roma, S. Labre, por exemplo, o qual foi na vida um monte de virtudes e de tinha, cultivando com igual maravilha a porcaria e o milagre, já amamentando piolhos, já regenerando Rocamboles, E a cada nova água mineral que hoje se descobre ferruginosa ou carbonatada, aperitiva, tônica, antiescorbútica ou laxante, corresponde invariavelmente um santo ou santa desse mesmo género, encarregado de laxar, de purificar e de desobstruir, em reforço ao líquido descoberto e explorado nas praças comerciais pela farmacologia e pela fé.

Para nós, pobres diabos pervertidos, e para todo sempre contaminados pelo vício funesto do pedilúvio e do sabão de Marselha, a estátua da castidade, não obstante todos os inconvenientes adstritos à prática da virtude que ela representa, figura-se-nos infinitamente mais agradável que a do bem-aventurado Labre.

Será, porém, precisamente da nossa opinião Sua Eminência o Cardeal-Patriarca ou Sua Excelência o Arcebispo de Braga? Temo bem que não. Porque, no fim de contas, a verdade é que a Igreja não pode autorizar, em honra da Senhora do Sameiro, uma verdadeira procissão de vestais, como a que os sacerdotes fizeram em Braga. Teócrito gostaria disso; Laraga, não.

Felizmente, para honra dos dogmas e dos cânones, o andor não chegou ao seu destino. A pequena distância da estação do caminho-de-ferro, segundo consta dos jornais que tenho presentes, os padres portadores da imagem gentílica tropeçaram e deram em terra com o símbolo dissidente da verdadeira doutrina teológica. A estátua quebrou-se; e o andor desconjuntado teve de ir para as hospedarias em pedaços, reunidos com os chapéus de sol, debaixo dos braços dos eclesiásticos.

O Dedo de Deus, ao qual os homens em sua sabedoria adjudicaram o trabalho de pôr a direito tudo quanto os mesmos homens entortam na destribuição social da justiça, tem às vezes distracções censuráveis no exercício do seu cargo; mas portou-se bem desta vez.

Ultimamente esse Dedo deixou afundar nas costas da Bretanha um navio carregado de escapulários, de bentinhos, de rosários e de águas milagrosas, enquanto por outro lado permitia chegar, são e salvo, a Dieppe, um navio ímpio, o iate do nosso confrade no jornalismo, senhor Gordon Bennet, que o pagou por quinhentos contos de réis, e no qual ele viaja por seu prazer infrene, à custa dos rendimentos do *New York Herald*, com cinquenta homens de tripulação, no meio de um luxo que excede tudo quanto se nos conta das despesas de Heliogábalos, para o fim de nos inspirar o desprezo dos bens terrenos.

Atravessando-se nos membros locomotores do clero e permitindo o trambolhão dos padres, o Dedo a que me refiro mostrou aos incrédulos que não dorme. E assim foi que o andor da castidade não chegou a penetrar inteiro na Rua das Cónegas, em cujas habitantes, postas à janela com os coneguinhos e com as coneguinhas da sua prole, se não sabe bem o efeito que faria a estranha imagem que os padres lhes levavam em triunfo.

A bacia da Régua e o Vale de Jugueiros — O país vinhateiro — Vinhas e lagares — A Filoxera-Vastatrix — O negociante do vinho fino — O lavrador do Douro.

Régua — Outubro, 1885.

Seis horas da manhã. Levanto-me acordado pela mais alegre alvorada que melros têm jamais assobiado na fresca ramaria das veigas.

Abro a janela do meu quarto de hóspede na casa de Mourão, onde cheguei ontem, às dez horas da noite.

Um deslumbramento!

Debaixo da varanda, voltada ao norte, estende-se em doce declive um largo talhão de vinha baixa, cerrada, espessa, em todos os tons do verde, desde o mais vivo ao mais escuro, rajado das tintas maduras do Outono em manchas cor de âmbar e cor de fogo, louras, vermelhas, calcinadas. Em baixo, o rio Douro, espraçado, descreve um enorme S em toda a extensão do vale, reluzindo entre rasgões de olivedos e de pomares, por detrás das ramas viçosas dos choupos e dos amieiros. Uma cortina de montanhas fecha o horizonte de todos os lados. No plano mais alto, em frente, ao fundo, alteia-se a cordilheira do Marão, cujos cabeços calvos, de uma cor térrea banhada em sol, parecem pintar sobre a transparência do céu o dorso imenso de um fantástico boi. Por todas as encostas do primeiro plano descem os vinhedos em largos degraus de verdura, desde o alto dos montes salpicados de pinhais até à beira do rio. Em todas as quebradas alvejam as casas caídas de branco, cintilantes ao sol nascente. Na chã, por debaixo da minha janela, um grupo de mulheres e rapazes vindimam; e os seus chapéus de palha, os seus lenços azuis e vermelhos, vistos de longe entre a verdura da vinha, trepidam na polvilhação luminosa como enormes borboletas. Na água do rio, reflectindo-se nela como num espelho, passa devagar, levado na corrente, um grande barco

esguio, da cor da madeira por pintar, um pouco dourado pela luz; à popa, imóvel, em pé sobre a apegada em forma de quiosque quadrado e de tecto chato, o timoneiro empunha a longa espadela que serve de leme à embarcação, enquanto à proa, junto do abrigo da chilreira pontiaguda, quatro remadores, as pás recolhidas, os braços cruzados, se deixam ir ao som da água. No lagar, sob o soalho do meu quarto, ouço correr o vinho como numa fonte de jardim; um picante cheiro de mosto, subindo no ar, parece encher todo o vale; e, ao longe, entre as vindimadeiras, uma voz de soprano, rija, metálica, entoa uma das dolentes e arrastadas cantigas, ao mesmo tempo tristes e zombeteiras, de *cima do Douro*.

É a bacia da Régua — a mais rica, a mais fértil, a mais abundante região agrícola de Portugal, de que o pingue e risonho Vale de Jugueiros é a expressão superlativa e culminante.

Nos gordos nateiros da beira da água, terras de aluvião tão férteis como as do Nilo, as vegetações tomam proporções fantásticas e lembram uma decoração teatral de mágica.

As couves galegas, parecem árvores, debaixo das quais se poderia merendar à sombra, e as abóboras têm o volume enorme de grandes mulheres gordas vestidas de amarelo e acoradas na terra preta.

Por cima das cepas derrubadas com o peso das uvas vicejam as árvores do pomar carregadas de fruto: as laranjeiras, os pessegueiros, os damasqueiros, as figueiras, as pereiras, as cerejeiras e as ginjeiras.

Contra os muros esverdeados de musgo bracejam os limoeiros doces e azedos.

As sebes dos campos são feitas de marmeleiros entrelaçados.

Nos debruns das leiras e no sopé dos muros, por entre as hastes de hera e as moitas de fetos, de violetas e de dedaleiras em flor, rebentam os morangos e as groselhas.

Todas as plantas de jardim têm um viço portentoso e um desenvolvimento incomparável. Em dois anos um só pé de roseira cobre toda a fachada de um *cottage*; as begónias e os coladiuns parece estalarem de seiva, e uma palmeira ao pé do Moledo dá fruto ao ar livre.

As uvas de mesa, artigo de luxo sonogado ao lagar e destinado pelo cultivador ao regalo dos seus amigos, oferecem

inúmeras variedades, de que sobressaem o *Moscatel de Jesus*, o *Moscatel de Hamburgo*, o *Barrete de clérigo*, o *Dedo de dama*, o *Malvasia*, o *Ferral cor-de-rosa*. Camilo de Macedo, um dos proprietários mais célebres na cultura desta especialidade, obteve recentemente as mais lindas uvas bipartidas em duas cores sobre cada bago, preto e branco, branco e cor-de-rosa, cor-de-rosa e preto.

Do alto de Covais, propriedade do meu amigo Bernardo da Silveira, abrange-se todo o panorama desta admirável bacia: a longa serra do Marão, que lhe serve de pano de fundo; a garganta ubérrima do Vale de Jogueiros; a Régua e o Peso da Régua, duas rectas paralelas, ligadas por uma perpendicular e descrevendo pela disposição da casaria a forma de um grandíssimo *H* pintado a branco na encosta; finalmente os três rios, o Douro, o Corgo e o Varosa, que se vêem serpentejar conjuntamente por entre os vinhedos, de água glauca, barrenta ou azul, já profundos e angustiados nas ravinas, já espraiados na areia, já reluzentes ao sol, borbulhando arrepiados pelas rochas ou espumando nas cachoeiras.

A região dos vinhos finos não é a da Régua mas sim a região adjacente para leste, no Alto Douro, Cima-Corgo, de Bagaúste a Tua, tomando para escala a linha férrea.

Percorri este caminho.

De uma e outra margem do rio, ao longo do qual se prolonga a estrada, a vinha em socalcos precipita-se do alto das montanhas até à borda da água como a tribuna de um anfiteatro imenso. A terra segura em tabuleiros progressivos calçados em largas lajes da pedra xistosa da região, cor de ferro queimado, lembra a dos vinhedos das margens do Reno.

O meu cicerone indica-me algumas quintas célebres, de que me vai citando os nomes: a da Valeira, a Quinta Nova do Cachão, a Alegria de Baixo e a Alegria de Cima, o Vesúvio, etc.

Entre Ferrão e Pinhão apontam-me a Boavista, antiga propriedade do barão de Forrester, hoje de seus filhos, residentes em Inglaterra. É de uma instalação perfeita, tão regular como a de Johannisberg. A presença desta propriedade modelo junto da água turva do rio, onde o barão morreu desconjuntando-se o barco em que descia o rio no ponto

do Cachão, evoca à minha lembrança a jovial, a interessante e cativadora figura desse homem, que eu em pequeno conheci. Extremamente robusto, com a carne saudável e alegre, a barba em volta da cara, à moda de 1830, o cabelo crespo e grisalho numa trunfa a um lado, o olho bem aberto, claro e luminoso, a boca grossa, espirituosíssima, a *toilette* elegante, tudo lhe dava a expressão radiante da força e do triunfo! Ninguém certamente amou jamais como ele esta província de um encanto tão especial e tão vivo! Namorado desta terra, ligou-se a ela por todos os laços que prendem o homem ao solo: construiu a casa, plantou a terra, mediu a região, triangulou-a, retratou-a, armou nela a plancheta de agrimensor e o cavalete de paisagista, pô-la em quadros encantadores e em mapas magníficos — únicos que existem do país vinhateiro do Douro---, percorreu-a incessantemente em todas as direcções, em jornadas de prazer e em jornadas de estudo, como agrónomo, como *touriste*, como pintor, como engenheiro, como naturalista.

Ninguém mais do que ele contribuiu para tornar conhecido, para tornar simpático o seu sítio.

Creio que o Douro seria feliz, se, em vez de eleger de quatro em quatro anos um deputado às Cortes, ele pudesse de vinte em vinte anos nomear para a sua região um simples proprietário como este.

Faltaria aos mais rudimentares deveres da civilidade se, achando-me no Alto Douro, deixasse de lhes apresentar a filoxera, porque ela tem aqui hoje verdadeiramente a supremacia de dona da casa.

A Filoxera-Vastatrix é um insecto microscópico, perceptível apenas ao olho nu como um ponto diminutíssimo, ao pé do qual um grão de areia é um colosso. Apresenta duas formas principais: a forma aérea e a forma subterrânea. Na forma aérea assemelha-se a um mosquitinho esguio e amarelado com quatro asas transparentes, as duas da frente maiores que as de trás e todas mais longas que o abdómen. Este volátil é transportado no vento e considera-se o principal agente da propagação do mal em grande áreas vinícolas. Pousa, assim que pode parar, na superfície inferior das parras e nelas pare de três a seis filhos insexuais, uns maiores e

outros mais pequenos, dos quais nascem netos com sexo: as fêmeas nascem dos filhos maiores, os machos dos filhos mais pequenos dos alados. Estes insectos não têm asas, são ápteros. Uns deles fixam-se nos ramos e nas folhas da videira; outros estabelecem-se-lhe nas raízes. Uns e outros são mães de profissão e de nascença e reproduzem em duas gerações, das quais a segunda, depois de um certo período de hibernação, torna a ser alada e a pôr ovos fecundados, de que resultam novos ápteros, já para os galhos, já para as raízes da cepa, como os seus avós.

Reduzem-se a seis os meios geralmente empregados para combater ou para contrabalançar a destruição da vinha pela filoxera:

- 1.º O sulfureto de carbono aplicado por injeção;
- 2.º O sulfocarbonato de potássio aplicado em lavagem;
- 3.º A inundação prolongada da cepa;
- 4.º A transplantação da vinha para a areia;
- 5.º A substituição das cepas velhas pelos novos baceiros americanos;
- 6.º A renovação da vinha e da terra pela sementeira, pela enxertia e pela reconstituição química do solo.

O sulfureto de carbono em injeção na terra exige aplicação anual e não passa de um paliativo cuja eficácia se acha suficientemente constatada.

O sulfocarbonato de potássio em solução tem o inconveniente de exigir quantidades de água que em geral não existe adequadamente distribuída para este fim nos terrenos, dificuldade agravada ainda pela circunstância de que o sulfocarbonato danifica a água, inutilizando-a para outros usos.

A inundação em terrenos tão precipitosos como os do Alto Douro tem dificuldades análogas às do emprego do sulfocarbonato.

A transplantação para a areia, remédio fundado na dificuldade que o terreno arenoso oferece à locomoção dos ápteros microscópicos, tem sido tentada com êxito, segundo me dizem, pelo viticultor francês Bartissol nas suas propriedades em Setúbal, mas não é applicável no Douro, onde escasseiam as grandes superfícies de areia.

A restauração da terra pela lavra profunda e pela adição de todos os adubos constituintes, minerais, vegetais e animais, e a restauração da videira pela procriação em semen-

teira, pelos cruzamentos das espécies, etc., não apresenta senão uma dificuldade: demanda trabalho, demanda dinheiro, demanda sobretudo conhecimentos técnicos, estudo prático, aplicação contínua, desvelo tenaz.

A boa tática na campanha suprema da agricultura do Alto Douro contra a invasão da filoxera, a tática empregada pelos agricultores mais instruídos e mais inteligentes, consiste no emprego principal dos últimos meios que acima indiquei, combinados com o emprego de todos os demais paliativos exequíveis, tendo em vista criar plantas novas com o mínimo sacrifício possível, com a máxima utilização provisória das plantas velhas.

Qual é a origem do mal das vinhas?

Conversei neste assunto com alguns dos mais esclarecidos lavradores, e eis as conclusões a que cheguei:

A vinha do Douro caiu em caquexia, minada pela anemia das velhas famílias exaustas, e morre, à semelhança de todos os organismos senis, profundamente empobrecidos e viciados, ao contacto da mais leve causa de perturbação e de desequilíbrio, como morrem os velhos, sob qualquer pretexto, de um simples resfriamento, de um golpe de sol ou de um tropeção.

Não há memória de que nos vinhedos portugueses se houvesse jamais semeado uma uva. A vinha do Alto Douro é talvez ainda a mesma com que Noé se emborrachou na Ásia, segundo o Génesis, *a res luxuriosa* de que fala o Livro dos Provérbios, ou a mesma cepa que Baco encontrou na ilha de Naxos, ao atravessar a Grécia, e depois se transplantou para os vales de Sorec e de Eschol, na Palestina. Desde tempos imemoriais que a vinha do Douro, cujas origens se perdem na escuridão dos séculos, se reproduz consecutivamente e invariavelmente pela transplantação. Isto seria a perpetuidade de uma espécie privilegiada na criação. Esse privilégio é contra as leis da natureza. A vinha não pode constituir excepção às regras fundamentais da evolução biológica. A velha cepa do Douro sucumbe atacada pela filoxera, não porque a filoxera seja necessariamente fatal à videira, mas porque a videira desta região esfalfada não tem seiva bastante poderosa para resistir à mordedura desse pequeno insecto.

Está demonstrado que os jovens bacelos americanos, virginais de podas e de enxertias, tenros mas saudáveis, sem

lesões, sem moléstias herdadas, são invulneráveis, são pelo menos resistentes à filoxera.

Que há pois que fazer para renovar a viticultura do Douro?

Substituir as videiras velhas, fracas, predispostas por natureza para todos os achaques da senilidade, por videiras novas, robustas e saudáveis.

Algumas objecções ocorrem.

A videira americana ou qualquer outra videira em estado primitivo, selvagem ou quase selvagem, produzirá uvas iguais e vinhos análogos às antigas uvas e ao antigos vinhos?

Bastarão as simples influências mesológicas para dar a plantas diversas uma individualidade comum?

Transplantada para o Douro a cepa americana dará vinho fino, assim como a cepa do Douro transplantada para o campo de Braga dá vinho verde?

Em vez de um mero produto do ar e do solo, actuando na evolução da videira, não será antes o vinho fino do Porto, como certos géneros literários, o fruto requintado das próprias doenças de uma raça valetudinária, corrompida e condenada?

Não será a cepa de Cima-Corgo o que são algumas finas organizações artísticas, doentias e frágeis, cuja força está na própria debilidade febril, e nas quais o talento diminui na mesma proporção em que nelas aumenta a força do sangue e o poder do músculo?

Não será uma das condições essenciais desse licor precioso a seiva adelgada da planta macróbia e a pulverização calcinada de um terreno cadavérico, sobre cuja constituição química ninguém ainda estudou cientificamente o resultado que se pode tirar dos diferentes adubos sistemáticos da agronomia moderna — o adubo intensivo, o adubo de funções específicas?

Criada e robustecida a haste da vinha americana, eleita a casta que nela dará para a enxertia o cavalo mais possante para aguentar o cavaleiro, reconstituído pelo matéria azotada, pela potassa, pela cal e pelo fósforo o vigor do solo em que ela há-de viçar e resistir à filoxera, fortificada assim a nova planta no novo terreno, colhida a uva, pisado o bago, fermentado o mosto, envasilhada a novidade, não sairá porventura da torneira da pipa, em vez do antigo vinho aromá-

tico, untuoso, aveludado e quente, um pobre líquido plebeu, escanifrado e cru?

A estas objecções só será lícito responder motivadamente depois de experiências feitas.

Tudo quanto sobre este assunto se pode por enquanto dizer, em tese, é que o remédio definitivo para a filoxera é a americanização das cepas com escolhas das melhores castas, sem com isto se afirmar que não morra da cura o que escapou da doença.

No entanto, durante o grave período de transição que o país do Douro está neste momento atravessando, uma revolução enorme se anuncia e se prepara.

Todo o comércio dos vinhos do Alto Douro é feito por ingleses, residentes na cidade do Porto ou nos seus subúrbios.

Nesta época do ano, durante as vindimas, eles vêm, pessoalmente, comprar.

Antigamente, quando os meios de transporte eram longos e difíceis, quando se gastavam quatro, seis ou oito dias para vir embarcado do Porto à Régua, trazendo-se toda uma estalagem flutuante no barco rabelo, com colchões na chilreira e debaixo da apegada, e com munições de boca, carneiros, cabritos, leitões e galinhas, para ir matando e comendo pelo caminho — o inglês ficava em casa, e as compras eram feitas pelos comissários residentes na Régua.

Hoje o comissário acabou. O correspondente da Régua acha-se reduzido a uma espécie de *factótum*, encarregado quase exclusivamente de ir esperar o inglês à estação do caminho-de-ferro, de lhe proporcionar carruagens ou cavalos de aluguer, ou de o seguir a pé de quinta em quinta como pajem da lança ou como escudeiro, levando a tiracolo o saco de viagem, ou sobraçada a maleta cilíndrica de afivelar à sela, dentro da qual o inglês transporta de vinha para vinha um par de peúgas, as suas chinelas, a sua camisa de dormir, uma navalha de barba, um sabão Windsor, o último número do *Punch* e um saca-rolhas.

Vestido de *gentleman-farmer* ou de *county gentleman*, de grossos sapatos com esporas, *knicker-bocker* ou calças de equitação forradas de camurça e abotoadas justas à perna do joelho para baixo, jaquetão escocês, luvas de governar, cabo de chi-

cote debaixo do braço, camisa de flanela ou de *foulard*, faces rubicundas, chapéu mole ou panamá sobre o olho, cercado das atenções e dos respeitos de todo o mundo, o inglês tem o aspecto pitoresco e feliz de ser propriamente ele o dono de tudo isto.

Diríeis um conde da mais nobre e velha linhagem da Inglaterra ou da Escócia passeando em correição pelas casas dos seus vassallos. O mesmo príncipe de Gales, em digressão de recreio pelos *cottages* dos seus rendeiros, não tem um ar mais nobre, nem mais dominador, nem mais senhoril que o de qualquer destes calças de couro emigrados do trato mercantil das docas de Liverpool ou de Southampton.

Seguem, precedem ou acompanham estes viajantes, de pouso em pouso, de estação em estação, grandes e apetitosos cestos merendeiros, pesados de víveres e de drogas: latas e terrinas de conservas de perdiz, de galinhola, de lebre, de fígados de pato, de salmão; maços de chá preto; frascos de soda e de sulfato de quinino, cápsulas de óleo de rícino; e numerosas garrafas de vinho velho do Porto, de *soda-water*, de *potass-water*, de *Forbach-water* e de *cognac*.

Os magros proprietários de pequenas colheitas de oito a dez pipas apenas, de vinhos pobres e frios, impróprios para a lotação e para a baldroca do armazém, apenas potáveis — indivíduos para quem o inglês nem se digna de olhar, para não azedar a vista e a digestão —, vêem-no passar nas ruas da Régua, onde eles vagueiam envergonhados ao farisco de um comprador, e seguem com os olhos ávidos e famélicos esses cabazes de pingues munições, símbolos ambulantes de fartura como cornucópias de viagem.

Chegado às grandes quintas conhecidas, o inglês manda o comissário, a correr, chamar o proprietário, e espera-o na vinha. Aí prova a uva, ouve o cálculo feito sobre o cômputo da lagarada e ajusta o preço do vinho segundo a cotação do ano.

Depois de fixada a importância da compra, por cada pipa em mosto, o inglês penetra na casa do agricultor. Antes disso nunca!

O negócio trata-se na vinha, em pé, de chapéu na cabeça. O proprietário, de olho investigativo, as mãos nos bolsos, torcendo nervosamente o fundo das algibeiras, affectando serenidade e indiferença. O inglês, cuspindo para o ar a

casca dos bagos mastigados, passeando dândinado entre as cepas, chicoteando as parras, falando com pronúncia saxónia um português de alfândega, em estilo composto de tanoeiro, de arrais, de moço de armazém, de troquilha e de mariola, dando invariavelmente o tratamento de *vossemecê* a qualquer que seja a pessoa com quem fale.

Metade dos ares de importância e das figuras de retórica usadas pelo viajante britânico em o discurso dessas transacções bastaria para que o proprietário, se fosse assim tratado por um português, o corresse a pontapés pelo parreiral ou o mandasse pôr, suspenso das orelhas, ao fundo da quinta, por um guarda das uveiras.

O inglês é respeitosa e convidado a repousar e a tomar um refresco na habitação do viticultor.

Na casa de jantar, sentado à mesa, tendo sido apresentado à senhora que a preside, o negociante recolhe-se e faz o que pode para pôr em evidência o *gentleman*. É grave, é ameno, é discreto, e digna-se até por vezes de falar em amizade a nobre língua dos dramas de Shakespeare e das notas do banco de Inglaterra.

É depois desta refeição sacramental, no momento de sair um pouco mais rubro do que entrara, que o inglês fecha a compra do género.

De que modo?

Tomando um apontamento em cifra na sua carteira de viagem, e dando ao dono da mercadoria... um *shake-hands*.

Por meio desta simples formalidade, tão comovente quanto destituída de toda a espécie de garantia, se acha fechada a transacção.

Quando muito bem lhe apraz, no regresso da sua excursão, o inglês reaparece, deixa um sinal em dinheiro e almoça. Chegado ao Porto, envia a aguardente com que deseja temperado o vinho no casco, e no mês de Março manda recolher a compra ao armazém em Vila Nova de Gaia. O pagamento é feito do seguinte modo: um terço à carregação em Março, abatendo-se então a importância do sinal recebido; um terço pelo S. João; o terço restante pelo S. Miguel, isto é, onze meses depois de efectuada a compra, quando o género tem tido tempo e retempo de estar vendido e pago ao prazo de três meses em Inglaterra. Com um capital de cem ou duzentas libras para o pagamento do sinal unicamente, ou do

sinal e da primeira prestação — capital fácil de levantar sobre a garantia da transacção feita —, o negociante de vinhos entra de chapa em pequenos negócios de vários contos de réis por ano.

É um dos mais lindos modos de vida que eu conheço.

E, não obstante, não há portuguez nenhum que o exerça.

No seu país o portuguez ou não quer ou não sabe negociar. O mais superficial exame à evolução do trabalho e da riqueza, através das nossas províncias, demonstra claramente que o que mais falta faz ao nosso desenvolvimento económico é o mercador.

É o estrangeiro que nos exporta os vinhos, não só do Douro, mas da Estremadura e da Bairrada.

É o estrangeiro que nos exporta a cortiça, que nos exporta a laranja, que nos exporta a cebola, que nos exporta o gado.

É ainda o estrangeiro que nos exporta os belos móveis artísticos dos séculos XVI e XVII, que o luxo manuelino espalhou por todo o País, e que ainda há pouco tempo enchiam os conventos, os mosteiros e os solares de província.

É ainda o estrangeiro que em cada ano põe à venda no Hotel Drouot, em Paris, os restos de faianças, de panos de Raso, de tapetes persas, de porcelanas da China e do Japão, de couros policromos, de colchas da Índia, de ferragens e de jóias de que as antigas casas arruinadas se desapossaram nas suas vendas.

Temos ainda lojistas que vendem no reino os artigos que em cada ano lhes remetem de Paris, de Londres, de Viena e de Berlim; mas o verdadeiro mercador desapareceu. O comércio de exportação em mãos portuguesas acabou, como acabou o comércio marítimo.

Lembram-se ainda os que passaram pelo Porto, há vinte ou trinta anos, o que era o rio Douro, visto de Cima do Muro? Lembram-se da grande floresta de navios portugueses à carga e à decarga, em Massarelos e Miragaia? das complicadas e longas dinastias, numeradas, das barcas e dos brigues, construídos nos estaleiros do Ouro? das *Amélias*, das *Castros*, das *Carolinas*?!...

Pois bem; eu não vi, ultimamente, um só navio portuguez de longo curso nas águas do Douro. E o estaleiro do Ouro — com que mágoa o digo! — acabou. Desapareceu esse longo estendal de madeiras, geometricamente trabalhadas no chão

pelos carpinteiros de machado; essa floresta de enxárcias, de gáveas, de mastaréis, de cavernames descarnados como esqueletos de enormes peixes a seco entre os álamos — pitoresco arsenal marítimo, situado numa das mais lindas curvas da margem do rio, onde, ao estrépido das enxós dos carpinteiros e dos maços dos calafates, no bom cheiro da estopa alcatroada, todos os portuenses da minha idade viram por tantas vezes o baptismo solene, o champanhe, e a queda na água do navio esbelto, virginal, de uma alegria de cisne, despedido rápido como um tiro pela calha ensebada, a um golpe de machado, num relâmpago de êxtase, num trovão de foguetes e de palmas.

Belo estaleiro do Ouro! Nem um só vestígio resta hoje do que ele foi na solitária e entristecida alameda, além das antigas árvores sobreviventes ao terrível golpe que, matando o estaleiro, pôs no lugar um véu de luto pela viuvez da terra, pela orfandade do rio!

Engana-se muito quem cuida que o vinho do Porto é um simples produto químico. Não. O vinho do Porto é principalmente uma obra de arte, um problema de gosto.

A matéria-prima empregada na confecção deste licor é a uva, a jeropiga, a aguardente e a baga de louro. Com a mesma baga, com a mesma aguardente, com a mesma jeropiga e com a mesma uva fazem-se cem, fazem-se duzentos, fazem-se inumeráveis tipos de vinhos, todos diversos uns dos outros.

A grande operação vinária divide-se em três períodos distintos: *antes do lagar, no lagar, depois do lagar.*

No primeiro período compreende-se a *vindima* propriamente dita, isto é, o corte da uva pela ranchada, composta de mulheres e rapazes munidos de um gigo vindimo e de uma navalha podoa, e dispostos à cabeceira da linha se a vinha está armada em paralelas, ou a uma das testadas se é em quincôncio que está armada a vinha. Alinhados uns pelos outros, os vindimadores caminham em linha recta, de uma testada ou cabeceira até à cabeceira ou testada oposta. Ao corte da uva e ao transporte dela à casa do lagar segue-se a escolha e a limpeza dos cachos, a separação das castas, a das uvas verdes, das uvas maduras e das uvas passadas.

No segundo período compreende-se a *lagaragem*, isto é — a *pisa*, a operação de despegar o bago do seu pedículo, a que se chama o *desengace*, a separação do sumo, do cango, do folheto e do bagulho; a espremedura; a curtimenta do mosto.

No terceiro período compreende-se a *envasilhagem*, o transporte da lagarada para os dornachos e para os tonéis, ou por bomba, em mangueira ou em calhas, ou a braço, em vasos de aduela, baldes de lagareiros ou alamudes; a têmpera; a trasfega; a colagem; etc.

A cada uma dessas diferentes operações correspondem processos extremamente complexos, de um estudo delicado e finíssimo.

Abandonado a si mesmo, tal como o deu a uva pisada e espremida, o vinho do Porto seria uma bebida extremamente inferior a qualquer bom vinho do Dão ou da Bairrada. *O que faz o vinho* — dizem os vinhateiros — *é a educação*. Assim, na confecção do mais puro champanhe entram dezasseis ou dezoito ingredientes diversos.

A falsificação é outra coisa, que não consiste na têmpera do vinho, mas sim na fabricação total do licor, operada por meio de complicadas misturas sobre uma base de vinho abafado ou de jéropiga e de álcool. Os vinhos mais fáceis de imitar artificialmente são os vinhos mais alcoólicos, como o *Porto*, o *Madeira*, o *Málaga*, o *Tokay*, o *Lacryma Chrysti*. Os antigos centros da fabricação destes vinhos fictícios eram Cette, Mèze, Bèziers, Lunel e Montpellier, no Sul da França. Esta indústria localizou-se também ultimamente em algumas cidades de Espanha e no Porto, onde se faz vinho do Alto Douro com vinhos de toda a parte, excepto talvez com os do Algarve, os quais todavia são os mais semelhantes ao tipo que se pretende imitar.

Na vinificação do Douro pouco ou quase nada haverá que reformar.

Os processos tradicionais e empíricos, cotejados com as mais recentes teorias científicas, dão em último resultado a perfeição. O vinicultor nem sempre saberá talvez a razão científica daquilo que faz, mas faz sempre, por hábito contraído e por costume herdado, aquilo que deve fazer. A meia ciência, que ordinariamente procede sem provas definidas e completas, fará bem no interesse do vinho em não se meter a alterar com a rotina vinhateira do Douro.

É uso, por exemplo, depois da pisa, em vez de deixar imobilizar o mosto na fermentação, fazer passear na lagarada, durante uma noite ou um dia, um número de lagareiros calculado em um homem por cada pipa. A razão deste uso atribui-se à vantagem de calcar o folhelho no fundo do lagar, para o fim de aumentar a coloração do vinho. Esta teoria é falsa, porque a tinta da uva não está na epiderme, mas sim na camada esponjosa que ela cobre e que reveste a massa celulosa do bago. A prática, porém, é excelente, como o vieram demonstrar as recentes experiências de Gay-Lussac e de Pasteur, provando que o oxigénio é indispensável à fermentação do mosto, e que quanto mais se areja o mosto tanto mais se lhe activa a fermentação, concluindo Pasteur que pelo arejamento se desdobra totalmente o açúcar, e que quanto mais o mosto se oxida mais seco fica o vinho, mais retinto e mais perfumado.

Ora o passeio dos lagareiros no mosto é o melhor meio de o arejar, já agitando e desfazendo no ar os vapores que a fermentação produz e que abafam a lagarada, já remexendo docemente o líquido e oxigenando-o metodicamente, gradualmente, do cimo ao fundo, em toda a espessura da massa.

Mas, se não há que inovar na fabricação dos vinhos finos do Douro, quanto não há que aprender, que reflectir, que ponderar, que saber no complicado decurso desse verdadeiro drama que é a vida do vinho do Porto, desde que se extrai da cepa para ser pisado até que escorre no copo para ser bebido! Quantos cuidados na vinha! quantos no lagar! quantos na adega!

Há bibliotecas enormes de viticultura e de vinificação. Toda a questão da vinha ou do vinho prende a um problema de ciências naturais ou de ciências químicas, e procura a sua solução na geologia, na mineralogia, na botânica, na climatologia, na física, na química agrícola, na entomologia, na micrografia, etc.

A mais leve diferença no tratamento do mosto, mais ou menos algumas horas ou alguns homens na operação do arejamento, a mínima alteração na curtimenta, na trasfega ou na têmpera, na dosagem, ou na qualidade de baga, da jero-piga e da aguardente transformam inteiramente o tipo, a natureza, o valor do vinho. Não há produto mais delicado nem mais susceptível.

Um provador meu conhecido, passando de uma vez em revista os vinhos de um armazém em Vila Nova de Gaia, mandou marcar certa pipa com uma cruz a giz, e, depois de ter provado cem pipas do mesmo vinho, mandou trasfegar o da pipa marcada:

— Esse aí está-lhe a vir não sei o quê. Mudem-no já de vasilha.

E, feita a operação indicada, reconheceu-se que no fundo da pipa assinalada pelo provador havia uma pequena moeda de cobre.

Ainda agora num armazém da Régua eu ouvi um perito dizer:

— Ponham fora quanto antes essa pipa de aguardente: o vinho de todos os tonéis está a começar a saber ao gosto que ela tem!

A necessidade impreterível de combater a devastação da filoxera por meio de cuidados desveladíssimos de cada dia, quase de cada hora, veio tornar a cultura da vinha ainda mais difícil que a vinificação. O trabalho que a cepa requer renova-se constantemente e não finda nunca.

Já Virgílio nas *Geórgicas* o dizia:

*Est etiam ille labor curandis vitibus alter,
Cui nunquam exhausti satis est.*

Todo o proprietário do Alto Douro que continuar a confiar de caseiros e de mercenários o amanhã das suas terras, comendo tranquilamente em Lisboa ou no Porto o rendimento das suas quintas, como era vulgar antigamente, não tem em pouco tempo nem um só bago de uva para colher. Várias quintas, outrora fertilíssimas e produzindo centenas de pipas de vinho, acham-se hoje completamente destruídas e quase abandonadas. Compram-se algumas pela décima parte do valor que tinham há apenas dez ou doze anos.

O antigo *cavalheiro do Douro*, ocioso abastado, ídolo dos batoteiros da Foz, de Sintra e da Póvoa de Varzim, bem como as famílias com filhas casaduras que despachar, hóspede vitalício e generoso das hospedarias da *Águia de Ouro*, no

Porto, da *Boavista*, na Foz, e dos *Irmãos Unidos*, em Lisboa, desapareceu da convivência social!

Fulano? arruinado! Cicrano? arruinado! Beltrano? arruinado!

Estão arruinados todos os que não estão mortos. Uns fizeram-se corretores em negócios de cavalos; outros conseguiram chegar a empregados da alfândega, dos correios ou dos caminhos-de-ferro.

O antigo Douro acabou enfim também, como tantas outras fundações desaparecidas radicalmente ou transformadas na sociedade portuguesa no decurso dos últimos tempos.

Pode-se dizer que mais coisas findaram em Portugal durante os últimos trinta anos do que durante os dois séculos precedentes.

Quais as causas dessa lenta transformação em que sucessivamente vamos vendo desaparecer tudo o que foi, sem se discriminar ainda bem, neste estado transitório, aquilo que há-de ser e que há-de ficar duradouro e definitivo? As causas são a abolição dos vínculos, os caminhos-de-ferro, a intriga e a corrupção eleitoral, as inscrições, a dissolução dos velhos costumes burgueses, o triunfo fácil das ambições reles, o banquismo, o brasileirismo, a ignorância geral subsequente à abolição das ordens religiosas, que eram as cabeças pensantes do País.

As conseqüências são: o abandono da propriedade agrícola, o desdém da vida rural, a falta de núcleos provinciais, a cambalhota das fortunas, a dissolução das famílias preponderantes; e, no meio desta confusão tumultuária de coisas e de gentes, uma concorrência de trabalho que principia, um regime de competência e de valor pessoal que começa a afirmar-se nas zonas da actividade abandonadas ao acaso pela incúria oficial, pelo desleixo governativo, pela estupidez do Estado.

O agricultor moderno, o proprietário do futuro, inteligente, instruído, amando a lavoura como a obra viva do seu espírito, e não simplesmente como a antiga gleba a que estavam adstritos os servos do senhor feudal, começa a aparecer no Douro.

Vários homens novos, perfeitos homens do mundo, mais ou menos bacharéis, tendo viajado, tendo aprendido, assinando no interior do Douro um jornal de Paris e uma revista

inglesa, protestam corajosamente, pela sua aplicação e pelo seu trabalho no renovamento agrícola, contra o desleixo excelso dos seus antepassados. Estes *rapazes*, se assim me é lícito denominar cronologicamente indivíduos da geração a que eu pertenço, estudam e resolvem com perfeita competência todas as questões técnicas relativas ao vinho e à vinha; têm laboratórios de química agrícola e principalmente de química vinar, suficientemente apetrechados para as principais análises do mosto, do vinho, do álcool, do solo, dos adubos; possuem bibliotecas especiais muito bem providas; mantêm correspondência e permutam informações e notícias com os grandes viticultores da França, da Espanha e da Itália; procedem activamente e inteligentemente à renovação do solo e dos vinhedos por meio da reconstituição da terra e da cepa, pelos adubos, pelos enxertos, pelos cruzamentos das castas, pela formação de sementeiras e de alfobres de videiras virginais, pela preparação de um pessoal técnico para a enxertia nas varas finas e tenras dos novos cavalos, pela tentativa de novas culturas, etc. É desses lavradores que está dependente o futuro do país vinhateiro do Douro.

A antiga riqueza territorial acabou aqui, como tende a acabar em toda a Europa, com os novos meios de comunicação rápida e com a concorrência aos nossos mercados dos produtos das terras vastas e virgens da América e da Austrália, em competência com os produtos dos retalhados e empobrecidos terrenos europeus.

Será unicamente pela escolhida delicadeza ou pela fragilidade da produção que o agricultor europeu poderá medir-se com os seus rivais longínquos do novo mundo.

Será unicamente a agricultura sábia, diligente, incessantemente aplicada ao estudo e ao trabalho local, a que por fim triunfará, sobrevivendo à vasta ruína que — pelas novas relações do globo, pela revolução trazida ao comércio pela construção das grandes linhas férreas, pela perfuração dos montes, pelo corte dos istmos, pela abertura dos canais, pelo estabelecimento dos telégrafos e dos cabos submarinos — paira presentemente sobre a Europa toda como um enorme *krach* rural.

De Santa Apolónia a Campanhã — O Porto — A cidade moderna — Transformações materiais e transformações mentais — A Imprensa — As associações — A cidade de há trinta anos — Costumes burgueses — Súcias — Merendas campestres — Jantares pelo rio acima — Retórica local.

Porto — Julho, 1883.

A companhia de zarzuela que estava no Teatro dos Recreios veio para cá no mesmo comboio em que eu vim. Na estação do caminho-de-ferro, em Santa Apolónia, a sala de espera cheia. Eram as cantoras, os cantores, os coristas de um e de outro sexo, e o corpo de baile.

Elas, envoltas nas mantilhas, sobraçando sacos, trouxas de roupa e chapeleiras de papelão. Eles, de jaleco, com o chapéu carregado sobre o olho, sem gravata, barba por fazer e cigarro no beijo.

Jovens lusitanos, em traje de esperar touros, estão no bota-fora, e prestam serviços às belas, segurando os sacos, os rolos dos agasalhos e as bocetas de cartão.

Conspícuos governadores civis e graves candidatos a deputados, que tinham vindo à Corte conferenciar com o Governo, circulam com ar austero, chapéu alto, guarda-pó de linho e frasco a tiracolo, por entre o rebuliço da multidão.

As vozes agudas das mulheres espanholas soltam no ar girândolas de perguntas e de respostas, cruzadas em diálogos através da atmosfera da sala, impregnada de um possante cheiro castelhano de gordura e de alho.

— Os senhores passageiros queiram subir para as carruagens; o comboio vai partir!

A estas palavras a multidão encapela-se na direcção do comboio como um movimento de vaga. Trocam-se abraços e beijos, entre risadas estrídulas e nasais repicando como castanholas:

— *Adiós, Lola! Adiós, Pepa! Adiós, Dolores!*

Dentro de algumas carruagens ouvem-se harpejos beliscados nas guitarras, que principiam a afinar. Por baixo dos

vestidos arregaçados, pés curtos e ligeiros saltam aos estribos, e formas curvas, de uma elegância adunca, embebem-se para dentro do trem. Batem, caindo sucessivamente, os fechos das portinholas. A sineta da estação dá o sinal da partida.

Abalámos finalmente, ao som das *seguidillas* entoadas nas carruagens de segunda classe e dos adeuses repetidos na *gare* entre acenos de chapéus e de lenços brancos.

Desde Santa Apolónia, à saída de Lisboa, até Campanhã, à entrada do Porto, a zarzuela não deixou nunca de exercer os seus efeitos. Ela declamou, cantou, tocou guitarra, tocou pandeiro, comeu chouriço e rogou pragas! Às três horas da madrugada, quando o comboio adormecido parou para receber água no meio de um pinhal, acordei aos gritos agudos de uma voz de mulher que bradava de uma das extremidades do longo trem:

— *Pollo! Pollo!! Pollo!!!*

Uma voz de homem, grossa, grave, arrastada, pachorenta, contestou da extremidade oposta:

— *Que se oferece?*

A voz de soprano, que primeiramente chamara por Pollo, perguntou:

— *Como 'tá Julia?*

E a voz do baixo profundo respondeu:

— *Dormindo!*

Até para Júlia dormir era preciso que um dueto nos acor-dasse. Imaginem a bulha proporcional a Júlia desperta! a Júlia chupando laranjas! a Júlia comendo melão! a Júlia to-manco chocolate e embrulhando bifés num jornal no bufete do Entroncamento! a Júlia mordendo com voracidade em Coimbra as pencas de manjar branco!

De manhã, ao chegarmos a Aveiro, um lavrador do Ribatejo, que vinha defronte de mim no mesmo compartimento, esfregou os olhos, bocejou magnanimamente, espreguiçou-se erguendo os punhos cerrados para o tecto da carruagem, e exclamou:

— Já me cheira a Minho. Daqui a nada estamos na região do País em que o dinheiro se não conta senão por mil cruzados e em que o máximo de uma colheita é um moio.

E, tendo acendido um cigarro, o do Ribatejo arrojou o fós-

foro queimado à estrada com um gesto cheio de desprezo pela região minhota em que íamos entrar.

— Do Vouga para cima — continuou o ribatejano com azedume — a unidade deles para o dinheiro que foram ganhar ao Brasil é o conto de réis; para o trigo que eles mesmo cultivam é o salamim. Parlapatões!... Olhem para aquela eira! Aquilo aqui assim é a eira de um ricaço. Tem duas braças quadradas. É do tamanho de um lar nas cozinhas da minha terra.

Um passageiro, que tinha bilhete para Braga e que ia na bancada do meu lado, interveio em defesa do Minho.

— Diga lá o senhor o que quiser da colheita dos trigos e do tamanho das eiras. Paisagem como esta é que o senhor não é capaz de me dar lá para baixo. Regale-se de estender os olhos pela frescura desses milhos e desses pinhais! E tudo salpicado de habitações graciosas, que denotam prosperidade e bem-estar. Faça-me o favor de olhar aqui por este postigo por aí fora até o mar. Veja lá se há nada mais pitoresco!

— É com o que lhe dão: com o pitoresco! — retorquiu o outro. — Um pitoresco de casinholas umas em cima das outras, que não pode um boi (com licença) escornar no campo sem deitar abaixo uma parede. O senhor já viu nas lezírias, no campo de Almeirim, ao fim da tarde, no Verão, um campino parado no meio da planície, com o seu pampilho em punho e com o seu cavalo à rédea?... Isso é que eu chamo pitoresco, isso é que é belo, isso é que dá ao homem a sensação de liberdade e do valor.

— A liberdade dos campinos é boa! pelo uso que eles fazem dela é fresca a tal liberdade!... De quem o senhor me vem falar?! Dos campinos! uma corja de mandriões, que não são capazes de deitar a mão a trabalho nenhum, que não prestam para nada senão para andarem a cavalo ao pé do gado, para dormirem de barriga para o ar nas eiras, para beberem vinho com os toureiros, e para roubarem os meloais e as vinhas... Uma raça de malandros!

— No Minho então não se rouba? Lá não vão aos melões, e às uvas, e às castanhas, e às pinhas?...

— Não, senhor; não vão.

— Então para que é que os proprietários levantam em redor das quintas os muros da altura de dois homens, com fundos de garrafas em cima, com ratoeiras dentro, e com

cães, que ninguém passa nas estradas que eles não venham rosnar e ladrar aos valados com os focinhos negros arreganhados e os grandes rabos amarelos alçados como báculos?

— Cães de caça, senhor, cães de caça!

— Cães de caça de barrigas de pernas dos viandantes e dos mendigos; que também não há terra em que se mendigue mais do que no Minho! Todo o habitante pobre é de profissão pedinte. As crianças são educadas a pedir esmola, trocando ao lado das carruagens que passam nas estradas, choringando e lamuriando em coro, de barriga ao léu e pernas encardidas de lama, com as cabeças tinhosos, sujas como bacorinhos, e descabeçando padres-nossos como beatas velhas. É uma infância vergonhosa e indecente, de que não podem sair senão homens pusilânimes, estúpidos, sem brio, ligados à terra passivamente como bezerros, incapazes de a honrar e de a defender. Vá lá para o Alentejo a ver se alguém pede esmola pelas estradas, ou se alguém se anda a desbarretar pelos caminhos diante de todo o bicho-careta que passa, unicamente porque o bicho-careta traz fechos de prata na jaleca e grillão de ouro no relógio! Os próprios rendeiros, e os maiorais do conde de Sobral, do Ramalho de Évora, do Estêvão de Alcochete, falam-lhes de chapéu na cabeça, de igual para igual, como na Andaluzia e na Estremadura espanhola. Por nenhum dinheiro do mundo um alentejano, um estremenho ou um algarvio entraria nu em uma latrina como fazem os minhotos para o negócio do estrume. Basta comparar as habitações alentejanas, esmeradamente asseadas, com os chiqueiros das famílias pobres no Minho.

— É porque no Minho não há cal.

— Mandem-na vir!

— É o que eles fazem; mas, como a cal não está no solo, o asseio não está nos costumes. Olhe Afife, como é uma povoação asseada! Porquê? Porque os de Afife são todos estucadores: é a especialidade da profissão que os familiariza com a cal. Onde a casa é negra o homem é sujo.

— O senhor cuida então que o que falta no Minho é cal? Pois eu entendo que o que lá falta é gente. A população do Minho é uma população de refugio. A emigração é um agente selectivo exercendo-se no sentido de operar a decadência. O minhoto mais forte, o mais robusto e mais inteligente vai para o Brasil...

— Enriquecer!

— Sim; enriquecer o Brasil com a sua inteligência e com o seu trabalho, e empobrecer a sua terra pela ausência da sua capacidade e da sua força no conflito da civilização local.

— Mas, graças aos capitais que regressam do Brasil, a província do Minho floresce e prospera.

— Prospera em casa novas forradas de azulejo, em grades de ferro pintadas de verde e de cor de ouro, em hortas ajardinadas, em capoeiras bem sortidas, e em caramanchões nos ângulos das quintas. Mas não prospera em trabalho nem em produção. O dinheiro aumenta nas mãos de alguns, mas o trabalho não aumenta na actividade geral. Em virtude das capacidades subtraídas pela emigração, todas as indústrias minhotas desfalecem por falta de direcção inteligente e esclrecida.

— Então a criação do gado não é uma indústria próspera?

— Ora, adeus! Então o senhor imagina que o minhoto cria gado? O minhoto engorda bois, o que é diferente. Engordar o boi não é propriamente uma indústria, é uma operação de fundos, uma colocação de capital, uma forma de pôr dinheiro a juro. Todas as indústrias que merecem verdadeiramente esse nome estão estacionárias ou decadentes. Veja em Guimarães a indústria dos panos de linho, a indústria da cutelaria, a indústria do couro; veja em Braga a indústria dos chapéus; veja em Vila do Conde a das rendas; veja em Viana, em Caminha, em Fão, em Esposende, a indústria das construções navais.

— O número das construções navais nos departamentos marítimos do Norte aumenta.

— Mas o número total de toneladas que as embarcações construídas comportam diminui, porque se não fazem já senão pequenas embarcações de cabotagem. Não há escolas profissionais, não há concursos rurais, não há museus de indústria, não há ensino, não há finalmente organização industrial.

— Mas também a não há no resto do País. Nas Caldas, por exemplo, a louça fabricada hoje é muito pior do que era há oitenta anos. Com uma tradição de modelos lindíssimos da escola de Bernardo Palissy, com um esmalte incomparável, a cerâmica das Caldas não sai do período infantil da arte. Ainda ultimamente lá estive. O fabrico da louça faz-se

pelos processos mais primitivos; não sabem amassar o barro, não o sabem cozer, não sabem fornear. Desconhecem completamente o uso do termómetro. Agora, quanto à emigração do Minho, tenho a dizer-lhe que nem todo o minhoto emigra para o Brasil. O senhor vê em Lisboa um grande número de artistas, de homens de letras e de homens de Estado que são do Norte do País.

— Isso mostra que o absentismo se dá por várias formas, mas os efeitos são os mesmos: no Minho falta gente. Há algum dinheiro, não digo que não, dinheiro de algibeira principalmente, dinheiro para despesas miúdas, em maior quantidade do que na Estremadura, no Alentejo ou no Algarve. Mas que importância tem o dinheiro? para que diabo serve o dinheiro?

— Eu lhe digo, meu rico senhor, o dinheiro serve principalmente para tudo, e remedeia para o resto.

Os oito viajantes que enchiam os oito lugares do nosso vagão apoiaram todos unanimemente esta afirmativa, arregalando os olhos, dizendo em exclamações *oh! oh!* e bambeando aprovativamente as cabeças sonolentas e cheias de pó.

No entanto, a frescura do mar, coada através dos pinhais, inundava-nos num banho de ar puro e balsâmico. As bouças de mato cobertas de flores cor de ouro, os fetos e as urzes, cintilantes do orvalho da noite, reluziam nos valados e nos taludes ao sol da manhã.

Em Aveiro as mulheres oferecem-nos os seus barrilinhos tradicionais de mexilhão e de ovos-moles.

Em Espinho os banheiros, vestidos de baeta, saídos do mar escorrendo água, entregam-nos os seus bilhetes de visita, enquanto os banhistas, passeando gravemente na estação, de chapéus de palha e sapatos brancos, com os seus bordões de cana-da-índia com argolas de prata, abrem o correio de Lisboa e percorrem com zelo os jornais da manhã.

Na Granja abrem-se as vidraças e os estores dos lindos *cottages* e dos frescos *chalets* situados à beira da estrada. Criadas de avental branco sacodem os tapetes ou colocam às janelas as gaiolas dos canários e as faianças com begónias. Grandes moitas de hortênsias abraçam as escadas exteriores dos pequenos prédios, e as crianças de bibes de linho com os

seus chapéus derrubados, de palhoça, descem pela mão para a praia.

O panorama, extraordinariamente belo, que se descobre da grande ponte sobre o Douro principia a desenrolar aos nossos olhos os seus diferentes aspectos tão variados, tão imprevistos. O rio, liso, e espelhado como uma chapa de vidro azul e verde. Uma extensa cordilheira de colinas, cobertas de pinheirais e desenhando no espaço vaporoso e húmido as curvas mais suaves e as perspectivas mais graciosas e mais risonhas. À beira da água, sulcada de barcos, de cor escura, esguios, da forma de gôndolas venezianas, remados de pé com largas pás que bracejam silenciosas e lentas, arredondam-se em grandes massas de um verde-escuro e espesso os velhos arvoredos das quintas do Freixo, da Oliveira, de Quebrantões e de Avintes.

Apeamo-nos finalmente na estação de Campanhã. Uma fila de carruagens sobre a linha dos trâmueis. Um rumor diligente e alegre de tamancos novos sobre os largos passeios lajeados. Mulheres bem feitas, caminhando direitas, de cabeça alta, cintura fina solidamente torneada sobre os rins, e alegres lenços amarelos, de ramagens vermelhas, encruzados sobre a curva robusta do peito. Canastras bem tecidas, grandes como berços, cobertas de pano de algodão em listras azuis e encarnadas.

As carruagens americanas recebem tudo, gente, cestos de fruta, canastras, trouxas de roupa branca, caixotes, seirões com ferramentas. Dos vinte passageiros de Campanhã que tomam lugar connosco no carro americano dois têm escrôfulas, e um tem uma grossa corrente de ouro no relógio e um grande brilhante pregado no peito da camisa. Um pequeno, ruivo, sardento, de olhos azuis, apregoa o *Jornal da Minhaum*. As mulinhas trotam bem. E todas as casas, de um e de outro lado da rua, têm à porta a cancelinha baixa, de pau, pintada de verde. Estamos no Porto.

Os melhoramentos materiais na cidade que acabo de entrever são, na verdade, consideráveis. As novas ruas, a prolongação da Boavista, a de Mouzinho da Silveira, paralela à rua das Flores, a de Passos Manuel, desde Santa Catarina à Rua de Sá da Bandeira, a rua que liga a estação do Pinheiro

com a cidade, e outras, acham-se quase inteiramente guarnecidas de prédios e todos os prédios habitados.

Outro tanto sucede nos bairros novos do Palácio de Cristal e da Duquesa de Bragança.

O Bairro Herculano, entre o Jardim de S. Lázaro e as Fontainhas, é um recinto murado, fechado por uma grade de ferro, compreendendo duzentas ou trezentas casas, de rés-do-chão, ou de um andar, comodamente alinhadas, com um pequeno jardim comum, um mercado, lavadouros, enxugadouros, etc.

Está já delineado, com as ruas em esboço, o projectado bairro do Campo do Cirne, em frente do Cemitério do Repouso, ao lado da Rua do Heroísmo. E a nova ponte, que vem da serra do Pilar às proximidades do Paço do Bispo, demolirá e transformará em novas avenidas os bairros antigos do Barredo e da Sé.

Aqueles que há vinte anos partiram daqui, como eu, arriscam-se, regressando depois de mim, a não atinar com o seu caminho, a não encontrar a sua casa, nem a sua rua, nem os seus sítios.

Deixou de existir a antiga Rua do Souto, a das Congostas, a dos Mercadores, a da Bainharia e a tão pitoresca e tortuosa Rua da Reboleira, com o seu arco da Porta Nobre, as suas janelas em ressalto como as das velhas casas flamengas, e as suas tanoarias, por entre cuja frescura era tão bom no Verão passar à sombra, no picante cheiro da aduela e dos vimes do vasilhame, ao vir da Foz em *char-à-bancs* sob o sol a pino!

Dir-se-ia que os nossos pais morreram para nós muito mais completamente do que morreram para eles os seus avós e os seus bisavós, levando consigo, ao desaparecerem, quase tudo quanto os rodeava na vida: a casa, o jardim, a rua que habitavam.

As modernas construções não têm aqui, como não têm no resto do País, carácter artístico. As casas novas do interior da cidade são tão chatas e tão infortáveis como aquelas que vieram substituir, e estão longe de dar ideia da encantadora reforma por que têm passado as edificações urbanas nos países setentrionais da Europa, especialmente a Prússia e o Hannover.

A estrutura geral dos prédios apresenta, porém, um aspecto consistente, não desagradável à vista: os telhados de

lousa, as fachadas revestidas de azulejos, as padieiras de granito, tão nitidamente esquadriadas, dão ao todo um ar rijo, saudável, alegre, harmonizado bem com os tons frescos da paisagem, com a verdura das colinas, com as árvores das praças, com os parreirais dos jardins, com as nebrinas do Douro esbatendo no vapor aquático, polvilhando de sol, o risonho contorno da casaria e das montanhas.

Têm os progressos do espírito acompanhado a evolução dos melhoramentos exteriores?

Esta questão é mais complexa, e não tenho tempo para a estudar em detalhe, nem espaço para a tratar por inteiro.

O que vou fazer é transmitir as minhas primeiras impressões de turista em viagem na minha própria terra, com a superficialidade profissional de um repórter ao acabar de chegar a um país desconhecido, e propondo-se compará-lo a um país que conhece: o Porto de hoje posto ao lado do Porto de há trinta anos.

Não leio habitualmente os jornais da província. Não frequentando o café, não tendo clube, não indo ao Grémio, não vendo senão as folhas que me traz a minha casa o correio, confesso humilhado que até os títulos desconhecia de alguns dos jornais portuenses, que leio aqui todos, sistematicamente, do princípio ao fim, fazendo deles há oito dias a grande peça de resistência da minha alimentação mental.

Neste ponto devo começar por dizer que o Porto está bastante adiante de Lisboa. A maioria dos periódicos da capital, à parte a controvérsia política sustentada na Imprensa pelos chefes literários dos diversos partidos, não suportam comparação com as folhas portuenses.

Os noticiários daqui encerram um conjunto muito mais variado de informações úteis sobre o movimento científico, sobre o movimento literário e sobre o movimento industrial da Europa. Todos os grandes jornais, que são cinco ou seis, contêm um longo artigo doutrinal, grave, versando sobre a questão política do dia, ao modo antigo. Como interesse social e às vezes um pouco chocho, porque, pela sua influência no património intelectual dos homens, a coisa que fizeram ou que deixaram de fazer os poderes públicos importa às vezes muito menos à curiosidade e à direcção social do que a simples redondilha popular que um gaiato vai descantando pela rua na ária à moda.

Mas o tom geral deste artigo revela sempre um fundo respeitável da aplicação dada ao estudo dos prolemas em voga, uma atitude de crítica serena, uma honestidade aparente, dentro de uma forma comedida e correcta.

As correspondências de Lisboa em geral e algumas enviadas das principais cidades da província são feitas com habilitade técnica e com um grande zelo de alvissaragem minudente e fiel.

O folhetim propriamente dito, isto é, a crónica semanal das ideias, dos costumes, da arte e da moda acabou na Imprensa portuense, como na Imprensa de toda a parte. Somente nos periódicos do Porto o espírito literário do folhetim não se infiltrou, como em Paris, nas demais secção da folha. Em França o folhetim deixou de ser o que antigamente era, porque se espalhou e invadiu o jornal todo. Entre nós, ao contrário, o folhetim foi absorvido pelo resto, e não desapareceu porque se transformasse, desapareceu porque acabou.

A antiga geração literária do Guichard, da porta do Moré e da Águia de Ouro extinguiu-se ou expatriou-se, sem deixar sucessores na publicidade portuense. Evaristo Basto, António Coelho Lousada, Augusto Soromenho, Camilo Castelo Branco, Ricardo Guimarães não têm no actual jornalismo portuense quem dê ideia alguma do papel que eles representaram no jornalismo de há vinte anos.

A geração nova tem uma disciplina, um método, uma linha de conduta social, um propósito político, um destino filosófico. Eu sou de uma idade transitória, vim obscuramente num período de transformação, com uma ala de sapadores, e pertença à pequena companhia antipática dos *bota-abaixo*. Mas aqueles a cujo lado trabalhei em moço, e que fizeram falar de si, eram personalidades literárias inteiramente diferentes dos jovens escritores de hoje.

Os antigos cronistas portuenses, cujos nomes recordo com saudosa e magoada estima, não tinham filosofia social, não tinham espírito algum de seita ou de partido. Hoje é-se necessariamente revolucionário ou conservador, ou se é pela república ou pela monarquia; há uma grande arte regeneradora e uma arte progressista, um ideal demagógico feito carne em Magalhães Lima e um ideal constituinte personificado em José Dias Ferreira, divergente do actual regime monárquico e bem assim dos sistemas propostos pela democracia radical.

Noutro tempo os homens de espírito não eram mais monárquicos liberais do que eram republicanos ou do que eram legitimistas. No jornalismo contemporâneo toda a pena é uma arma de combate. No jornalismo de outrora a pena para um verdadeiro escritor era apenas um puro instrumento de poesia. Os combates travavam-se unicamente a *casse-tête* com os homens e a olho com as mulheres.

O único inimigo comum para os últimos dos românticos no jornalismo portuense era a estupidez humana, representada pelo honesto burguês da Rua das Flores e da Rua dos Ingleses, e era o espírito imobilizante de rotina, simbolizado no carroção veículo de família puxado a bois e inventado pelo segeiro Manuel José de Oliveira.

Para resistir a estas duas influências e para as combater opunha-se-lhes, arvorado em sistema, o amor da aventura e da violência dos contrastes, a *toilette* espectacular, o movimento, o barulho, a troça, a pancadaria, o escândalo.

Para o fim de irritar o burguês e de o fazer estourar nos seus redutos, de apoplexia ou de raiva, traziam-se casacas de alamares, laços de gravata de palmo e meio de superfície, coletes vermelhos, cabelos até aos ombros. Andava-se de dia pelas ruas e ia-se nos domingos ao Jardim de S. Lázaro levando enrolado no busto um *plaid* de quadrados amarelos, encarnados e verdes. Nunca se largavam as esporas, traziam-se as calças à *hussard*, o *casse-tête* de cana-da-índia com uma asa de couro numa extremidade, um galho de veado na outra, e uma baioneta dentro. Cultivavam-se de frente seis namoros a um tempo, mantinham-se paixões funestas por meio de cartas em estilo incendiário. Era-se preso ou admoestado pela polícia uma vez por semana. Rebutavam-se cavalos e rebutavam-se batotas. As pateadas memoráveis no Teatro de S. João, à Dabedille e à Bolonni, à Giordano e à Ponti, deixavam em estilhas as bancadas da sala. De uma vez, António Girão, em pé sobre um banco, com um barrote do soa-lho em punho, ameaçou a autoridade de que deitaria abaixo o lustre se a guarda municipal penetrasse na plateia. De outra vez, numa empresa de José Lombardi, os coristas e os comparsas, armados de paus apareceram no palco com o pano em cima e desafiaram os espectadores pateantes; o público subiu à cena, e, depois de uma terrível luta de homem a homem, foi varrida a companhia toda para a rua, à bordoa-

da. Metade das senhoras que assistiram a esse espectáculo nunca visto saíram dos camarotes para os seus carroções levadas em braços, desmaiadas ou em convulsões de nervos.

O ar fatal era de rigor nas salas. Os poetas usavam no pulso um misterioso bracelete de mulher, uma pequena caveira de ferro na gravata ou no anel; e todo o mundo literário, à noite, nos bailes, era magro, pálido, impenetrável como um cofre de trágicos arcanos. O sujeito dado à metrificação via deslizar a valsa encostado a uma ombreira de porta, terrível, de monóculo no olho e *patchouli* no lenço.

De que partido político era o Soromenho, o Lousada, o Soares de Passos, o Arnaldo Gama, o Camilo, o Ricardo? Nunca ninguém o soube, nem lhes perguntou por isso. E todos eles escreveram sucessivamente em jornais de todos os matizes do tempo, patuleias, cabralistas, cartistas, legitimistas, etc. A arte constituía para os que a cultivavam um terreno neutral e autónomo, onde cada um armava a sua tenda, arvorava o seu nome como um pavilhão de guerra e combatia independentemente por sua própria conta e risco.

De uma vez, há-de haver vinte anos, no *Jornal do Porto*, tendo faltado a carta do correspondente de Lisboa, eu mesmo improvisei à última da hora uma correspondência da capital, em duas grandes colunas de verrina. Esta correspondência infeliz esteve para fazer perder as eleições municipais aos amigos políticos do jornal. Cruz Coutinho, o mais honrado e o mais benévolo dos homens, que tinha feito do *Jornal do Porto* a sua família, e que tratava os seus redactores como seus filhos, veio correndo espavorido ao escritório da redacção, vibrando da mais justa cólera, com o jornal ainda fresco de tinta e de injúrias aberto na mão.

— Como diabo tinha o estúpido do correspondente de Lisboa escrito um artigo daqueles, e como, achando-me eu no escritório à chegada do correio, o deixara passar e aparecer impresso na folha da manhã?

E, tomando conhecimento do ocorrido, em uma recrudescência de ira:

— Oh! maldito homem! — me bradou ele — pois você não conhece a atitude política do jornal na grave conjuntura presente? Você não tem visto os artigos de fundo que andamos a publicar há mais de um mês?!

A triste verdade é que eu, efectivamente, nunca vira seme-

lhantes artigos, e a minha única desculpa foi que estava contratado a tanto por mês para escrever no jornal, mas não para o ler. E devo acrescentar agora que, tendo feito parte durante uns poucos de anos da redacção efectiva daquele periódico, e enchendo nele regularmente duas ou três colunas por dia, eu nunca então soube, nem ainda hoje sei, que política era a dele no tempo em que eu lá estive!

Presentemente, pelo que tenho lido durante os últimos oito dias, os escritores são incomparavelmente mais políticos do que outrora. O senhor Fontes e o senhor Manuel de Arriaga, o senhor Braamcamp e o senhor José Dias tornaram-se elementos de prosa, as imaginações renderam-se-lhes, a intriga constitucional substituiu nos espíritos a velha intriga poética, e os jornalistas são talvez um pouco mais homens de Estado do que homens de letras.

Para honra destes amáveis escritores cumpre todavia dizer que, se lhes falta como poetas uma ponta de desdém indispensável para não deixar materializar a arte pela familiaridade do vulgo, não lhes falta decerto como estilistas a técnica da profissão.

Não se pode empregar mais zelo na escolha dos vocábulos. Não se pode pôr mais esmero em enobrecer a dicção.

É principalmente nos textos dos correspondentes da província que mais energicamente se manifesta esse escrúpulo na pureza da palavra. Em algumas dessas correspondências a preocupação da retórica atinge quase o estado patológico de uma monomania de sublimidade.

Coisa notável, demonstrada pela observação: o amor grandioso é tanto mais profundo e tanto mais voraz quanto mais pequeno é o lugar de que se escreve! Nada que se compare em majestade aos rasgos de pena com que de Ovar, de Espinho ou de Estarreja se nos conta que ali chegou o polícia 34 para fiscalizar a decência da praia, que choveu na véspera, ou que por deliberação camarária se está pintando o candeeiro da Rua Nova, em frente da caixa do correio!

Decididamente — e é triste ponderá-lo! — a literatura é tanto mais pomposa quanto mais provincial.

De uma praia de banhos escrevem ainda hoje para uma das folhas da manhã:

Esta ténue fimbria de areia osculada pelo Atlântico está sobrepujando e fazendo rosto em competimentos de garridice às praias de maior

tomo. Grande é o número de damas e cavalheiros que ora veraneiam nesta estância balnear.

E um outro escreve acerca da morte de uma jovem senhora da sua localidade:

Dramas crudelíssimos da vida real! Reclama a lousa do sepulcro as heras e os goivos que têm de cobrir aquela que a morte arrebatou no vicejar dos anos e em quem florescem as singelas virtudes que no lar remansoso dulcificam o travor acerbíssimo da existência!

No jornalismo da capital dizem-se as coisas terra-a-terra, muito mais simplesmente. Assim, no dia em que eu parti de Lisboa, um necrologista resumia todo o elogio do seu morto na seguinte frase verdadeiramente memorável:

Nele concorriam todas as virtudes cívicas e domésticas e vice-versa!

São espantosos os progressos do espírito de associação no Porto. Há ainda mais associações novas do que novas ruas. Perde-se a imaginação no abismo de tantas designações diversas: Sociedade Alexandre Herculano; Sociedade de Beneficência D. Luís I; Sociedade de Beneficência D. Pedro V; Associação Artística Portuense D. Maria Pia; Associação de Beneficência D. Fernando; Associação Humanitária Infante D. Augusto; Associação Liberal D. Pedro IV; Associação Liberal do Príncipe D. Carlos; Real Associação Restauradora de D. Maria Pia; Associação Vila-Novense Fé, Esperança e Caridade; Associação Católica; Associação Firmeza e Aliança; Associação Fraternal de Beneficência Universal; Associação Fraternal do Infante D. Afonso; Socorros Mútuos de Ambos os Sexos do Porto; Luz e Auxílio; Nova Euterpe; Sociedade Camoniana; Tecidos dos Operários do Porto; Amadores Vila-Novenses; Restauração de Portugal; Protectora do Porto; Beneficente Fúnebre Familiar; Sociedade Talma; Sociedade Parturiente Fúnebre; etc., etc., etc.

Conto muito para cima de cem e afundo-me na voragem tenebrosa das mais devoradoras conjecturas ao querer interpretar o sentido dos títulos da maior parte delas.

A de *Socorros dos Sexos*, Por exemplo, faz-me ourar a cabeça.

A *Tecidos de Operários* arrepiam-me os cabelos de horror. A divisa demagógica do *sangue do último dos padres bebido pelo crânio do último dos reis* parece-me aqui invertida para o lado dos conservadores, de um modo não menos canibalesco. En-

quanto uns beneficiam toda a real família, desde o finado Pedro IV até à tenra vergôntea D. Afonso, apoiados na *católica*, nas *três virtudes teológicas de Vila Nova de Gaia*, na *luz e auxílio* e, porventura, na própria *firmeza e aliança*, outros põem tabuletas de *tecidos de operários* e fornecem talvez dobrada de classes trabalhadoras com ervilhas aos *restauradores da senhora D. Maria Pia!*

Que fazem no entanto os *beneficentes fúnebres familiares*? Alumiavam com lutuosos círios amarelos a agonizante bisca doméstica? Cantam aos pianos da Rua das Flores responsos de sepultura? Ensaíam no Jardim de S. Lázaro enterramentos simulados, de amadores, por companhias de defuntos curiosos? Organizam merendas de *pingos de tocha* pelo rio acima, em regatas de caixão à cova? Passeiam de corpo à terra, em berlindas de segunda classe, pela Rua de Trás da Sé? Ou cruzam os braços inertes no peito dos balandraus, hirtos, com dois rádios em X no laço da gravata, vendo circular os enganos e as ilusões da vida pela Calçada dos Clérigos em frente do António das Alminhas?!

Que devo pensar da *Parturiente Fúnebre*, ó meu Deus? Qual pode ser na terra a missão dos dignos sócios desta conspícua assembleia, adornada da sua respectiva presidência, dos seus dois secretários tesoureiro, cartorário e cobrador?... Desisto de o investigar.

Do número das sociedades recreativas desapareceu a velha *Filarmónica*, templo da antiga arte musical da cidade do Porto, santuário célebre onde receberam o primeiro baptismo de semifusas tantos meninos prodígios e tantas donzelas que o *Método Carpentier*, manuseado com ardor, levou aos grandes triunfos da arte em convívio familiar na Rua da Fábrica, e onde se coroaram com os seus primeiros louros tantos músicos célebres, como o Francisco Eduardo da Costa, o Francisco de Sá Noronha e as grandes dinastias artísticas dos Ribas, dos Arroios, dos Napoleões.

Persistem ainda o *Clube Portuense* e a *Assembleia Portuense*, e há vários clubes novos, como o *Real Clube Naval*, o *Real Clube Fluvial Portuense*, o *Clube Ginástico*, o *Clube dos Caçadores* e o *Clube dos Progressistas*, assembleia de recreio fundada por operários e regularmente frequentada por eles e pelas suas mulheres.

De entre todas estas associações, sintomas mais ou menos característicos do estado da civilização portuense, sobressai,

como instituição de primeira ordem, em competência no País, a *Sociedade de Instrução do Porto*. Fundada para vulgarizar ideias e espalhar noções, a *Sociedade de Instrução* tem cumprido brilhantemente a missão que se propôs, e ela só, em quatro anos de existência, tem feito mais para o progresso dos conhecimentos do que os institutos oficiais de natureza análoga, todos juntos. No fim do primeiro ano da sua instalação, o presidente José Frutuoso Aires de Gouveia Osório resumia o movimento dos trabalhos empreendidos nos seguintes termos:

«O conselho científico, fiel intérprete da nossa lei, tem procurado com a mais louvável assiduidade estudar todos os meios de preparar fáceis soluções para os problemas da pedagogia, que absorvem a atenção de todos os pensadores. Na sua solicitude organizou o regulamento interno; fundou a nossa biblioteca e o seu gabinete de leitura, que hoje conta cento e catorze gazetas e publicações periódicas, e muitas centenas de volumes, alguns valiosos e raros; criou a *Revista*, de que se publicaram já seis números com duzentas e dez páginas; ordenou a aquisição de uma colecção-modelo para os *jornais de infância*, segundo o método Froebel; encetou a formação de uma bibliografia portuguesa de livros de ensino; principiou o estudo e análise dos compêndios geralmente adoptados, recomendando os melhores, o que é certamente um dos maiores serviços que pode prestar-se à pedagogia nacional; apreciou minuciosamente e louvou o compêndio de geografia, original do nosso muito ilustre sócio Augusto Luso; encarregou à providíssima competência do nosso zeloso secretário-geral, o senhor Joaquim de Vasconcelos, um *projecto de organização do ensino técnico com aplicação às escolas de instrução primária*; investigou e discutiu detidamente as condições do ensino primário e dos exames de admissão, nomeando uma comissão para formular o programa de um livro de leitura; considerou a importantíssima questão da ortografia nacional; finalmente, uma das duas secções prepara uma exposição de história natural, que será, como creio, o ponto de partida para a organização de um museu, onde se reunirão objectos e meios de estudo sempre necessários para os que pensam em alargar os limites da educação.»

Depois deste discurso (1881) a *Sociedade de Instrução do Porto* levou a efeito, com grande êxito, a *exposição de história natural*,

a *exposição de cerâmica*, a *exposição de indústrias caseiras* e a *exposição de ourivesaria*, factos de um interesse incomparável para o estudo da natureza em Portugal, para a história do trabalho industrial, dos costumes domésticos, das tradições artísticas e das aptidões plásticas da família portuguesa.

A magnífica exposição de louças nacionais e a das principais indústrias tradicionais do povo reuniram os mais numerosos, os mais raros, os mais importantes documentos do génio artístico e da filiação estética da raça lusitana. E todos ou quase todos esses documentos foram minuciosamente e zelosamente estudados por alguns membros da corporação e especialmente pelo secretário da sociedade e seu principal *boute-en-tain*, o senhor Joaquim de Vasconcelos, o mais competente e o mais erudito dos nossos críticos de arqueologia e de arte. A *Revista da Sociedade de Instrução* publicou por ocasião de cada uma das exposições, organizadas sob a sua valiosa iniciativa, as mais interessantes e preciosas monografias sobre as rendas portuguesas, sobre a indústria da olaria, da faiança, da porcelana e da louça de barro grosso, sobre os estofos, sobre os móveis, sobre a joalheria, sobre as alfaias e sobre as vestimentas nacionais.

Além de trabalhos originais contendo a análise de documentos inéditos e estudos de coisas novas, a *Revista* tornou conhecidas as mais completas bibliografias de todos os trabalhos correlativos esquecidos nas bibliotecas, nos arquivos e nos cartórios do País.

No tomo vastíssimo de informações preciosas prestadas aos estudiosos e ao público pela *Sociedade de Instrução do Porto* encontram-se ainda trabalhos especiais consideravelmente importantes sobre a reforma do ensino, especialmente do ensino artístico e industrial, sobre a organização das escolas, do professorado, das galerias e dos museus, sobre os costumes e as tradições nacionais, sobre a língua e sobre as formas populares da arte, sobre a aprendizagem por ofícios, e enfim sobre todos os mais importantes problemas da pedagogia moderna.

Nem as duas casas do Parlamento na discussão das sucessivas leis de instrução primária e de instrução secundária, feitas, desfeitas, refeitas e contrafeitas durante os últimos vinte anos, nem a junta consultiva ou a Direcção-Geral da Instrução Pública, nem os ministros, nem os deputados, nem

os chefes de repartição, nem as comissões de estadistas, de professores, de curiosos e de vadios, tantas vezes convocadas, reunidas e louvadas nas dependências oficiais do Ministério do Reino ou das Obras Públicas, produziram jamais coisa que se compare aos relevantes serviços despremiadamente prestados à educação pública pela livre e espontânea iniciativa da esclarecida e benemérita *Sociedade de Instrução do Porto*.

É certo que na ordem intelectual, e na ordem industrial igualmente, o progresso da cidade está em muitos pontos de vista longe de condizer com o seu desenvolvimento material, no decurso dos últimos anos.

O comércio dos vinhos finos, por exemplo, esse grande veio da riqueza local, decaiu lamentavelmente de ano para ano, de dia para dia. A probidade impecável, a honradez proverbial que presidia a esta indústria, passou a ser matéria hipotética, ponto de contestação. Observa-se este fenómeno contristante: por um lado a filoxera diminuiu consideravelmente a produção, por outro lado aumentou o consumo; entre estas duas influências combinadas para diminuir a oferta e para aumentar o valor deu-se precisamente o facto contrário: o preço *desceu* e a produção *subiu!* Que quer isto dizer? Que há duas espécies de filoxera, uma nos vinhedos do agricultor e outra nos armazéns do negociante; a primeira diminui e encarece a uva, a segunda embaratece e aumenta a droga. O bicho destinado a destruir dentro de poucos anos o famoso comércio dos vinhos do Porto não é o que ataca a videira, é o que ataca o vinho. A ruína não vem da cepa, vem da pipa. O flagelo mortal não está nas terras do Douro, está na Rua dos Ingleses. Compreende-se o mal enorme desta situação, perfeitamente declarada e manifesta, com relação ao comércio de um produto de condições especialíssimas, como o vinho, tanto mais difícil de acreditar quanto é mais fácil de corromper. O vinho adulterado, como o homem doente de nascença, tem a vida curta. A maior parte da beberagem que hoje se negoceia sob o nome de vinho do Porto não é susceptível de envelhecer. Como os relógios baratos, tem apenas equilíbrio para dois ou três anos. É preciso bebê-lo enquanto ele regula, isto é, imediatamente depois de pronto, como a sopa. Se o fazem esperar, por pouco que seja, ele embaça e transtorna-se. Mais alguns anos de experiência — o tempo preciso para os coleccionadores de garrafeiras começarem a

provar como velhos os vinhos presentemente novos —, e hão-de ver que ninguém mais quererá vinho da véspera, e que os negociantes terão de o mandar pelas portas fresco do próprio dia, precisamente como o pão!

Antigamente os negociantes de vinho, no Porto e em Vila Nova de Gaia, constituíam verdadeiras dinastias burguesas, em que a honra do negócio e o respeito da firma passavam em brasão de pais a filhos e de filhos a netos. Esta aristocracia mercante acabou com o advento da nova aristocracia política. Antigamente contentavam-se em ser nobres pela probidade e criavam os filhos para mercadores como eles. Agora quase todos querem ser viscondes pela intriga e apelintram os filhos pedagogicamente para deputados. Enquanto ao vinho, dizem-me que as novas camadas sociais ainda sabem, no geral, bebê-lo; mas já não sabem negociá-lo.

Outra indústria em decadência, como a do vinho, é a tão simpática indústria caseira da ourivesaria de Valbom. Os antigos *feitores* habilidosos que faziam ao alicate, em casa, às noites, depois do trabalho dos campos, as bolsas para dinheiro, os *cordões* de ouro e de prata, ou passaram a trabalhar na joalheria fina, à *francesa*, ou abandonaram o ofício, ou emigraram. As bolsas e os *cordões* ficaram apenas para os aprendizes, e são cada vez mais mal feitos, até que deixem de se fazer de todo, por não haver mais quem os queira.

Haverá talvez ainda, se procurarmos bem, um ou outro sinal de decadência nos costumes burgueses, no comércio marítimo, nas indústrias navais, na solidez da riqueza, no culto da arte.

A *Sociedade de Instrução* é, porém, um fenómeno significativo e consolador. Não sei até que ponto a simpatia do espírito público acompanha os esforços desta operosa associação, nem quais as forças de que ela hoje dispõe, mas creio que lucraria muito o engrandecimento da cidade e o futuro do seu comércio se uma liga de negociantes honrados e instruídos empreendesse na esfera prática uma renovação de movimento semelhante àquele que tão brilhantemente iniciou na órbita das ideias e nos domínios do ensino a associação a que me refiro.

Cumprime-me enfim consignar que o Porto perdeu esse bom e saudável cheiro provincial que tão especialmente embebe

como de um aroma antigo a prosa dos seus grandes escritores — *O Arco de Sant'Ana*, de Garrett, e alguns dos romances burgueses de Camilo Castelo Branco e de Júlio Dinis.

Os antigos costumes locais desapareceram com as liteiras do Lopes e do Carneiro, com as cadeirinhas da Rua do Almada, com as tortas do pasteleiro da Rua de Santo António, com os carroções do Manuel José de Oliveira, com os Sanjoões da Lapa, do Bonfim e de Cedofeita, com as merendas pelo rio acima, com a política jacobina de José Passos, na sua casa da Viela da Neta, e com o velho botequim das Hortas, em que à noite se jogava o loto a vintém o cartão, e que, ao abrir-se uma das suas portas envidraçadas guarnecidas da cortininha de cassa branca, enchia de um picante perfume de calda de capilé e de café torrado a rua toda, sobre cujos lajedos dormiam estiraçados ao sol, entre os fardos de estopa e as molhadas de verguinha de ferro, os podengos cor de raposa e os galgos dos lojistas.

Aos domingos de Verão, o picheleiro do Souto, o guarda-soleiro da Bainharia, o ourives ou o mercador de panos da Rua das Flores, ia com o romper do dia à missa das almas a S. Francisco ou aos Congregados; comprava depois o melão, a melancia e as laranjas na Feira do Anjo, e, às seis horas da manhã, na frescura aquática do Cais da Ribeira, embarcava com a família em barco de toldo para a Oliveira, para Avintes ou para Quebrantões.

O patrão, de quinzena de ganga e chapéu de esteira; as filhas à frente de *toilette* de musselina; a mulher ao lado, de saia de nobreza, luvas de retrós e a mantilha de lapim no braço, a *moça* com as roupinhas novas de camponesa maiata; e o marçano atrás com niza de briche, camisa de linho caseiro, chinelas amarelas de grosso bezerro de Penafiel, e à cabeça o açafate dos víveres, discretamente cobertos com a alva toalha de olho-de-perdiz, e com o chapéu braguês, duro e afunilado, posto em cima, de remate ao festivo monumento campestre de gastronomia dominical: — o alguidar novo com a infalível *sapatirada*, as postas de pescada frita, as alfices, as frutas e a inolvidável borracha de canada com o vinho maduro da Companhia, que há-de ir refrescar ao fundo do poço, de borda ornada de craveiros e manjericos, debaixo dos álamos, enquanto a família em folga ripar a salada, sentada na erva.

Tamanho era o dia como a romaria. De sorte que só à noite fechada se voltava para casa. E os que tinham ficado na cidade, depois de terem ido ao Senhor Exposto a Santo António das Taipas ou a S. João Novo, viam do paredão das Fontainhas deslizar em baixo, no espelho negro do rio angustiado e tímido, as lentas barcas iluminadas de lanternas. O golpe das remadas, batendo compassadamente nos toletes e arrepiando a corrente, parecia remexer um turbilhão de estrelas no fundo tenebroso da água; e, de quando em quando, o eco da serra do Pilar repetia como num soluço, da banda de além, uma plangente arcada de violino ou um saudoso harpejo de banzas, com que o morno vento leste varria docemente a superfície do rio, até se ir perder expirante para os lados do Candal, nas alamedas sombrias de Vale de Amores.

As *soirées* chamavam-se *súcias*, e as melhores eram as da Feitoria e as da Filarmonica. Nas casas particulares convidava-se *para beber uma xícara de água morna*. Jogava-se o quino marcado a feijões, obrigado a anexins e a jocosidades apropriadas ao número de cada bola que se tirava do saco. Um conviva idóneo incumbia-se da missão de espezitar as velas. Menores de dez anos, inocentes mas circunspectos, serviam o açúcar e o leite. E ao centro da grande bandeja da doçaria e das fatias de pão com manteiga um cão de água em prata sobressaía ouriçado de palitos. As onze horas um fãmullo dizia: — Chegou o criado das senhoras Viterbas com o saco dos xailes e os guarda-chuvas. E a companhia dispersava pelas ruas cavas e silenciosas, em magotes de pessoas atabafadas de agasalhos, precedidas de um vulto empunhando o clássico e monumental lampião, com duas velas, de acompanhar famílias.

Fidalgos havia seis, unicamente: o da Bandeirinha, o da Rua da Fábrica, o de Trás da Sé, o Cirne do Poço das Patas, o Pamplona de Santo Ovídio e o Terena da Torre da Marca. Quase todos eles tinham velhas seges bamboleantes em altos suspensórios de couro e criados de farda, parecidos com os do bispo, e tendo as cores das respectivas casas nas golas, nos canhões e nos vivos da libré arcaica, cheirando a mofo e a azebre.

A cidade opunha ao prestígio bolorento dos seus velhos nobres a glória constitucional dos seus bravos do Mindelo,

dos seus voluntários da Rainha, dos seus soldados do batalhão da Carta, simples negociantes enriquecidos que tinham andado com o imperador de patrona nos rins e escopeta ao ombro, enfarruscando a cara com o fumo das escorvas, de reduto em reduto, do Pasteleiro para as Antas, das Antas para o Bonfim, do Bonfim para a serra do Pilar, em todo o circuito das trincheiras, no tempo do sítio.

Quando o príncipe reinante e a sua augusta família iam às províncias do Norte, o Porto recebia-os de azul e branco, num grande rasgo de júbilo sublinhadamente plebeu, que entocava a nobreza de pura humilhação perante as magnificências da burguesia dinheirosa e bizarra. Os moradores das ruas por onde tinha de passar o cortejo rivalizavam de ardor nas manifestações do público regozijo: colchas e bandeiras nas janelas, girândolas de foguetes, palanques de música, luminárias, loas e arcos de triunfo em lona pintada, do alto dos quais choviam pétalas de rosas sobre os reais hóspedes.

Ao fundo da Rua de S. João, em frente da Ribeira, armava-se um pavilhão ornado de bambolins das cores constitucionais, e nesse estrado, a que subia a família real e os veadores da municipalidade portuense, de espadim e capa, bacalhau na camisa e tricorne guarnecido de arminhos, se procedia à cerimónia da vassalagem prestada ao rei pelos representantes da Cidade Invicta. O presidente da Câmara apresentava ao soberano sobre uma almofada de veludo duas enormes chaves de cartão dourado, a que pelo mais arrojado dos tropos Sua Excelência chamava no seu discurso *as chaves deste inexpugnável baluarte da liberdade!* O monarca retorquia que as chaves do dito baluarte se não podiam achar em mais fiéis e leais mãos que a do orador preopinante. E a Câmara, com as suas chaves de papelão sobre o coxim de veludo, retomava as competentes segas e seguia, atrás da real família e do seu respectivo séquito, até à igreja da Lapa, a orar em frente do sarcófago em que se acha depositado o coração de Pedro.

Alguns dos arcos triunfais, representando castelos roqueiros coroados de figuras alegóricas, tinham inscrições epigráficas em verso. Num desses arcos, na Rua das Flores, lembro-me que se lia, de uma vez, esta conceituosa quadra:

*Pela Carta e por ti, rainha cara,
O Porto pelejou luta de morte;
Pela Carta e por ti, com lança em punho,
O Porto velará potente e forte.*

Esse era o tipo consagrado de todas as manifestações do júbilo portuense: um cumprimento à pessoa real, envolto sempre num elogio indirecto ao próprio Porto, e destinado a fazer sentir que a comissão dos festejos, a qual pagou *pro rata* as ripas, a lona, a cola e as luminárias dos arcos, é a mesma que noutra ocasião aparafusou a coroa na testa augusta do Príncipe. E, se algum parafuso cair à testa referida, o mesmo Porto lá continua a estar, *potente e forte, de lança em punho*, para o atarrachar outra vez! E não se ensaia para isso... É zumba, bumba, catabumba! Para rainha e Carta, para liberal constituição e trono, aqui mora o Faz-Tudo! Solda, gruda, parafusa, martela, arrebita, bota abaixo, reconstitui, engonça, retesa, dá corda, regula, acerta e garante — sempre de lança em punho, feito de pedra, velando potente na fachada dos Paços do Concelho à Praça Nova, por cima da arrecadação das luminárias e das chaves do baluarte feitas de pasta pelo Alba dourador da Rua de Santo António.

No fundo das suas convicções políticas e sociais o portuense era verdadeiramente patuleia. Detestava instintivamente a corte, a nobreza, a capital do reino. Gloriava-se de ser tripeiro e articulava esta palavra rijamente, fazendo-se vibrar com explosão, à boca cheia, como se a pronunciasse com três pp. O alfacinha figurava-se-lhe um ser abjecto, esfaimado e pedinchão, ocioso e tísico, e a alfacinha uma delambida, de cuia à banda, cuspinhenta e desolhada, namorando os amanuenses das secretarias e os alferes do exército, e recitando poesias ao piano, com a barriga a dar horas e as meias rotas nos revesilhos dos calcanhares e das biqueiras. Ah! boa roca à cinta e bom côvado pelas costas! O Governo uma corja! E os pelintras dos deputados, tão bons uns como os outros! — Tal era a opinião sintética, geral na Rua das Flores e na Calçada dos Clérigos há vinte e cinco anos.

Hoje, transformação completa! Os burgueses mais opiniáticos, mais indómitos e mais cabeçudos docilizaram-se com uma facilidade memorável depois de ligados a Lisboa pelo caminho-de-ferro e pela intimidade correlativa da intriga

política e da chicana partidária. Os patrões, juntamente com partido político, botaram bigode, e os marçanos botaram gravata. Desapareceram os venerandos capotes bandados de veludo, de ir à desobriga e ao Senhor, e desapareceram as belas mantilhas de coca, feitas de lapim ou de sarja de Trás-os-Montes. Vulgarizou-se o jogo da Bolsa e a lotaria. O número dos fidalgos, com mais ou menos exercício no Paço, elevou-se rapidamente de seis a seis mil. Com a deslocação do antigo eixo do negócio tradicional, ramerraneiro, cauto, economizador, estreitamente e lentamente espremido, atrás do balcão à luz da vela de sebo ou do candeeiro de três bicos, ou de feira em feira atrás da récuca dos machos, de Viseu para Vila Real, de Vila Real para Penafiel, quadruplicaram ou quintuplicaram as falências. A cidade encheu-se portentosamente de viscondes e de casas de empréstimos sobre penhores.

Quando o rei vem, já se não procede à cerimónia da entrega das *chaves do baluarte*. O antigo Palácio das Carrancas, à Torre da Marca, pertence agora à Coroa, como o Palácio da Ajuda. O Porto enfim cessou de ser província. É *segunda capital* (segunda por ordem cronológica, bem entendido!) e a sua alta burguesia constitui para a corte uma espécie de casa filial, com as mesmas fazendas, somente com melhor sortido e mais barato. Em vez de levantarem arcos de triunfo com alegorias e versos patrióticos, os próceres do comércio vão dançar a palácio. Com o monarca dentro dos seus muros, o bom e antigo burgo, tão cioso outrora dos foros plebeus dos seus mercadores e dos seus mesteirais, converte-se num jardim zoológico de cortesãos, num seminário de áulicos, num Versalhes de improvisado.

Os ferrões dos guarda-sóis de suas mercês, raspando pelas lajes acima da Rua dos Carmelitas, adquirem o tilintar aristocrático de finas espadas de corte. Nas lustrosas e espalmadas sapatetas dos mesários da Lapa e dos irmãos terceiros de S. Francisco parece quererem espigar os tacões encarnados dos galantes marqueses contemporâneos da Dubarry ou de Marie Antoinette. E em todas as línguas que se deitam de fora para lamber dedos polegares, ajudando a calçar as luvas brancas pelo Largo dos Lóios, como que se vê palpitar o madrigal subtil dos *roués* perfumado pela pastilha almiscarada dos *mignons*. É o Trianon que temos diante dos nossos olhos

ou é o edificio da Bolsa?... É o Lago de Neptuno aquilo ou é o chafariz de Vilaparda?... Estamos no Parc-aux-Cerfs ou estamos na Ramada Alta?... Ninguém o saberia distinguir. Pelo que dou os meus parabéns à Invicta Cidade. Unicamente receio que, quanto mais ela intervenha na corte e na política pela amenidade palaciana e pela domesticação partidária na sua qualidade de segunda capital, menos venha a preponderar como província nessa moralizadora influência em que o simples trabalho obscuro, persistente e honrado se contrapõe para a riqueza e para a prosperidade dos Estados Unidos à inquietação loquaz e estéril dos burocratas e dos bacharéis.

AS PRAIAS

S. João da Foz — Como a gente se diverte — O homem jocoso — Banhos e banhistas.

As praias de banhos são um divertimento de Verão. A questão hidroterápica é por via de regra um simples pretexto para a peregrinação das famílias alegres em sítios frescos.

O campo e a praia, o ar do monte e o ar do mar são efectivamente a universal panacea para as moléstias endémicas das grandes cidades, para as nevroses dos excitados de todas as espécies, para as anemias dos fatigados de toda a ordem, para os doentes de todos os abusos do trabalho ou do prazer. As influências da civilização na saúde, a excessiva ginástica intelectual, a superabundância das emoções afectivas e das comoções físicas, as irregularidades da alimentação, as vigílias, as noitadas, as insónias, o ar viciado dos pequenos aposentos e dos grandes bairros, a vida artificial das salas, do clube, do teatro, as absorventes preocupações do estudo, do dinheiro, da ambição, da glória, do amor, tudo isso combinado nos grandes centros de população, fazendo nas modernas capitais uma complicada rede moral, como a dos canos públicos, a do gás, a da água, a dos ónibus, a dos trâmueis, a do telégrafo e a do telefone, rede misteriosa, sempre em vibração no espaço, constituindo uma atmosfera ardente de desejos, de ideias e de vícios, uns já em circulação, outros ainda na forja — tudo isso junto, digo, desfibra lentamente, morde e corrói os alicerces do organismo humano, depaupera-o a pouco e pouco, desequilibra-o, degenera-o.

Nuns fica predominando a excitabilidade, e são os nevróticos; noutros o abatimento, e são os enervados. Os da primeira categoria, os convulsos, os agitados, os febricitantes, os cardíacos, os musculosos, os sanguíneos, vão acalmar-se nas

montanhas. Os da segunda categoria, os prostrados, os displicentes, os anémicos, os moles, os melancólicos, os linfáticos, vão refazer-se à beira-mar.

Ora, como a acção terapêutica da atmosfera, do clima e do regime moral se não acha ainda conhecida do vulgo até o ponto de excitar nas imaginações a credulidade na cura, os médicos, usando de um expediente profícuo para fazer realçar a fé na receita, perscrevem ao doente copinhos de água alcalina, de água sulfúrea ou de água carbonatada ao mandá-los para os montes, e as imersões quotidianas no oceano ao mandá-los para a beira-mar.

Numa enorme maioria de casos, para aqueles que vão para as terras de águas e para aqueles que vão para as praias, a bebida e o banho são unicamente acessórios decorativos do tratamento.

Neste ponto de vista a melhor praia será a que mais agrada a quem a escolher como lugar de recreio.

Qual é das praias do Norte, em Portugal, a mais divertida?
 Questão de gosto.

No que se chama divertimento distinguem-se três espécies:
 A primeira consiste em divertirmos os outros.

A segunda consiste em sermos divertidos pelos outros.

A terceira consiste em nos divertirmos nós mesmos.

O prazer de divertir os outros ou de ser divertido por eles repousa todo sobre o talento da virtuosidade, e dá origem aos solistas da música, da poesia e da pilhéria, ao pianista amador, ao poeta recitista e ao homem jocoso.

Dessas três pragas a mais temerosa é a do homem jocoso. A malignidade do pianista de salão e do poeta de assembleias familiares tem sido assaz descrita e sobrefeita pela crítica indignada. A fisionomia especial do jocoso não foi ainda devidamente assinalada à atenção dos incautos. E, todavia, não há reunião de vilegiatura nas praias ou nas caldas que o jocoso não infeste e devaste!

O pianista e o vate são males intermitentes, de carácter periódico. Vêm em dias determinados e a horas certas, como as maleitas. Anunciam-se de antemão, fazendo preceder a crise de que são os agentes no seio das reuniões por uma sensação geral de mal-estar, e quando uma voz diz: — *A menina X... vai dar-nos as primícias do seu talento, fazendo ouvir no piano a Prece da Virgem!* ou *O inspirado Sr. Z vai dar-nos o gosto*

de recitar mais uma vez a sua Trança de Laura — os circunstantes acham-se por esse modo prevenidos e os incomodados retiram-se.

O jocoso, pelo contrário, é de carácter permanente e de marcha constante. Nada o anuncia, nada o faz suspeitar, e dura indefinidamente, como se tivesse corda para tempo indeterminado.

A gente chega, acaba de entrar em casa, passou a noite em claro, foi-se deitar, vai pegar no sono, quando lhe rufam à janela, e uma voz canta de fora imitando a dos galináceos — *có-có-ró-có! qui-qui-ri-qui! cá-cá-rá-cá!*... É o jocoso que principia.

— Obrigado, jocoso! infinitamente obrigado pela vossa engenhosa e delicada brincadeira! Agora porém, se mo permitis, irei dormir um momento e logo conversaremos mais de espaço.

Mas, quando a gente volta a recolher-se, vê que lhe levaram a roupa da cama, que lhe abriram a mala, que lhe fizeram um mono de todas as camisas enroladas no pau da vassoura, que lhe fugiram com o chapéu, que lhe penduraram as chinelas no alto de uma figueira no quintal... São as jocosidades que continuam.

No banho matinal, no passeio à tarde, nas burricadas, nos piqueniques, no clube à noite, o jocoso tem sempre uma nova brincadeira que exhibir. Vai para a água com um chapéu de china e dá mergulhos aos pulinhos, gritanto que se afoga, finge ataques de nervos por sustos na areia, berra que lhe pegou fogo na barraca, monta um burro voltado para a garupa, põe rabos de papel nos pares que valsam, faz discursos em latim macarrónico ou em inglês de farsa, canta em falsete com um lenço na cabeça, parodiando uma velha, faz cenas cómicas do repertório de Taborda, imita o zumbido de uma mosca, os latidos de cães às bulhas, o miar do gato assanhado e o ornear do burro, e acha consoantes para tudo: — *Está acabada a função! oh que grande aflição! lá vai a D. Elvira com o conselheiro Negrão! e o juiz Cerveira pela mão! dormir sobre a questão!*

E dizem que é capaz de estar assim uma hora e mais, sempre a acabar em ão!

Nunca se viu um mafarrico igual!

As meninas choram de riso ao ouvi-lo, doem-lhes os ventres de tanta graça que tem o vivo demónio, e enquanto ele

fala por mímica no meio da casa, nas reuniões de família, as cuias todas, agitadas pela hilaridade convulsa, tremem nas cabeças das damas como se fossem despegar-se-lhes da nuca, à força do regozijo.

E as senhoras idosas, de pernas estendidas pela convulsão das risadas, com a solaria dos sapatos à mostra, brandindo os leques acima das cabeças, imploram em soluços:

— Basta, Sr. Galafura!... Basta, que eu já não posso mais!...

Precede o jocoso em toda a parte uma orquestra de comições, de curiosidades, de impaciências:

— Aquilo é por força o Galafura que chegou! — Que partida fará hoje o Galafura?!... — Preparem-se para morrer de riso logo que chegar o Galafura!

E os pais de família, que acabaram de estar o que se chama *perdidos*, ao ouvi-lo no botequim, aproveitam o intervalo para meter rapé novo nos narizes esquecidos pelo folguedo, e explicam às senhoras:

— O Galafura hoje vem óptimo! vem divino!... ainda agora ele nos dizia... Mas estas coisas repetidas por outro não tem graça nenhuma... Eu cuidei de morrer!...

Há o jocoso bravio e o jocoso manso.

O manso fala menos e não faz partidas. Traz sempre um lote na mala, baralhos de cartas, um jogo do assalto, cançonetas francesas para cantar ao piano e um *Almanaque de Lembranças* de Xavier Rodrigues Cordeiro, com uma charada feita por ele, jocoso, na praia da Figueira. Tem um anexo para cada número de lote que sai do saco, um anexo para cada duque, para cada terno, para cada quadra e para cada casa nova. Além disso sabe seis anedotas, todas velhas, mas boas, experimentadas. Prefacia-as sempre dizendo:

— Eu não sei se já lhes contei esta...

Já contou efectivamente, mas pode contá-la outra vez, porque agrada sempre.

— Ouçam! ouçam esta que é boa!... Tenho-lha ouvido umas pucas de vezes, e é deveras boa!

— Conte-a, Pessanha, conte-a outra vez, que aqui o comendador, como chegou hoje, ainda a não ouviu!

Só há um meio único de escapar à acção terrível do jocoso: é ser tão jocoso como ele. A mais triste experiência tem demonstrado que, sempre que dois jocosos se encontram frente

a frente, ambos embatucam, engolfados de parte a parte numa tristeza desconfiada e acerba.

— Isto agora é que vai ser! — pensa o auditório ao vê-los travar conhecimento por meio de uma apresentação recíproca.

Com espanto geral vê-se, porém, que um deles disse apenas:

— Então tem passado sempre bem?

Ao que o outro responde:

— Menos mal, muito obrigado.

Estas coisas, ditas por eles, têm graça, têm mesmo muita graça, mas não tanta como no geral se esperava.

E há então um respiro de alívio e de satisfação em toda a gente, porque à força de tanto que se têm recreado todos juntos não há ninguém que não suspire por um momento de se divertir à sua moda, aborrecendo-se só, à vontade, por sua própria conta e risco. E vê-se pela rapidez vertiginosa com que as famílias se raspam, férvidas, cada uma para sua banda, que nenhuma delas pode esconder a alegria doida de irem enfim estar tristes — para descansar!

A alegria pitoresca das multidões, a alegria anónima da massa, que se comunica pelos olhos, que se pega sem esforço a cada um que chega a certos lugares pelo simples efeito dos seus aspectos vivos, é desconhecida nas praias portuguesas. A grande conglobação da gente nestas paragens é quase lúgrube.

Homens e senhoras tomam todos banho vestidos dos pés à cabeça em baeta preta! Elas de vestido de cauda, eles de calça até abaixo e jaquetão abotoado!

Para quem viu a Grenouillère no Sena, Dippe ou Trouville, as costas normandas, as do Mediterrâneo, as da Mancha ou as do mar do Norte, a água sulcada de esbeltas guigas e de botes reluzentes, a prancha dos mergulhos, o casino embandeirado, a *toilette* geral de natação, o pequeno calção dos homens, às listras azuis e cor-de-rosa, a blusa das senhoras, com um palmo apenas de saia e dois dedos de mangas, o lindo comércio do leite fresco, dos morangos, das uvas, dos ramos de flores, circulando na areia, os rapazes regatando ou bordejando no mar, ao sol, de remos em punho, o busto e os braços nus, todas as crianças, meninos e meninas, de grandes chapéus de palha, pernas descobertas e os pés descalços, pa-

tinhando na maré — as praias de Portugal, principalmente no Norte, à hora do banho, oferecem o aspecto lutuoso e funéreo de um país desolado, habitado por órfãos e por viúvos em nojo, que se vão deitar a afogar.

Não há uma bandeira, não há uma flor, não há um jarro de água quente, não há uma chávena de leite, não há uma colher de conhaque, não há um cacho de uvas à venda na praia! Não há para alugar um só *fauteuil* de abrigo, nem um canapé, nem uma cadeira de jardim! Dir-se-ia que toda esta população, anojada e dorida, renunciou sistematicamente a todos os cómodos e a todos os confortos da vida no momento de vestir os negros crepes com que determinou precipitar-se nas ondas. Comparado com este lúgubre espectáculo, o do Père-Lachaise em dia de finados antolha-se-nos como um pacato baile do estado de consternação em que se acham os defuntos.

Perante o fúnebre cerimonial destes banhos de mar o homem pio reconhece o nada das alegrias e das grandezas mundanas e, em vista dos frutos molhados do Éden cobertos pelos crepes de que já fiz menção, ele sente invadi-lo o remorso de haver pecado, o propósito firme de não mais incorrer na culpa e a necessidade imperiosa de ajoelhar na areia e de elevar as suas preces ao Todo-Poderoso.

Fora da água, em passeio na terra firme, a alegria da *toilette* não faz uma diferença sensível da do banho.

Alguns maridos acrimoniosos têm inventado que em Portugal se não pode ir para as praias em consequência do desenfreamento do luxo no vestuário. Esta opinião espalhou-se e consta-me que muitas senhoras a perfilharam, laborando no mesmo erro. Era uma obra de caridade desenganá-las. *Toilettes* de praia, há quinze dias que ando por estas regiões, não só não tenho visto muitas, mas nem uma única vi! Elas, ó meu Deus, vêm para a beira-mar, vestidas como vão ver-vos, pela confissão, aos Congregados, ao Carmo e a S. João Novo. Para os piqueniques na relva, para a praia à hora do banho, para barquear, para jogar o *croquet* ou o *lawn-tennis*, para ir à pesca, para jantar, para dançar, etc., vejo que o vestuário é sempre e invariavelmente o mesmo, isto é, o de ir à missa, o de ir às lojas, o de ir à música no jardim público da cidade.

Os homens são igualmente despreocupados dos cuidados do pitoresco em o trajar. Nas praias de França, da Itália e da

Inglaterra a variedade dos vestuários do banhista constitui só de *per si* o mais atraente, o mais alegre espectáculo. É a mais ridente confusão de chapéus de todas as formas e de todas as cores, de feltro, de palha, de cortiça, de sabugo e de junco, em forma de capacete, em forma de apagador, em forma de tortulho, em forma de funil, em forma de cabaça, já armados do véu turco, já do termómetro ou do penacho, já da cabeça de mocho, já da simples pena à moda da Calábria, sem contar os bonés de todas as procedências, o barrete escocês e o barrete frígio, a boina biscainha e os bonés das diversas associações navais, o de Heidelberg, o de Bonn, o de Oxford, o de Cambridge. Blusas de veludo e calções largos em todos os tons do castanho, do cinzento e do verde, as polainas altas de couro, de veludo ou de brim, as jaquetas de flanela branca comuns a todos os pintores e guarnecidas de debruns azuis e escalates, os costumes de viagem, os de caça, os de pesca, o de regata, o de *criket*, o do *foot-ball*, o do *lawn-tennis*, etc., etc., etc.

O janota do Porto, *swell* da cidade invicta tão escrupulosamente moldado sobre o tipo britânico, não adopta do costume inglês senão o aspecto em voga na Rua dos Ingleses. Ora é de notar que o negociante britânico, tão ortodoxo em Londres que nunca penetra na *City* senão de sobrecasaca de cerimónia, chapéu alto e rosa ao peito; que no santuário augusto do comércio, na grande zona da Bolsa e do Banco de Inglaterra, por coisa alguma do mundo entraria numa pastelaria ou num restaurante para comer uma *sandwich* ou para beber um copo de *pale-ale*, trata a praça comercial do Porto com a sem-cerimónia de uma granja, no campo, e vai para a Bolsa portuense exactamente na mesma *toilette* com que iria em carreta de caça, para uma partida de *lawn-tennis*, à quinta de um vizinho de aldeia.

Para ir para as praias o inglês do Porto não faz, pois, mais cerimónia, nem menos, do que para ir para o escritório, e o elegante indígena segue neste ponto as pegadas enormes do seu possante e pérfido exemplar bretão.

Sob o céu radioso, um vasto mar azul ondula, bate os rochedos da costa e inunda-os de espuma. Na atmosfera fresca, picante de sal, palpita o perfume das algas. Ao longe, no mar, negreja uma extensa linha, como a de um formigueiro, de pequenos barcos à pesca do caranguejo. A areia da praia

reluz polvilhada de sol. Cantando no ar como a frescura de uma alvorada ouve-se o pregão alegre vibrante, alongado em toda a largura da pronúncia de uma rapariga minhota: — *Merca louça branca ou amarela, merca?* Abro bem a boca para me deixar embeber e penetrar da luminosa alegria do ar em que parece diluída uma poeira aquática, diáfana, de pérolas líquidas douradas pela luz. O pregão tão característico da *louça branca ou amarela*, que tantas vezes ouvi em pequeno na estação dos banhos neste mesmo sítio, transporta-me em espírito ao tempo passado, e sinto-me como num banho ideal de mocidade.

Defronte da casa que habito, em Carreiros, fica o paredão do quebra-mar, destinado a fazer na costa um pequeno porto para abrigo das lanchas de pesca em dias de mau tempo e para o serviço das catraias que vão levar pilotos a bordo dos navios que demandam a barra.

Uma dessas catraias, que foi servir o piloto a um vapor inglês que o pediu ao telégrafo postado no monte da Senhora da Luz, vai entrar no portozinho de Carreiros. O barco, remado por dezasseis homens, estaca como um cetáceo com as barbatanas hirtas fora de água, em frente do caneiro de desembarque; oscila aí um momento, esperando mar; entra finalmente com um forte arranco, a golpes enérgicos de remos, com os seus dezasseis homens vigorosamente estirados para trás, o remo aos peitos, sobre o dorso alto da vaga, que arroja a embarcação à areia da praia, num largo arremesso ondulante, cheio de vigor e de elegância.

No paredão do quebra-mar sobressai da superfície plana da cantaria uma ponta de rocha negra, áspera, duramente recortada, como uma grande flor granítica. Essa rocha, em que eu me sentei em criança, com o meu chapéu de palha e o meu bibe cheirando ao algodão novo azul e branco da fábrica do Bolhão, reconheci-a com a mesma ternura saudosa com que se torna a ver um velho móvel de família. Boas pedras! Entre tantas coisas que desapareceram, ou que se transformaram, umas para mal outras para pior, vós somente persistis como éreis! Servistes de canapé à minha avó, que muitas vezes me trouxe aqui pela mão, pensativa e triste, porque já a avó dela a trouxera também em pequena a ver o mar, deste mesmo sítio. Há na imutabilidade do vosso aspecto e da vossa forma, ó pedras fiéis, o que quer que seja de amável e

doce, como na constância de uma antiga afeição Eu vos abençoo e peço às vagas do mar e ao fogo do céu que vos poupem, até que os que descendem de mim, que não tenho beira nem leira nem ramo de figueira que testar aos netos, venham encontrar no vosso conhecido relevo amigo a lembrança que em vós fica daqueles que passam, como fica num travesseiro tépido o vestígio da cabeça de um ente amado.

Ao longo da bela estrada da Foz a Leça rodam, listradas com longas faixas de cores vivas, as carruagens americanas; e no mastro da torre do farol, na Senhora da Luz, flutuam numa palpitação jubilosa os galhardetes triangulares com que se fala de terra para os navios.

À beira da estrada as novas edificações destacam-se pitorescamente do fundo verde-negro dos pinhais que cobrem as colinas sobranceiras.

Desde a madrugada até às dez ou onze horas da manhã tomam-se banhos de mar em toda a linha da costa, desde a barra até ao molhe de Carreiros. É inumerável a quantidade de banhistas. As praias coalham-se de barracas de lona branca, de forma cúbica, deselegantes, abafadas, sem respiro pelo tecto, dando lugar a que se desenvolva dentro, com a reacção do banho, uma humildade morna, que me não parece inteiramente benéfica para os nervos da população balnear.

Apesar da enorme concorrência de banhistas, não há o que se chama nas praias estrangeiras o *estabelecimento de banhos*. A balneação faz-se de um modo inteiramente primitivo. Quando algum banhista manifesta sintomas de asfixia ou de congestão, o que é vulgar, não há recursos terapêuticos com que lhe acudir. Não há serviço de água quente. Os banhistas, para despegarem a areia dos pés, lavam-nos geralmente em água fria quando a reacção começa. Ninguém auxilia o efeito do banho com o uso de alguma bebida higiénica. O copo de leite com *cognac*, tão aconselhado aos escrofulosos, não é conhecido. Não se fazem exercícios ginásticos, e poucas pessoas passeiam suficientemente depois do banho. Escolhe-se em geral a praia mais próxima da casa que se habita, e depois do banho ninguém tem outra preocupação imediata que não seja a de almoçar pão com manteiga e café com leite.

Durante o dia as senhoras deixam enxugar o cabelo e tocam nos pianos a *Marcha Turca* de Mozart.

Ao fim da tarde passeia-se em globo, aos encontrões, no Passeio Alegre.

Nas tardes dos sábados sai à rua menos gente que nos outros dias. Aos domingos sai toda a gente. Às segundas-feiras não sai ninguém. Qual é a razão deste fenómeno? Ninguém o sabe. A Foz sobredoura os seus encantos com a posse deste mistério absolutamente insondável.

Ontem, no hipódromo de Matosinhos, realizou-se a corrida de cavalos da estação do Outono, promovida pelo Jockey Club Portuense. Um dia bellissimo. O hipódromo, apesar de não ter a vista grandiosa do hipódromo de Belém, está situado risonhamente à beira do mar por um lado, cercado de pinheirais pelo outro. A pista, de mil e quinhentos metros de extensão, plana e de bom piso. Não obstante essas favoráveis condições, para disputar o prémio do Governo na importância de 300\$000 réis inscreveram-se apenas dois cavalos. O prémio de 100\$000 réis, do Jockey Club, foi alcançado por um cavalo que correu só e chegou à meta no meio de grandes aplausos... Efectivamente ele tinha-se vencido a si mesmo, o que é o cúmulo da força e da filosofia.

Na tribuna reservada às famílias dos sócios e na tribuna do público não havia mais de duzentas senhoras. No interior do campo uma dúzia de carruagens, quase todas da praça. A maioria do público tinha tomado modestamente o trâmuei de Matosinhos. De sorte que, pelo seu aspecto exterior, esta corrida de cavalos parecia especialmente destinada a aperfeiçoar a raça dos carros americanos.

O Governo, que por proposta do governador civil do distrito retirou ao teatro lírico do Porto o subsídio de quatro contos de réis, mandando aplicar essa quantia ao custeio de uma casa de correcção, suprimiu igualmente o prémio de 300\$000 réis à sociedade do Jockey Club.

Desviar do teatro para uma penitenciária a protecção penitenciária do Estado parece-me ser da parte do poder executivo um duro e acerbo epigrama ao *diletantismo* portuense. Enquanto à supressão do prémio ao Jockey Club, o facto não é talvez amável para o *Sport* do Largo dos Lóios e da Rua de Santo António, mas é justo.

Enquanto o Governo não proteger o aperfeiçoamento da

raça humana por um meio conhecido e praticado em toda a parte — a instituição dos *jardins de infância* —, será inconveniente, e poderia até ser perigoso, estabelecer um excessivo desequilíbrio entre as perfeições progressivas do cavalo e as inferioridades estacionárias do cavaleiro.

Para as necessidades do homem o cavalo parece-me que está já desenvolvido de mais, porque o cavalo de corridas excede o limite da utilidade prática e é uma excrescência monstruosa. Se querem fazer sacrifícios para aperfeiçoar a raça de alguns dos animais que nos servem, não é para o cavalo, é para o jumento que devemos dirigir a nossa atenção.

O homem tem de saldar com o burro uma dívida de indemnização. O burro doméstico é um animal atrofiado pela dureza e pela crueldade humana. Estudos de zoologistas demonstram que o burro selvagem é muito mais belo, mais corpulento e mais forte do que o burro doméstico. Como esse prestante quadrúpede era sóbrio, paciente e bom, nós abusámos dele, sobrecarregámo-lo de trabalho, pusemo-lo em dieta permanente, enchemo-lo de pancadas. Com esse regime o burro degenerou, cresceu-lhe o pêlo, estreitaram-se-lhe os olhos, alongou-se-lhe a orelha, fez-se melancólico e casmurro. Em pequeno é ainda vivo, esbelto, elegante, ligeiro; mas logo que principia a conhecer o mundo e os homens torna-se sorumbático, pensativo e caturra.

É preciso proteger o burro. A espécie asinina é susceptível de grande progressos. Tornar esses progressos efectivos é uma obrigação para com a nossa consciência e para com o burro, tão injustamente desprezado e, todavia, tão útil animal, tão submisso, tão simpaticamente prestável aos pobres, aos velhos, às crianças e aos enfermos!

Espinho, piscina da magistratura — Aspecto das ruas — A batota — O Clube.

Espinho.

Imaginem uma grande feira. Largos arruamentos rectangulares. Lojas para a direita, lojas para a esquerda: camisarias, chapelarias, quinquilharias, modas, em instalações provisórias nos prédios todos novos, com grandes tabuletas de lojistas do Porto, sucursal deste, sucursal daquele, sucursal daquele outro.

Circulando no macadame, uma espessa multidão rajada de tipos diversos de forasteiros.

Famílias espanholas, famílias beiroas, famílias lisboetas, famílias do Porto.

Janotas de Lamego, da Régua, de Viseu, com esporins e luvas novas, bigode forte, chapéu à banda, brasa ardente no charuto e no olho.

Eclesiásticos morenos, sólidos, de beiços grossos, sobranças cerradas, chapéus de moles desabados, cabeção e volta ao pescoço, cigarro brejeiro nos dedos.

Pais de famílias salamanquinas, de jaleco cor de pinhão, sombreiro de toureador, cara rapada, e a trouxinha em lenço de seda suspenso da mão pelas quatro pontas.

Meninas de *tournure*, vivos de veludo magenta na gola do vestido, chapéu de palha forma Carlos IX e botinas por engraxar.

Lavradores minhotos ou transmontanos, de capotes de briche com forro encarnado e gola de peles.

Mulheres do campo, sempre arrepiadas da frialdade do banho, artelhos nus e descarnados, saia pelos ombros, mãos encruzadas no estômago, lenço na cabeça, cabelo em viseira sobre os olhos, pés arrastando chinelas.

Músicos ambulantes; tocadores de realejo; rabequistas cegos arranhando a *Marselhesa* acompanhada à viola; e mendigos de romaria, à moda antiga, de muletas, barbas grandes e sacola ao pescoço, como nos dramas da Rua dos Condes; ou de pernas às costas, em monograma, andando nas mãos como fantásticos aranhaços.

Tudo isto bole, mexe, rabeia, de cá para lá e de lá para cá, no grande arruamento central a que chamam o Chiado, numa atmosfera vivaz, sacudida, peneirada por uma animação de arraial, confusa de cheiros e de ruídos diferentes, impregnada de vapores de fritura e de exalações de caranguejos fermentados ao sol, envolta em poeira, repicada de pregões, de música feirense, do tilintar de dinheiro nas batotas, e do estourar de foguetes na estação, aos comboios que chegam com banhistas novos.

Nas ruas novas, cortadas em quadrados simétricos como os quarteirões da Baixa em Lisboa, há quatro ou cinco hotéis, o do *Porto*, o *Bragança*, o *Particular*, etc. Estão todos cheios.

No *Hotel do Porto*, onde me acho, conta-me o proprietário que a família do nobre visconde de Ribeiro da Silva, morador em frente, tendo desejado jantar um dia à sua mesa redonda, ele tivera de pedir a *oito* dos doutores seus hóspedes, que ocupam de ordinário uma das cabeceiras, o obséquio de consentirem, por uma vez, em jantar em mesa suplementar, e à parte.

Oito dos doutores seus hóspedes é um traço inteiramente característico.

Espinho é com efeito, e por excelência, além da costa célebre da sardinha, a piscina consagrada da magistratura.

De manhã na praia, à hora do banho, de tarde ao longo da estrada da Granja, ou no caminho dos pinhais circunvizinhos, vêem-se grupos compactos de cavalheiros idoso, de passo lento e comedido, de uma compostura grave, entre modestos e majestosos, os quais, ao encontrarem-se uns com os outros — grupo que vai e grupo que vem — se saúdam reciprocamente, ouvindo-se de parte a parte em variadas vozes e

em todos os diversos tons da afabilidade, *honesta, não pueril*, a palavra: — colega! colega! colega! colega!

São suas excelências os juízes.

Familiares e gaiteiros chapéus de palha campesina lhes cobrem as cãs venerandas, tantas vezes desgrenhadas nos vendavais do foro pelo sopro inóspito da oratória tribunícia dizendo o crime nefando. De seus ombros, afeitos ao peso da responsabilidade social e à ondulação majestática da beca, pende — lícito jogo das brisas — a rabona caseira de uma jovial lustrina, ou de um galante porém não jogralesco cheviote. Suas mãos, em vez da rija e inflexível vara da lei, sope-sam com mimo o ligeiro bordão de fino e envernizado bambu encastoadado em parte; e entre o polegar e o índice da mão esquerda, por meio dos quais por tantas vezes picaram no ar, como que com invisíveis alfinetes, as delicadas minúcias do corpo de delicto, repousa agora, aconchegada, inofensiva e morna, a tónica pitada de um saudável e escolhido esternutatório.

As lides balneárias e os fagueiros atractivos dos jogos de vaza e da palestra amena e conceituosa de descerimonioso convívio não os impedem de consagrar em cada dia alguns minutos de reflexivo zelo, entre o almoço e a sesta, durante as horas importunas da mosca, ao exame dos autos dependentes das suas respectivas varas.

A uma esposa de juiz de Direito, em prática de passeio com uma irmã de doutor delegado e outras damas, ouvi dizer:

— Meu marido tem vinte banhos e doze causas despachadas desde que chegou até hoje... Eu bem lho proíbo, porque as canseiras danificam-lhe a saúde; mas que podemos nós, frágeis mulheres, perante a teimosia destes senhores magistrados!

E, articulando estas palavras, os seus antigos dentes sorriam de uma conspícua e orgulhosa amargura, mostrando cada um a sua cor diferente, como um vivo mapa das diversas comarcas por ela percorridas numa longa e gloriosa carreira jurídico-conjugal.

Ao longo do «Chiado» as batotas são quase tão numerosas como as filiais das lojas dos Lóios e dos Clérigos. Um lojista,

a quem pedi o obséquio de me trocar uma libra, informou-me delicadamente de que não tinha prata, mas que eu a encontraria na roleta da porta ao lado.

A falta de tempo, que tantas vezes obsta ao cumprimento dos nossos mais sacrossantos deveres, me impediu de visitar todas as casas de tavolagem que exornam esta tão alegre e afamada praia.

Aquela em que estive, e que denominam o *Celeste Império*, pareceu-me ser um estabelecimento inteiramente respeitável e digníssimo. Recomendo-o vivamente a todos os viajantes, principalmente aos filhos-família, aos mancebos morigerados que desejem tornar-se benquistos na sociedade, aos caixeiros de comércio que pretendam estabelecer-se por conta própria, aos que tiverem negócios pendentes dos tribunais ou das repartições do Estado, e finalmente em geral a todos quantos prezarem a sólida convivência de pessoas gradas e doutas, que mais tarde lhes poderão servir de auxílio, de protecção e de arrimo na espinhosa senda da vida.

Em Lisboa, por exemplo, não se imagina o trabalho enorme, a dificuldade muitas vezes insuperável que o pretendente de província encontra em chegar à fala com um senhor director-geral! No *Celeste Império*, pelo contrário, as coisas deslizam de *per si* suavemente, pondo-nos em contacto imediato com todas aquelas personagens que desejarmos conhecer. Basta uma placa de dois tostões e uma simples palavra para a gente se dirigir a quem quiser: — *Piso no valete com o senhor conselheiro!*

Não é preciso mais nada. Depois de ter a gente pisado por três vezes no valete com um conselheiro e com dois tostões, pode perder seis tostões; mas, além de ter tido um gosto na vida, fica ainda com um conselheiro no bolso. É galinha!

O edifício do *Celeste Império* é espaçoso e nobre. Nada da futriquite das repartições públicas, dos estabelecimentos de instrução ou das secretarias de Estado! Soberbos espelhos em magníficas molduras imitando o charão, mas imitando-o sem servilismo nem baixeza, cobrem os muros, de grande pé direito, nos espaços intermediários das janelas amplas e rasgadas até ao tecto. A ventilação é excelente e a luz penetra largamente nas salas com uma profusão que ainda não vi em nenhuma das escolas nem das galerias do País.

As mesas são vastas e sólidas, permitindo aos pontos toda

a liberdade de movimentos, quer para pôr o seu dinheiro sobre as cartas do monte, nos números da roleta ou no bolo do *baccarat*, quer para chamar a si os ganhos, ou vice-versa, quer para se desferrar da desilusão dos palpitanes roendo as unhas, arrancando os cabelos ou rilhando a bengala.

A roleta, propriamente dita, é uma rica peça, em tudo digna da alta missão que exerce no seio da sociedade. Serve-lhe de cúpula e dá balanço impulsivo ao giro da roda uma bem trabalhada estatueta de prata representando um mandarim bailando, de braços abertos e dedos apontados para o tecto. Pensamento lindo!

Este mandarim, servindo de remate e coroa à roleta de Espinho, representa naturalmente a autoridade, representa o mando, a força, o poder supremo do Estado, e representa conjuntamente a galhofa na sua expressão mais oficial, mais faceta, mais inofensiva e mais párvoa. Nada mais aprazível do que o aspecto desta engenhosa roleta ministrando aos seus numerosos e ilustres frequentadores o gozo público e confortabilíssimo de um jogo proibido, e bem assim o da imagem augusta de autoridade e da lei, de chapéu de guizos e dedos para o ar, bailando à roda, enquanto gira o marfim, para o recreio da companhia!

Resumindo as impressões que deixou no meu espírito o exemplar instituto do *Celeste Império* em Espinho, eu faço votos fervorosos para que o País em todo o seu conjunto possa um dia ombrear com a jogatina espinhense.

À câmara dos deputados, ao liceu de Lisboa, à galeria portuense de belas-artes, aos futuros museus escolares, comerciais e industriais, ao futuro teatro de ópera popular, às futuras salas de concertos e de conferências científicas e literárias, desejo deveras uma instalação tão decorosa, tão elegante, tão bem acomodada aos seus fins como a deste convidativo e confortável estabelecimento. Aos debates parlamentares desejo vivamente a mesma compostura, a mesma gravidade, a mesma decência, a mesma propriedade de expressões e a mesma nobreza de gestos que caracterizam esta assembleia; e aos clubes políticos, aos centros artísticos e literários, às companhias anónimas de responsabilidade limitada, às juntas gerais de distrito e às juntas de paróquia, aos bancos, às associações comerciais, aos cabidos, às confrarias, às colegiadas, e em geral a todos os corpos colectivos — de

carácter político, de carácter comercial, de carácter científico, de carácter religioso — eu desejo enfim, acima de tudo, o conjunto e a cooperação de cavalheiros tão distintos, tão ilustres, tão idóneos e tão venerandos como os que ora vejo presentes, em torno do pano verde, no âmbito desta espelunca!

As senhoras vão como os homens à acreditada batota de Espinho. Lá tive a alegria de ver algumas apostando à roleta.

Mas o ponto dado às reuniões do belo sexo é de preferência — penso eu — a Assembleia. Neste virente jardim do ideal, todas as nobres artes vicejam portentosamente, bafejadas pela excitante brisa marítima. A poesia lírica, a música, a dança pegam aí de estaca ou de enxertia com um vigor admirável. Enroscando-se em harmonioso concerto, o verso alexandrino, a cavatina de *tiple*, a fantasia ao piano e a quadrilha francesa bracejam e desabrocham em abundantes e imarcescíveis louros, envolvendo as fontes dos banhistas todos, como num escabeche de glória — imenso molho verde, molho de vilão em que sobrenadam os génios, como os dentes de alho.

A Granja, banho particular — Toda a gente conhecida e alguma de meia-tigela — Encontro dos meus amigos.

A povoação da Granja apresenta o aspecto de uma grande quinta particular, habitada por várias famílias para esse efeito constituídas em sociedade de comandita ou em companhia anónima: ruas de jardim cuidadosamente varridas e areadas; moitas de hortênsias floridas ornando as escadas exteriores de cada prédio; maciços de rosas e de gerânios florindo os caminhos; outeiros artificiais tapetados de relva; grades verdes engrinaldadas de hera ou de balsaminas; *cottages* ou *chalets* pintados de fresco; telhados guarnecidos de delicadas rendas de ferro; eirados ensombrados de longos *stores* com listras de doces tons pálidos, azuis e cor-de-rosa; alegres musselinas Pompadour e amplos chapéus Palmella em *toilettes* que perpassam numa frescura matinal, perfumados a tília ou a spina-rosa; bibes ingleses de crianças, com toucas de jardim, passeadas lentamente em pequenos *breacks* de parque, puxados por burrinhos com topes vermelhos; alguns janotas, alguns financeiros e alguns estadistas em vilegiatura marítima, vagueando ao acaso como fartos e luxuosos carneiros de concurso, pascendo os olhos satisfeitos na contemplação dos seus belos domínios; tudo isto numa rica moldura de pinhal, ampla e espessa como um caixilho de velho veludo genovês, verde-escuro, realçado pelo límpido espelhamento do mar.

Tão elegante familiaridade, tão aconchegado ócio, tão íntima e delicada convivência impressiona vivamente o estrangeiro e rejeita-o, por um modo tão delicado quanto irresistível, a uma respeitável distância quilométrica, desta encantada mansão.

Uma ideia súbita invade a alma de todo o forasteiro ao sair

da pequena *gare* do caminho-de-ferro e ao penetrar na povoação da Granja:

— Sou talvez indiscreto ousando pousar as solas dos meus sapatos sobre a paisagem destes senhores!...

E a maneira como eles nos olham de soslaio, medindo-nos dos pés à cabeça, confirma-nos cada vez mais na convicção de que efectivamente abusamos entrando por esta praia dentro sem prévia licença dos seus donos.

Ao longo das ruas, de um e de outro lado, as senhoras com um grande ar de castelãs burguesas, sentadas em *fauteuils* de junco ou de bambu nos terraços de suas casas, aplicam as lunetas inquisitivas; e é pelo meio desta cerrada fuzilaria binocular que um pobre homem tem de passar, sozinho, sem conhecer ninguém, quando eles se conhecem todos, sentindo-se examinado, ao mesmo tempo e de todos os lados, por todos aqueles olhos armados e fitos sobre as joelheiras das nossas calças, sobre a nódoa do nosso *veston*, ou sobre a verruga do nosso nariz!

Quando elas não olham, quando a gente está só, uma outra espécie de temor nos acomete: um receio vago de que nos apanhem com a boca na botija como a um ratoneiro dentro de um quintal, e que de alguma parte surja de repente um criado a perguntar-nos com afabilidade irónica:

— Deseja alguma coisa? Procura alguém?!...

Quem é que vai para a Granja?... Toda a gente conhecida. *Toda a gente conhecida* é a fórmula provinciana que substituiu em Lisboa a expressão *Le tout Paris*.

Le tout Paris consta, como se sabe, de uma pequena roda de pessoas, que vão a toda a parte onde a gente se diverte, mas que não somente não são Paris inteiro mas quase que nem sequer são Paris.

Toda a gente conhecida é em Lisboa um estreito círculo de senhoras, assinantes de S. Carlos, que se vestem na mesma costureira, que mandam vir os chapéus da mesma modista, que usam o mesmo perfume e concorrem de combinação nos mesmos sítios, nas *matinéés* umas das outras, nos respectivos chás das 5 horas da tarde, nos bailes do Paço, no tiro aos pombos, etc.

Todo o janota que não conhece estas senhoras não é um janota garantido e autêntico.

Ora, na sociedade de Lisboa os homens, com excepção de

alguns velhos, de alguns eclesiásticos e de um ou outro mendigo, são todos janotas: e, para o demonstrar, referem-se às senhoras a quem aludo como se entre eles e elas tivesse de todo o tempo existido a intimidade mais estreita, mais indissolúvel. Tratam-nas pelo nome de baptismo, mesmo quando elas têm um título. Adoptam para seu uso, no Grémio e na Casa Havanesa, as próprias apelidações diminutivas e carinhosas da família. Dizem a Ana, a Anica, a Carminho, a Pepita. E, quando se encontram com elas em algum espectáculo público, noticiam no dia seguinte: «Esteve bem... *Tudo gente conhecida!*» Ainda mesmo quando o facto de tantos conhecimentos reunidos houvesse apenas dado para eles o resultado final de não terem tido uma única pessoa a quem tirar o chapéu.

Dizem-me que há indivíduos para quem esta inocente ficção tem sido durante todo o decurso da existência uma fonte perenal de gozos.

É aos cavalheiros com essa benéfica orientação de gozo que eu principalmente recomendo a praia da Granja como um perpétuo e inexaurível manancial de satisfação e de júbilo. Porque, depois de Cascais, a Granja é a mais aristocrática das praias do litoral português. Espinho sabe isto, e não o leva a bem.

Espinho tem a aristocracia da Granja constantemente atravessada na goela. A Granja é a eterna espinha de Espinho. *Quem a quer de Espinho a saltar viva* é a animosidade dos espinhenses para com as elegâncias dos granjolas. Espinho disfarça o melhor que pode essa hostilidade que o deprime; mas o esforço que emprega para simular a indiferença comprime-lhes os vasos intestinais e os músculos, e dá-lhe à fisionomia visagens ácidas de um sorriso lúgubre. Eles dizem apenas: *Esses senhores da Granja...* Mas estas simples palavras espremem-lhes dolorosamente o fígado. Sente-se, mesmo por cima do fato e até olhando-os de costas, que, ao articular essa alusão, lhes entram para dentro, como chupados por uma animadversão entranhada, os dois botões que têm os fraques em cima dos rins. E de cara, ao falarem da Granja, já no «Chiado», já na Assembleia, já na praia, vê-se-lhes o azedume nos lábios e um toque de bÍlis extravasada aos cantos dos beiços, como cuspo de tigre.

A Granja este ano tem sido teatro de uma animação desu-

sada em plagas portuguesas. Durante toda uma quinzena do mês de Setembro sucederam-se ininterrompidamente as festas de sobre a relva e as festas de sob os lustres. Almoços de convite, jantares de etiqueta, piqueniques, *matches* ao *croquet*, cavalgadas, concertos, *sauteries*, *redoutes*, passeios *aux flambeaux*, iluminações venezianas, fogos de artifício, comédias de salão, etc.

Sou, todavia, informado de que neste mar de elegâncias uma leve espuma de impureza começa a manifestar-se à baugem das marés.

É ainda uma aparência mal determinada, mas em que se pronuncia já o advento de um quarto estado, um princípio de heresia à religião do dandismo, uma cisão no dogma, um cisma na igreja elegante. Enfim — para que digamos a terrível palavra — consta que se manifestara na sociedade da Granja a *meia-tigela!*

Ó pejo! ó dor! A esse belo *boudin* de sangue azul, que constituía o antigo mundo escolhido das granjoláceas, acha-se hoje adstrito em contrapeso, pela fatalidade das circunstâncias, um suplementar chouriço de vinha-de-alhos! E para toda a parte aonde vai o longo e aristocrático salame, reluzente, envolto em prata, segue atrás, em trambolho, o novo apenso do pequeno salpicão torto, negro do fumeiro, cheirando como resto de tenda a coentro velho, a barrica de arroz com gorgulho, a figo de seira e a pau-campeche!

Por enquanto ainda é tudo *gente conhecida*, mas há já uma *nuance* de pessoas que se conhecem perfeitamente, e de pessoas que se não conhecem tão bem: e alguns dos janotas, pondo a mão em viseira sobre os olhos, preparam-se para não conhecer de todo em todo quem chegar de novo, receando ver aparecer na clareira — suas próprias primas!

O meu amigo Eça de Queirós, que tem andado comigo, com uma muleta e com uma resma de papel, a procurar pelo reino um sítio limpo de maçadores, de moscas e de cozinheiros afrancesados, para aí acabar de escrever *A Relíquia*, chega-me hoje da Granja, onde por espaço de dois dias applicou aos fenómenos sociais o monóculo da análise; mas nada pude arrancar do seu peito discreto acerca da intriga de castas que surdamente me dizem agitar a psicologia a banhos nessa

praia. Ao sentarmo-nos à mesa para almoçar juntos no Palácio de Cristal, com Antero de Quental, Guerra Junqueiro e Oliveira Martins, soubemos apenas que no clube da Granja o nosso amigo perdera na véspera a aposta de um leque numa partida de bilhar com uma das banhistas. Uma das condições da aposta era que o leque seria escrito pelos amigos com que Eça de Queirós tinha de vir almoçar ao Porto.

À sobremesa fizemo-nos, pois, servir um tinteiro e uma pena de cozinha, e, entre a pêra e o queijo, o leque, comprado no Bazar do Palácio, de cetim cor de ouro ornado de uma aguarela representando um grupo de cinco cães, ficou escrito do seguinte modo:

Por cima dos cães, este dístico: — *Os autores.*

Do lado oposto, a rubrica e o texto que passo a transcrever:

OS LATIDOS

I

Quem muito ladra, pouco aprende. Antero de Quental.

II

Escritor que ladra não morde. Oliveira Martins.

III

Dentada de crítico cura-se com pêlo do mesmo crítico. Ramalho Ortigão.

IV

Cão lírico ladra à lua; cão filósofo aboca o melhor osso. Eça de Queirós.

V

Cão de letras — cachorro! Guerra Junqueiro.

ENVOI

*São cinco cães, sentinelas
De bronze e papel almaço;
De bronze para as canelas,
De papel para o regaço.*

(Assinada) A MATILHA.

O leque foi para a Granja com Eça de Queirós.

Oliveira Martins voltou para o seu ninho de artista, no sítio das Águas Férreas, uma pequena casa encantadora com um gabinete de trabalho recheado de livros, de móveis artísticos e de *bibelots*, ao lado da casa de jantar, rindo através das gelosias verdes para o velho jardim musgoso, florido de rosas-chá, com uma gruta de teixos aparados à tesoura à moda do século XVIII, e uma fonte de granito em que a água, com uma melodia de claustro, corre no tanque saindo pela boca de um golfinho.

Antero de Quental, que a sua delicada susceptibilidade de poeta converte numa espécie de monge, asceta de bondade amortalhado num burel de ironia, regressou à sua tebaida à beira do rio Ave, em Vila do Conde.

Guerra Junqueiro tornou para Viana do Castelo, para o seu lar doméstico, que é ao mesmo tempo uma preciosa colecção de arte, levando pela mão as duas filhas que Deus lhe deu, evidentemente por um acto de omnipotente bom gosto e com o fim manifesto de lhe provar que não viu uma alusão pessoal na *Velhice do Padre Eterno*.

Queirós prosseguirá da Granja para Lisboa e de lá para a linda casa que habita em Clifton, nas margens do Avox, em frente de Bristol, ao pé de um braço de floresta conhecido pelo poético nome de *bosque dos rouxinóis* — pequeno *genteel cottage*, rodeado de maciços de flores, vestido de trepadeiras, nessa húmida profundidade de musselina sobre a qual se esfumam em cor de pérola os esguios perfis de construções de luxo no campo inglês.

E eu descí para a Foz, pelo caminho de baixo, no carro do trâmuei que recebe em Massarelos, às quatro da tarde, o retorno dos ricos comerciantes, dos caixeiros de escritório e dos altos funcionários aduaneiros do Porto, residentes à beira-mar durante a estação calmosa.

Figueira da Foz — A baía de Buarcos — Bairro Novo e Bairro Velho —
Divisão no recenseamento geral dos habitantes em regeneradores e progres-
sistas — Jubilosos resultados dessa desunião.

Não tem outro remédio senão vir à Figueira quem quiser
ver a mais linda praia de banhos de Portugal.

A grande baía compreendida entre o cabo Mondego e a
embocadura do rio desenha uma curva encantadora, lem-
brando os mais risonhos e os mais doces golfos do Mediterrâ-
neo. Em toda a linha de areia que borda a enseada, na exten-
são de meia légua, não há um rochedo. O terreno é cortado
em *falaise* sobre a praia. O longo abarracamento dos banhis-
tas, em tendas pontiagudas, de lona branca, arma-se junto
do forte de Santa Catarina, construído na foz do rio.

Quem se senta na praia, voltado para o mar, tem à es-
querda a fortaleza ameada e denegrida, no estilo de todas as
que contruiu o conde de Lieppe ao longo do litoral portu-
guês; para a direita, a curva da costa, com o farol na ponta, e
a pequena povoação de Buarcos, à beira de água, alvejando
ao sol. Pelo ângulo da fortaleza avista-se a água espelhada do
Mondego e a verdura ridente das colinas da margem de
além, matizadas pela casaria branca das aldeias longínquas.

À hora do banho, das oito às dez, a praia enche-se de ba-
nhistas.

Como não há rochas nem dunas, toda a gente que desce da
falaise para a beira da água fica em plena evidência. Esta
circunstância dá um ar especial a esse ajuntamento de cada
dia. O banho torna-se um *rendez-vous* geral de toda a popula-
ção balnear e traz consigo umas certas exigências de aparato
e *toilette*.

Nenhuma senhora ousaria aqui, como na Foz, em Espi-
nho, em Leça ou na Póvoa, vir ao banho enrolada num xaile,
com uma manta pela cabeça. A paisagem é tão larga, tão

descoberta e tão luminosa que impõe uma espécie de culto e de cerimonial. Os lindos sítios levam as mulheres a vestir-se bem. Nos lugares alcantilados e ásperos a fisionomia humana arrepia-se e confrange-se. Nas planícies louras e azuis, nos golfos tépidos sobre o espelho límpido das águas, ao abrigo de colinas virentes, a beleza expande-se e floresce.

Nunca vi provincianazinhas que me parecessem tão lindas e tão bem vestidas como nestas vividas, frescas e claras manhãs de sol, na praia da Figueira. Um arzinho arrapazado e sadio parece embandeirar os olhos destas raparigas e fazer-lhes cantar barcarolas pela frescura da pele.

O Bairro de Santa Catarina, ou Bairro Novo, principalmente habitado pelos banhistas, foi construído há poucos anos e consta de casas todas novas, pintadas de branco, de um teatro, um clube e um hotel para oitenta hóspedes.

Infelizmente, em vez de ser edificado com método, sobre a praia, com o hotel de banhos e o Casino ao centro, os restaurantes com terraços ao ar livre, o novo bairro não fez frente ao oceano e dispersa-se desengraçadamente na colina para o lado da terra.

O bairro antigo tem aumentado consideravelmente nos últimos tempos. As obras do Mondego acrescentaram, por meio de aterros à beira do rio, a superfície do terreno, rapidamente coberto de novos prédios, espaçosos e elegantes.

Uma bela avenida arborizada, à beira do rio, conduz da estação do caminho-de-ferro à primeira grande praça da antiga vila, na qual há poucos anos ainda se penetrava por uma rua em funil, ladeada de velhas casas sombrias e calçada de enormes pedregulhos, por cima dos quais trambolhava pesada e estrepitosamente, ao som dos guizos, dos estalos de chicote e da corneta do condutor, a velha diligência de Coimbra.

Monumentos não há. A Figueira, que ainda no século XVIII era apenas uma pequena aldeia com trezentos habitantes, não tem história antiga.

A vila de Buarcos, que se diz ter sido fundada por uma colónia de pescadores galegos no século XV, invadida pelos holandeses e pelos ingleses no tempo da dominação filipina, também não tem tradição, porque os invasores ingleses sa-

quearam e incendiaram tudo quanto podia explicar o passado.

Resta apenas em Fr. Bernardo de Brito a menção das duas célebres fontes de Buarcos, uma das quais *absorve* e a outra *rejeita* tudo quanto se lhes deita dentro. O venerável cronista afirma ter ele mesmo *visto*, por seus próprios olhos, essas duas maravilhas.

Do forte de Santa Catarina foram desalojados os soldados de Junot por uma força de estudantes de Coimbra em 1808, e foi na praia defendida por esta fortaleza que desembarcaram os treze mil da expedição inglesa comandada por Lorde Wellington.

A melhor casa da cidade é o antigo palácio dos condes de Tavarede, na rua do Paço. Dois dos grandes salões deste prédio são forrados à altura de um terço da parede por lindos azulejos de Delft, tendo cada um o seu quadrozinho independente, a azul e branco, representando paisagens e costumes holandeses. Esta colecção que não sei nem como nem quando veio parar à Figueira, é no seu género a mais interessante que tenho visto em Portugal.

Registe-se ainda que foi na Figueira que nasceu o revolucionário do Porto Manuel Fernandes Tomás, e é tudo quanto há historicamente que referir.

Além do rendimento constituído pela contribuição anual dos banhistas, a Figueira tem as suas pescas, o seu comércio marítimo, a sua mina de carvão fóssil em exploração no cabo Mondego, uma fábrica de cal e uma fábrica de vidro.

Mas a grande feição peculiar e característica da Figueira é a que lhe imprime a sua vida política.

Em nenhuma outra parte do mundo vi fenómeno mais curioso e mais extraordinário. Em todas as outras partes há mais ou menos uma certa política de aplicação prática ao interesse da localidade.

Na Figueira o carácter da política é inteiramente abstracto, transcendental, figurado, alegórico, mítico.

Não se trata nem da igreja, nem da escola, nem da estrada, nem da fonte, nem do mercado, nem de coisa alguma viva, corpórea e real. Trata-se unicamente e exclusivamente da

ideia adelgada, subtilizada até o ponto de não significar coisa alguma.

Os habitantes da Figueira são todos, em política, ou *regeneradores* ou *progressistas*.

Como por baixo de cada uma destas denominações, puramente metafísicas, não há mais nada, toda a controvérsia e toda a contestação se torna impossível sobre semelhante assunto.

Assim, desde que um homem chega (não sei como) a ser *progressista* e que outro (por vias não menos misteriosas) chega a ser *regenerador*, cada um deles o é definitivamente e para toda a vida, e esse dois homens estão irreconciliavelmente separados para sempre pelo mais terrível de todos os abismos — o abismo do vácuo!

Nada mais prodigioso do que o estado de coisas a que dá origem este fenómeno.

Não havendo na Figueira e seu termo um único indivíduo — de um ou de outro sexo — que não seja ou regenerador ou progressista, e sendo completamente incompatíveis entre si, como já disse, os dois partidos, há uma assembleia recreativa para os regeneradores e há outra, a respeitosa distância, para os progressistas. Esta separação e esta dualidade correlativa estende-se a todos os estabelecimentos da cidade. Há os padeiros progressistas e os padeiros regeneradores, os barbeiros especiais e os privativos de um e de outro partido, os cafés, os restaurantes, as batotas, as camisarias, as mercearias, os médicos, os pedicuros, os criados de servir, as filarmónicas, as farmácias, os alfaiates, as costureiras — tudo por parelhas, tudo binário, tudo em duplicação, para uso dos partidários do Sr. Anselmo Braamcamp e do Sr. Fontes Pereira de Melo, conquanto, acerca dos princípios governativos que distinguem esses dois chefes de partido, estejam quase todos os figueirenses, que não conhecem pessoalmente nem o Sr. Fontes nem o Sr. Braamcamp, no mesmo estado de tenebrosa ignorância em que eu próprio me encontro.

Apesar destas providenciais disposições, progressistas e regeneradores encontram-se ainda algumas vezes frente a frente no mesmo caminho, e desses encontros resultam graves conflitos, que se decidem à mocada.

As duas filarmónicas não passam jamais uma pela outra sem subsequentemente obrigarem os respectivos partidos a

consideráveis despesas para o fim de lhes renovar os instrumentos e os queixos.

Eu mesmo fui vítima, com Elísio Mendes, de uma dessas incompatibilidades funestas. Vínhamos embarcados, às nove horas da noite, descendo o Mondego, contra o vento e contra a maré, depois de um piquenique na Lares. Tínhamos conosco a bordo a companha do batel e uma das filarmónicas da Figueira: esta incumbida de nos acompanhar o luar com algumas peças de música, aquela encarregada de nos levar à vara até ao porto de amigo. A menos de meio caminho, notámos com amarga surpresa que a Lua raiava desacompanhada de instrumental, num silêncio tétrico, e que o batel, em vez de ir para diante à vara, vinha para trás velozmente no dorso da maré, favorecido pela brisa.

Quando ousámos pedir explicações amigáveis a respeito deste inesperado acontecimento, os da companha e os da música travaram-se de razões formidavelmente belicosas, e nós tivemos de intervir com os maiores esforços de eloquência e de diplomacia para evitar uma carnificina medonha entre os músicos e os barqueiros.

Sabidas as coisas, tínhamos caído num dos mais terríveis focos de explosão partidária: a companha era regeneradora e a música era progressista!

A nossa oratória ecléctica conseguiu enfim produzir os benéficos efeitos que o eclectismo produz sempre no espírito das massas, desde o filósofo grego Potamon até o Sr. Vítor Cousin, a saber: que ao cabo de alguns minutos os dissidentes das duas parcialidades contrárias haviam adormecido. Por uma dessas estranhas contradições, que tantas vezes resultam das vicissitudes humanas, fomos nós ambos, Elísio e eu, que os restituímos incólumes aos seus lares domésticos e aos seus respectivos partidos — um de nós manejando a vara e o outro dedilhando um cornetim.

Esta singular e inexplicável rivalidade parece destinada a dissolver todas as relações sociais. As mulheres apartam-se dos maridos pelos chamados ainda na Figueira *motivos políticos*. Por iguais motivos se separam filhos e pais, irmãos e irmãs; malquistam-se famílias, dissolvem-se associações; esbandalham-se piqueniques; desmandibulam-se queixadas e escacam-se cabeças. No hospital, que na Figueira, como em quase todas as terras da província em Portugal, é um modelo

de economia, de administração e de caridade, contou-me o provedor que as famílias progressistas recusavam fazer fios para os enfermos, porque a direcção era regeneradora. E *não obstante* — acrescentava o benemérito funcionário — *a maioria dos pobres aqui recolhidos são de Lavos, que é uma freguesia progressista.*

Ora, o mais curioso de tudo é que, em tal estado de coisas, se não dissolve coisa nenhuma! Tudo se equilibra e se compensa de um modo digno da cogitação dos filósofos. Os regeneradores e os progressistas da Figueira, que são de um partido para o outro os mais terríveis e irreconciliáveis inimigos, são entre si, em cada um dos dois campos, de uma união e de uma solidariedade de que se não encontra exemplo em nenhuma outra parte. Os cônjuges que se apartam aqui por política gozam da vantagem moral de não se apartarem nunca por motivos mais escabrosos de alegar. A emulação partidária mantém nos habitantes um jucundo *steeplechase* de melhoramento e de progresso local. Trate-se seja do que for, cada partido pretende passar adiante do outro a distância de uma cabeça pelo menos, e ninguém pára nesta corrida vertiginosa de competência; se este faz um prédio, aquele faz uma quarteirão de casas, até que o primeiro por seu turno faça uma rua, para que o segundo, quando chegar a sua vez, faça um bairro inteiro. Se o regenerador constrói um teatrinho, o progressista constrói a seguir um teatrão; se o progressista deita um foguete, o regenerador deita uma girândola. E assim sempre, de mais a mais e de melhor a melhor.

A Figueira tem tido por este sistema um desenvolvimento único e sem exemplo nos últimos anos. Se amanhã os dois partidos se lembrarem de competir um com o outro em destruir, assim como até aqui têm competido em edificar, escusam de lá ir para o Verão que vem, porque não encontrarão coisa nenhuma. Se, para afirmar a sua adesão à respectiva causa, um dos partidos começar, *verbi gratia*, por cortar um dedo, o outro cortará os dois; e assim se prosseguirá sucessivamente, até que, não havendo mais nada que cortar de parte a parte, não reste do que foram os regeneradores e do que foram os progressistas na Figueira senão um dente e um chapéu para um lado, e para o outro lado um calo e uma bengala.

Na Trafaria — Cena da borda-d'água.

Não — tinha eu dito comigo logo de manhã cedo, ao abrir a minha porta e ao contemplar o mar —, com um tempo destes é que eu não vou trabalhar. Para onde eu vou é para a pesca.

E, trazendo o cesto com os aparelhos para a beira da água, sentado no chão, em mangas de camisa, arregaçado até os joelhos, com os pés nus na tépida consolação da areia, abri a minha faca e pus-me a cortar sardinha e a iscar os anzóis. A melhor carnada é o casulo; mas nem sempre se pode ter casulo e nestes casos é preciso cortar a sardinha em regra, diagonalmente, e saber metê-la no anzol, enfiando-a na metade do lado da cabeça por um dos olhos, dando-lhe uma volta com a espinha na outra metade. É um trabalho engenhoso.

Balançando na água, o meu bote esperava por mim amarrado à fateixa. Uma intensa luz de um azul de turquesa envolvia a grande natureza ridente, salgada das exalações da água, cheirando aos mexilhões frescos que dois barcos saveiros em forma de meia-lua estavam pescando no Calhau, a trinta metros da praia para o lado do Bugio. Os primeiros bandos de rolas, picadas pelo vento leste, cortavam o espaço num voo doce, fazendo tremular na areia reluzente da vazante a sombra pardacenta e fugitiva das asas. Alguns maçaricos reais debicavam a salsugem da maré em pulos esbeltos, prateados pelo sol.

— Vê aquela rapariga que vai saltar com um pequeno ao colo para o bote branco que está amarrado ao nosso? — disse-me o pescador José Pirralho, que iscava também um aparelho, acocorado no chão ao pé de mim. Aquela é a Rita

Carrã que vai a Lisboa ver o marido, o João Galhote, do brigue *Ligeiro*, que entrou hoje de madrugada. É um brigue que anda no mar há perto de um ano. O João Galhote embarcou logo depois de casar. Esteve apenas três meses com a mulher e vai ver agora o filho nascido, que ele ainda não conhece... — Olá, ó tia Rita! se o seu José vier logo consigo para baixo faça sinal do bote com o lenço, que é para lhe botarmos um foguete e para repicarmos o sino.

E ela, em pé na embarcação, rindo, vestida de festa, com o pequeno rechonchudo e louro sentado no braço, agradecia dizendo adeus com a mão — Até logo! até logo!

Deitado o aparelho, lancei a minha bênção à bóia e remei para terra. Boa coisa, remar! De calças arregaçadas e pernas nuas, com o peito ao vento, a elasticidade de um bom remo espadeirando a água comunica-se ao nosso arcaboço, e parece que nesse exercício triunfal todos os ossos cantam como canta o estorvo de couro cru amarrado ao tolete quando se pica a bóia. Dizem os do Algarve, que, para remar, tudo puxa desde as unhas dos pés até às pontas dos cabelos. Quando se rema estirado, pranchando o corpo todo no mergulho do remo, o esforço empregado distribui-se igualmente por todos os músculos das pernas, dos braços, do tórax e dos rins, dando a máxima plenitude da força, a mais intensa sensação de poder e de vitória. Remar é dizer ao oceano — *Chegue-se para trás que vai aqui um homem!* — e ver o oceano obedecer.

Tinha vindo para casa almoçar e esperar à sombra a maré para levantar o aparelho, quando ouvi gritar por socorro na praia. Chego à janela e vejo na água límpida e serena, beijada do sol do meio-dia, as duas mãos de um homem que se afundia junto de um bote amarrado a oito ou dez braços da terra.

Alguns pescadores saltam num saveiro varado na praia e remam para o ponto em que se tinham submergido as duas mãos que eu vira agitarem-se no ar.

Sonda-se o lugar; procura-se por toda a parte, com cabos, com remos, com varas; lança-se uma rede. É tudo inútil. O afogado desapareceu.

Era um operário padeiro, de vinte e três anos de idade, o José da Viúva, que sustentava a mãe, paralítica, e duas irmãs. Fora banhar-se ao despegar do trabalho antes de ir jan-

tar, e estava já em terra quando se lembrou que enchia a maré e que deixara longe o bote de que se servira para saltar de mergulho no mar. Entrara na água outra vez para alar o bote, e foi então que lhe faltou o pé, que o arrastou a corrente, que se afundiou.

Falou-se do caso uma hora entre os grupos dos marítimos deitados na praia ao sol.

— Aquilo não foi senão coisa que lhe deu pela cabeça...

— Ou dor!

— Que ele diz que falou ao vir acima...

— Pois sim; mas nada explicou. *Mãe! mãe!* foi a única coisa que ele disse.

— Com o que a água puxa para cima o corpo vai lá dar para o Porto Brandão ou para Cacilhas...

E depois, a pouco e pouco, como vinha chegando a hora de levantar os aparelhos e de recolher as redes, os botes começaram a largar para o mar, uns depois dos outros, e a praia ficou deserta sob a grande alegria do céu, no suave rumor da vaga, entrecortado de espaço a espaço pelo gemer dos moinhos e pelo cantar dos galos.

Sentia consideravelmente atenuado o meu apetite aos charrirros e aos robalos a que deitara o aparelho, e uma atracção magoada prendia irresistivelmente os meus olhos ao ponto do mar em que eu acabara de ver aquelas duas mãos brancas agitando-se convulsas ao lume de água, como as asas de uma gaivota ferida. Foi a olhar para esse ponto que descobri de repente, ao pé da praia, o bote branco que levara para Lisboa a Rita Carrã. Lembrou-me o sinal do lenço, mas o bote não deu sinal.

Além do remador, que vinha deitado à popa, segurando a escota da vela, o bote não trazia mais ninguém senão a Rita com o filho nos braços. O José Galhote morrera tísico na torna-viagem do brigue *Ligeiro*. O bote branco, que saíra da Trafaria com a festa da esperança e que voltava com a desolação da viuvez, deixou cair a vela como uma continência funerária sobre o mesmo lugar em que se submergira o José da Viúva, e esta bela e comovente cerimónia do acaso fez-me ter inveja ao destino do morto.

Pobre José da Viúva! o teu modesto nome, triste e simpático, não será repetido em artigos banais pela Imprensa, nem figurará em epitáfios idiotas nos mausoléus do cemitério dos

Prazeres. O prior da tua freguesia, ultimamente acusado de ter morto com uma paulada na cabeça uma das ovelhas do seu rebanho, não veio grunhir o latim da agonia sobre a tua última hora. Invocando o nome da tua mãe, expiraste na mais doce e na mais incontestada das religiões, a religião do amor. Sepultando-te no mar, libertaste-te dos gatos-pingados, dos chantres, dos veludinhos pretos franjados de galões amarelos, dos pingos das tochas, do badalar dos sinos nas torres, do pregar dos alfinetes na mortalha, de tudo enfim quanto desnatura a morte, tornando lúgubre e repulsiva a doce passagem da luta inclemente da vida para o repouso do nada.

Nessa noite o chinchorro do tio António Janeiro trouxe para terra um cadáver de envolta com os linguados que foi pescar à meia-noite, e o tio João Loira, velho fadista, foi mais uma vez requisitado em nome da caridade para depor por alguns minutos a sua guitarra no chinquilha do Marcelino e ir, piscando os seus olhinhos vermelhos e cantarolando o Quizumba, abrir a cova e enterrar o José da Viúva debaixo dos três ciprestes que ensombram o cemitério da aldeia.

Bom e velho amigo!

Há meses que uma flotilha, cujos gastos são pagos por ti, anda passeando Sua Alteza o príncipe de Gales por cima da superfície líquida deste pequeno esferóide rotatório em que os príncipes e os mais homens gravitam, com maior ou menor facilidade, uns à custa do seu próprio suor, outros por conta do suor alheio.

Estreitar as relações dos povos e avivar os sentimentos benévolo com relação à Inglaterra dizem ser o intuito do teu futuro soberano ao resolver aparecer-nos mais real e mais perfeitamente do que sob o cunho das libras esterlinas, único meio porque até hoje nos tinha sido permitido venerar a effigie dos illustres predecessores de Sua Alteza.

Visto que assim o deseja o excelso príncipe, sentemo-nos pois, por um momento, defronte um do outro, amigo John, e conversemos um pouco acerca das relações que nos unem.

Acende o teu cachimbo, como eu vou acender o meu; recosta-te bem à tua vontade nessa poltrona; encruza sobre a mesa, à altura do olho, segundo a boa e sincera moda americana, os teus fortes pés solidamente calçados; e dá-me o prazer de te servir da coisa em que o país mais abunda depois do seu vinho: — a sua prosa. Ofereço-te a prosa e não te ofereço o vinho, porque enquanto à bebida tu — coitado! tens-te já sacrificado muito. Não mais fel! O que vou dar-te agora é unicamente — esponja.

Desde o princípio deste século que Portugal padece pelo teu país uma espécie de cegueira affectuosa, que, até sábado passado, tem tido sempre nos espíritos um desenvolvimento progressivo.

Nós governamo-nos à inglesa, vestimo-nos à inglesa, alimentamo-nos à inglesa. Mandamos vir de casa de Poole as nossas *toilettes*. Atestamo-nos de chá e de *pale ale*. Lançamo-nos no *sport*, no *turf*.

Sacrificamos à anglomania interesses valiosos.

Para montar a para fazer correr cavalos ingleses, objectos de puro luxo no solo e no clima português, deixamos abastardar e perverter a fina raça dos nossos cavalos de Alter.

Em vez de nos refrigerarmos com as saudáveis bebidas clássicas de nossos pais, a *limonada* e a *sangria*, amodorrámos os nossos temperamentos com má cerveja inglesa, que nos desenvolve excessivamente a bÍlis, que nos dá dispepsias e hepatites, e, enquanto nos não ataca algum órgão essencial à vida, nos embrutece lentamente, tornando-nos a língua grossa e o cérebro espesso.

Principiamos, agora há dois anos, a importar de Inglaterra duas outras espécies de monstros: — as dançarinas e os jóqueis.

No ponto de vista comercial, no ponto de vista industrial, no ponto de vista moral, o inglês representa o nosso modelo, o nosso guia, a nossa aspiração, o tipo ideal da actividade mercantil, da boa-fé dos contratos, da lisura e da honra comercial.

Nota porém que tudo isto, como já tive a honra de dizer, é o resultado de uma cegueira irreflectida e não de uma convicção fundada nos factos ou no raciocínio.

Porque é de saber, *my dear*, que os portugueses só conhecem a Grã-Bretanha de um modo platónico, excessivamente imperfeito e longínquo.

Enquanto às nossas ideias, às nossas opiniões, aos nossos princípios, somos educados no espírito francês.

A língua que melhor conhecemos, depois da nossa, é a língua francesa. É pelos livros franceses, pelos jornais franceses, pelas revistas francesas que nós nos educamos, que nos achamos em contacto com o progresso e com a civilização.

Procederá a nossa anglomania, o nosso feiticismo inglês, da contradição flagrante que a prática dos negócios nos fizesse encontrar entre as obras da França e as qualidades pessoais dos franceses?

De modo algum.

Se o pouco ou muito que valemos pelo nosso aperfeiçoamento intelectual o devemos à França, industrialmente falando é ainda à França que principalmente devemos a colaboração mais valiosa do que temos feito no presente século.

A maior parte das indústrias que actualmente existem em Portugal foram iniciadas no tempo do marquês de Pombal por famílias francesas, em cujos indivíduos encontramos os amigos mais sinceros e mais dedicados. Vou citar-te alguns.

Lecussan Verdier, fundador no século passado de uma fábrica de panos na vila de Tomar, empregava as suas horas de ócio estudando a nossa língua e os nossos monumentos literários, e deixou-nos importantes trabalhos de crítica sobre o cancionero chamado do *Colégio dos Nobres* e sobre um poema nacional, *O Hissope*, de Denis. Expulso de Portugal depois da invasão de Bonaparte, foi ainda em França o protector e o amigo desvelado de um português ilustre, o poeta Filinto Elísio, refugiado em Paris das perseguições portuguesas da Inquisição e da Intendência da Polícia.

Jacome Ratton, fundador das nossas primeiras fábricas de papel, iniciador de várias fabricações de tecidos, introdutor de aparelhos hidráulicos, habitava em Lisboa ao tempo do terramoto um grande palácio, dava festas magníficas, recebia em sua casa a melhor sociedade portuguesa, contribuindo por tal modo eficazmente para a democratização da nossa nobreza. Era o protector e o conselheiro afectuoso e ilustrado dos nossos artistas. Deixou-nos um curioso livro de memórias, que são um subsídio precioso para a história da sociedade portuguesa durante a administração do marquês de Pombal.

Mathevon de Curnieu, igualmente fabricante, era um poeta distinto; grande amigo das letras e dos que a cultivam; profundamente instruído, escrevendo com grande facilidade o português, o latim e o grego.

Orcel foi o fundador da livraria francesa, que ainda hoje existe em Coimbra.

Roland, Simion, Borel, os irmãos Bertrands, constituem outras tantas dinastias burguesas, as quais, pelo seu trabalho, pela sua economia, pela sua perseverança, pela sua honra imaculada, pela sua probidade austera, lembram as fortes famílias dos mercadores da Renascença que pela sua poderosa afirmação nos costumes criaram a moderna compreensão do dever, o de-

coro e a honra do trabalho, e finalmente o advento do novo poder contemporâneo, que se chama a democracia.

Não obstante a eloquência destes factos, a opinião pública em Portugal — a mais estúpida das coisas públicas que em Portugal existem — continua a considerar os franceses como um povo de cabeleireiros e de perfumistas, fabricantes de falsas drogas expressamente destinadas a fazerem cair o cabelos aos incautos!

Por outro lado, nada que se compare à nossa credulidade, à nossa boa-fé, à nossa estima, ao nosso respeito, à nossa admiração, perante a individualidade inglesa, à qual nenhuns serviços devemos.

O negociante britânico que na praça do Porto comparece a comprar o vinho e a vender bacalhau, manteiga ou peúgas de algodão, é ali objecto de uma espécie de culto. As solas das suas botas, o anel da sua gravata, a frescura do seu colarinho, o trote do seu cavalo, a isolação da sua casa, em que ninguém mais penetra senão ele e a sua família, são outros tantos títulos ao crédito e veneração geral.

Nos salões de Lisboa o simples aspecto de um sr. segundo-tenente da armada inglesa torna-nos extáticos. A sua loura juventude, a risca cor-de-rosa que lhe separa o crânio em dois hemisférios, o seu olhar parado, sem expressão, de uma banalidade grave, de alto género, a sua casaca, as suas jóias, os seus sapatos decorados, as suas meias de seda, o nó da sua gravata branca, o seu cheiro a carvão, o vidro redondo que ele de quando em quando coloca na arcada do olho para nos conceder a honra de nos observar, tudo nos cativa e nos encanta.

Os ingleses porém que temos visto, o mercador com quem trocamos os nossos produtos, o *gentleman* de quem imitamos a nossa *toilette*, não bastam para nos dar de ti, bom e prestável John, do teu espírito, das tuas qualidades, do teu carácter, da tua inteligência, da tua missão na moral e na política uma ideia inteiramente precisa.

A visita de Sua Alteza o príncipe de Gales destina-se a fornecer-nos a justa medida que não tínhamos. Esta visita vem chamar a atenção dos noticiários para a biografia do homem que acaba de representar em roda do globo a encarnação do espírito inglês; vem vulgarizar as noções de história relativas às nossas duas pátrias.

Nesse ponto de vista, John, é inapreciável o serviço que a

estada de Sua Alteza em Lisboa presta à nossa instrução popular.

Este povozinho não lê livros e não aprende senão o que se lhe ensina nos pequenos jornais a um *penny*. Através das notícias que esses jornais vão dar-nos agora a respeito do príncipe de Gales, o país receberá pequenas lições de história extremamente profícuas. Este importante ramo da nossa educação adjudicado, fora da esfera jornalística, a um *gentleman* ilustre, Mr. João Félix, é poderosamente reforçado neste momento pela intervenção nos acontecimentos quotidianos de Sua Alteza o excelso príncipe que nos cabe a honra de hospedar.

À notícia da visita do herdeiro da coroa inglesa, uma grande comissão de negociantes, uma junta especial de pessoas da corte presididas por el-rei, e uma delegação do ministério, começaram a estudar o modo mais expressivo e mais brilhante de festejar o nobre viajante.

Dos trabalhos reunidos destas diversas comissões resultou resolver-se dividir a festa por secções numeradas como as cantatas do rei Bobeche no *Barba Azul*:

1.º — Viria de Londres um carpinteiro inglês para fazer palanques;

2.º — Viria de Londres um iluminador inglês para pôr luminárias;

3.º — Viria de Londres um pirotécnico inglês para deitar foguetes;

4.º — Viria de Londres um músico inglês para ensinar as nossas bandas marciais a tocar o *God save the Queen* e o *God bless the prince of Wales*;

5.º — Viria de Londres um copo-d'água inglês para oferecer ao príncipe o «copo-d'água»;

6.º — As comissões envidariam todos os seus esforços para que, durante a demora de Sua Alteza em o nosso clima, estivesse nevoeiro.

Outrossim se deliberou:

a) Que houvesse no Teatro de S. Carlos um concerto à inglesa;

b) Que se desse um baile no paço, transformando o aspecto dos nossos salões lusitanos em salões ingleses, e pintando-se em um grande *panneau* a fachada de um dos palácios de Sua Alteza o príncipe;

c) Que no hipódromo de Pedrouços corressem alguns ca-

valos ingleses montados por jóqueis ingleses, segundo a moda inglesa.

Em suma, nada mais sabiamente combinado para fazer crer a Sua Alteza se não acha em um país livre, com tradições e costumes próprios, mas sim num território conquistado, numa feitoria inglesa.

Mr. Methwen quando no tempo de D. Pedro II formulou o célebre tratado de comércio tendente a regular a troca dos nossos vinhos com as mercadorias inglesas — tratado de que resultou a condenação do trabalho e o atrofiamento de todo o espírito de iniciativa industrial criado pelo conde da Ericeira — não prepararia melhor o programa dos nossos regozijos públicos.

E, todavia, o país sempre vale um pouco mais que a inteligência daqueles que o governam. Nós poderíamos oferecer à distração do príncipe espectáculo um pouco menos servil do que aquele que lhe damos.

Poderíamos levantar-lhe uma tribuna na vasta lezíria de Vila Franca e, em vez de uma ridícula revista militar, dar-lhe aí, como povo agrícola, a mais grandiosa e a pitoresca das revistas rurais.

Ao norte do grande campo formaríamos em linha cem ou duzentos carros de trabalho, cheios de mulheres e de moços do campo, puxados pelos grandes bois de jugos ornados de topes vermelhos, com as largas coleiras de chocalhos.

Ao sul, nas águas do Tejo, postaríamos a colecção tão interessante dos nossos barcos de pesca e da navegação fluvial: os saveiros, os varinos tripulados pelos seus belos homens de fina raça fenícia, de trajos tão característicos e tão pitorescos, as faluas com a vela em cruz e com a vela latina, os caíques, os pequenos botes de Cacilhas e do Barreiro e as muletas do Seixal, que infelizmente tendem a desaparecer da nossa baía.

Em frente da tribuna do príncipe faríamos então desfilar algumas das nossas grandes lavouras do Ribatejo e da Golegã. À frente de cada uma delas, o respectivo proprietário, com a sua família, com os seus amigos, vestidos à portuguesa, de jaleca e cinta, montando os cavalos de Alter e de Castelo Melhor, ajaezados à Marialva, com o xairel de pele de cabra, a sela semiárabe, os estribos de pau.

Seguir-se-iam os arados, as grades, as charruas puxadas por quatro e seis juntas de bois; as longas boiadas de centenaes

de cabeças, as chocas, os cabrestos, os touros; as éguas e os potros das coudelarias da Estremadura; os rebanhos dos carneiros; as varas dos porcos; as carretas; os trofeus das foices, das pás, das enchadas, dos machados, das serras, de todos os instrumentos da indústria dos campos; as altas pirâmides de laranjas; os feixes do trigo, do centeio e da cevada; as amostas de cortiça; e, finalmente, num trofeu especial, o odre, o simpático odre, o melhor símbolo da abundância e da riqueza das nossas terras, as terras do azeite e as terras do vinho. Como o cevado no Cincinnati, o odre, John, constitui para nós o brasão territorial.

Como Sua Alteza gosta dos exercícios do *sport*, faríamos soltar um touro na lezíria, e mostrar-lhe-íamos os únicos exercícios de agilidade e de destreza em que primamos, em que somos mestres. Sua Alteza veria correr à desfilada as éguas do Ribatejo montadas pelos nossos campinos, de barrete frígio, de calção curto, de colete encarnado. Vê-los-ia manejar o pampilho de seis metros de comprimento tão facilmente como Sua Alteza empunha o mais leve e o mais pequeno *stick*; vê-los-ia a todo o galope dos cavalos apear e montar de um salto, na carreira, com a ligeireza de beduínos; vê-los-ia picar o touro, cercá-lo, torcer-lhe as voltas, evitar-lhe o golpe por todos os rodeios mais subtis da gineta, vencê-lo finalmente com a maior perícia, subjugá-lo, prendê-lo, reconduzi-lo à manada.

Assistindo a uma festa dessa natureza, vendo durante cinco ou seis horas, diante dos seus olhos, o quadro mais acentuado da forte vida popular, dos costumes nacionais, da actividade portuguesa, da paisagem desta parte do país, Sua Alteza guardaria deste povo uma lembrança simpática, os lineamentos de um perfil expressivamente característico, de que não poderia dar-lhe ideia nem o baile do paço com o seu redemoinho de *parvenus*, de burocratas, de papelísticos; nem a força militar do nosso exército comparável ao do principado de Mónaco; nem o préstito de carruagens de aluguer que foi ao caminho-de-ferro; nem a iluminação inglesa do Cais do Sodré; nem o espectáculo de gala no Teatro de S. Carlos, com a sua exposição das clavículas da sociedade, dos clarinetes dos irmãos Croner e das amígdalas do tenor Gazul.

Os teus fotografos mandariam para os teus jornais ilustrados *clichés* de mais algum efeito. Os teus repórteres encheriam as duzentas palavras dos telegramas de cada dia com algumas ideias e alguns factos úteis. Finalmente os vinte mil viajantes que vieram da província assistir à recepção do príncipe, em vez do desconsolado aspecto de uma pobre corte, de que não levarão saudades para as suas terras, teriam na festa rural a que nos referimos a afirmação de si mesmos, do seu préstimo, do seu valor, da sua fisionomia nacional.

De sorte que, velho John, os comentários da tua imprensa aos festejos com que nós recebemos Sua Alteza não contribuirão certamente do modo mais eficaz para nos tornarem mais simpáticos aos teu olhos benignos.

Vejamos agora o que é que para nossa própria instrução a nossa imprensa no diz acerca do ilustre príncipe, objecto de todos os nossos pensamentos e de todas as nossas preocupações durante oito dias.

Sua Alteza o príncipe de Gales, tem trinta e quatro anos de idade. É louro, é forte, é calvo. Tais são os principais traços da sua biografia.

A vida de Sua Alteza não tem factos. Tem apenas anedotas.

Pelo seu nome, pela sua bela barba, pela correcta linha do seu perfil, ele é um bonito vulto para figurar nos relógios de mesa, mas não, por enquanto, nos capítulos da História.

O estudo da sua personalidade pertence aos domínios caseiros do romance, da pequena epopeia burguesa em que os Homeros de botequim contam para recreio dos ociosos como os respectivos Aquiles se levantam da cama, como enfiam as suas chinelas e a sua *robe de chambre*, como almoçam uma costeleta com duas batatas, como lêem a gazeta, como escovam a gola da sobrecassaca, como tomam um *cab* à hora, como encontram certa senhora, como se casam ou como não se casam com ela, como vão jantar ao restaurante com outra, como voltam para casa apoiando-se sobre a sua bengala, asobiando uma ária, doendo-lhe um calo, sentindo uma picada no ventre, e outras que tais particularidades extrema-

mente próprias para excitarem a sedenta imaginação dos assinantes dos gabinetes de leitura, mas insuficientes para preencherem os fastos nacionais de um povo.

A imprensa portuguesa tem desenvolvido uma actividade heróica em dilatar pela retórica todos os pequenos gestos da vida particular do príncipe.

Este simples assunto — ter ido Sua Alteza à Índia — forneceu assunto a muitas jardas de prosa. Oh! Bombaim! Ceilão! Calcutá! Madrasta! Agra! Benares! Os rajás com os seus turbantes, as suas longas barbas aneladas, as suas preciosas jóias! O templos de Elefanta! As estranhas vegetações dos coqueiros! Os aromas e o ouro em pó! A arquitectura fantasiosa das mesquitas! As frentes pensativas dos teólogos imóveis olhando no espaço para o ponto em que fica Meca! Debaixo das enormes palmeiras monumentais, as filas dos elefantes, com os seus pavilhões de púrpura e ouro semelhantes às florescências dos cactos! Os bazares em que os velhos mercadores encruzados no chão cosem as suas babuchas! As raparigas que voltam da fonte arqueando para cima da cabeça a mão com que seguram a ânfora e voltando o rosto com o mesma expressão do olhar que devia ter a Samaritana! Os estandartes de gala! Os enormes leques de penas palpitando no esplendor da luz! As nuvens azuis do fumo perfumado! Os ídolos cobertos de brilhantes! Os palanquins dos nababos! As campinas do arroz! Os acampamentos paludosos dos boémios! A liteira da mulher nobre, levada por jovens escravos malaios, de olhos de tigre, reluzentes, febris, esbraseados de amor!

E de cada uma destas exclamações um jornalista perito arranca uma página.

Depois a imprensa lembra-se que ter ido à Índia não é tudo. Sua Alteza fez mais: Sua Alteza voltou. E novas exclamações admirativas ressurgem:..

Oh! A volta! O alegre movimento dos tombadilhos duas horas antes de levantar ferro! Os presentes que se recolhem! As despedidas que se fazem, os protestos que se juram, ao balanço do navio, ao som da hélice que principia a jogar! As águas azuis do Mediterrâneo em cuja limpidez se desenham como pequenas manchas movediças as sombras das aves que emigram cortando o silencioso espaço! As luzes misteriosas de Malta, que se acendem ao longe, sob a lua recurva como

um alfange de opala! O desembarque em Gibraltar, defronte da velha Ceuta, por entre pilhas de balas e festões de flores! O rápido percurso da Andaluzia: Cádis, Sevilha, Córdoba, Granada! As arquiteturas mouriscas, as casas árabes, com o claustro interior, o pátio ajardinado, o poço de mármore ao meio com o balde suspenso da roldana! Os toldos de listras azuis e encarnadas! As jalecas murilanas dos gitanos! Os amplos chapéus jesuíticos e os ventres convexos de *los canonicos!* O velho almocreve pulverulento, cor de greda, de lenço atado na cabeça, calção justo, polainas de couro cru, bebendo o copo de Val de Peñas à porta da mesma pousada vetusta em que foi manteado Sancho Pança! As mulinhas ajaezadas de esparto, guarnições de pêlo de raposa e borlas escarlates! As torres vermelhas de Alhambra! O granito sombrio do Escorial, da forma da grelha simbólica, o Versalhes sinistro de Filipe II, o monumento da aliança terrível do catolicismo e da monarquia espanhola! Madrid com as suas noites cheias de ruído e de luz como um baile de máscaras; as suas tardes no Prado; os novos uniformes e as novas carruagens aparatosas de uma corte que recomeça! A entrada em Portugal por Badajoz! Os primeiros aspectos da nossa paisagem vulcânica, de terra avermelhada, salpicada de pequenos casais, de rebanhos de ovelhas e de alguns velhos sobreiros de contorções angulosas e duras como carrancas! A chegada à estação de Santa Apolónia, ao som do hino inglês, entre as bandeiras azuis e brancas e as fardas de gala do funcionalismo, do ministério e da corte!

Tudo isto, porém, John, tudo isto, largamente desenvolvido e narrado, daria um livro de viagem, daria um dicionário histórico, daria um compêndio de geografia, mas não podia dar o que nós quereríamos ter: — a revelação de um carácter, a história de um homem, a fisionomia de uma personagem.

A imprensa, no seu empenho de nos fazer conhecer profundamente os dotes e as qualidades de Sua Alteza, descreveu minuciosamente o vapor *Serapis*, o navio-transporte de Sua Alteza, com o seu leito suspenso como um candeeiro de bordo, a sua mobília de carvalho, as suas almofadas de marroquim alvadio com monograma de ouro; a sua baixela; os diferentes animais da sua *ménagerie*: os cavalos árabes, o

tigre de Bengala, o gato bravo, os elefantes, o cão e as vacas do Himalaia, os macacos, o leopardo e os diferentes exemplares do homem. Descreveu ainda os vasos de guerra da esquadra inglesa ancorada no Tejo para escoltar o navio do príncipe; enumerou as bocas de fogo, os marujos, os soldados; computou as enormes despesas da viagem à Índia.

Consultaram-se antigas biografias de Sua Alteza. Recordou-se a primeira viagem da sua infância aos lagos da Escócia, em companhia de sua mãe a rainha Vitória e de seu pai o príncipe Alberto, que passava nas estalagens, nas estações da mala-posta, perante todas as pesquisas da curiosidade, pelo doutor Grey, um simples médico, viajando modestamente com Mistress Grey e com seu filho o pequeno Eduardo.

Citou-se o casamento do príncipe com uma bela infanta da Dinamarca.

Falou-se com reticências, maliciosas ou discretas, das suas viagens na Europa, da sua estada em Paris, dos perfumados vestígios da sua passagem no *Bois*, nas *baignoites* dos pequenos teatros, nos gabinetes de Bignon e do Café Anglais; das suas prodigalidades de *viveur*; do seu estômago diamantino; do seu fígado inacessível à acção demolidora das grandes ceias e dos sucessivos banquetes; das suas dívidas por mais de uma vez saldadas pela coroa ou pela nação inglesa; dos assobios com que, em certo teatro de Londres, o príncipe foi uma noite recebido por um público enfasiado de manter o regime dispendioso deste invulnerável Mitridates do *boulevard*, de entranhas à prova de *foie-gras* e de Champanhe *Clicot*.

Para explicar o súbito reviramento da opinião inglesa em favor do príncipe herdeiro, dizem os jornais que se deu na história de Sua Alteza um facto culminante, destinado a marcar a grande época da sua vida: — Sua Alteza teve uma febre tifóide.

Ora francamente, John! bom e honrado John! Não é por ter estudado em pequeno um pouco de latim e um pouco de *box* na Universidade de Oxford, por ter aprendido a remar e a traduzir Xenofonte, por ter viajado, por conhecer a fundo a cozinha do Segundo Império, por ter encontrado na saída de Longchamp o *coupé* misterioso e o ramalhete de cinco luíses de Fanny Lear ou o *daumont* e o *kingcharles* de Schneider,

não é por comprar em casa de Hancock tão ricas jóias como as de Lady Dudley ou da ex-imperatriz Eugénia, por ter tantas sobrecasacas quantos os vestidos da rainha Elisabeth, a qual juntou três mil *toilettes* no seu guarda-roupa, ou por ter voltado da Índia em companhia de animais de uma convivência mais ou menos perigosa, havendo finalmente padecido um tifo, que um vivente nos poderá convencer, por modo terminante, de que presta para alguma coisa diante do reconhecimento e da estima dos seus semelhantes.

Sua Alteza adoptou para as suas armas a antiga divisa — *Eu sirvo* — de um outro príncipe de Gales, o célebre *Príncipe Negro*. Foi depois da batalha de Crecy que o filho de Eduardo III tomou esse mote do velho rei da Boémia. O Príncipe Negro tinha então quinze anos, acabava de se bater como um herói, o rei Eduardo tinha-lhe dito: «És digno desde hoje da coroa que tens de herdar.»

Dizer apenas *eu sirvo*, não é bastante, é preciso servir com efeito para alguma coisa.

Não queríamos que Sua Alteza fundasse sociedades de temperança ou que fosse um exclusivista das dietas vegetais, como o nosso comum amigo e meu colega Horácio Greeley. Sentiríamos que a boa palavra *flirtation* o fizesse corar ou baixar os olhos. Desejaríamos apenas que uma ou outra vez ele se tivesse mostrado, não um homem grande, mas um homem útil. Tu sabes, amigo John, como é fácil o ser útil.

Lembra-te do finado príncipe Alberto, ao qual se deve um dos factos memoráveis deste século — a primeira exposição de Londres. Era um bom homem apenas, tendo na sociedade o modesto papel de consorte da rainha, e desempenhando-o de tal modo que bastou o seu exemplo de perfeito marido de uma digna mulher, para reacreditar na Inglaterra a fé conjugal, para elevar o nível dos costumes e para fazer da família inglesa uma instituição sagrada, objecto do respeito e da consideração da Europa.

Nós outros, meridionais, compreendemos imperfeitamente a casta virtude da fidelidade. A capa de José é para nós um símbolo ridículo como o barrete de algodão branco dos maridos de Gavarni e de Paulo de Kock. Os da tua raça, honrado John, têm nas suas tradições do amor a trágica legenda de Sigurd e Brynhild. Brynhild, a virgem invencível, apaixonou-se, como a mulher de Putifar, por Sigurd, que tinha degola-

do Regin, que tinha arrancado e mordido o coração de Fafnir para a libertar a ela, para a entregar a Gunnar, segundo a fé jurada. Por três noites, no campo, adormeceram juntos, ela, a mulher amante e febril, ele, o amigo dedicado e fiel; mas entre um e outro ficava atravessada a longa espada do inflexível guerreiro, desembainhada, fria, retinta em sangue. Não podendo viver com ele, Brynhild quer morrer ao seu lado, e acabam na mesma fogueira, enlaçados na mesma chama, com a espada no meio deles, separados na morte como o tinham sido na vida.

Que desastre, John, se tu viesses um dia a desdenhar a virtude no amor, essa purpurina flor ideal, nascida às bafordas do fogo, sob um orvalho de sangue, no coração palpitante da tua nobre raça!

Fora da estreita vida doméstica, fora da direcção pessoal dada ao sentimento, são inúmeros os modos de fazer bem, qualquer que seja o nosso sentimento, a nossa posição social e a nossa força de espírito. No teu grande e belo país, John, quantos homens dedicados à humanidade! Newton, Shakespeare, Bacon, Adam Smith, Macaulay, Buckle, Thackeray, Carlos Dickens, Lady Morgan, Carlyle, Stuart Mill. E todavia, apesar dos esforços dos teus sábios economistas, dos teus reformadores, dos teus imortais filósofos, dos teus incomparáveis romancistas, dos teus inexcedíveis poetas, quanta desgraça ainda, quanta perversão, quanta injustiça, quanta miséria: no teu exército, onde há seis mil deserções por ano; na tua marinha, onde homens livres recebem ainda os castigos humilhantes dos antigos escravos; nas tuas tijolarias e nas tuas minas, onde definham sob um trabalho horrível quarenta mil crianças; nos teus *workhouses* onde tantas vidas se destroem; nas tuas tabernas, onde a venda do *gin* e dos licores espirituosos subiu, em dez anos, de novo a catorze milhões de libras; no teu Strand, finalmente, em Blackwall-railway, nos medonhos bairros vergonhosos de Londres e de Liverpool!

Não mais remotamente que na semana passada os teus profundos estadistas, os teus *wighs* e *tories* desbaratavam o seu tempo e as suas faculdades a decidirem este questão burlesca: com que iniciais e com que espécie de coroa devia de ser marcada a baixela, a roupa branca e o papel de cartas de Sua Majestade o chefe do Estado!

Há apenas quinze dias que o serviço do caminho-de-ferro em toda a extensão de uma das mais importantes linhas era subitamente interrompido, fechavam-se todas as gares, proibia-se a aproximação do público, para que Sua Majestade o chefe do Estado viajasse invisível, à moda chinesa, obrigando-se os teus *policeman* ao officio da cavalaria tártara no Império do Meio!

Desde muito tempo que os teus arsenais nos estão dando este espectáculo funambulesco: inventar a couraça que resista à bala, para em seguida inventar a bala que fure a couraça, para voltar a reformar a couraça, para tornar a aperfeiçoar a bala; e assim sucessivamente, interminavelmente até o infinito.

Os teus poderosos navios, os teus grandes couraçados, os teus imensos monitores, as tuas baterias flutuantes, em cujo interior não há luz nem ar, onde as escadas torcidas e os corredores emaranhados têm as evoluções complicadas de um sistema intestinal, acompanhado de um pulmão de aço sempre em movimento para que lá dentro se não morra por asfixia, todas essas pesadas massas de ferro peçadas de pólvora e de dinamite, imensos aparelhos de guerra e de destruição, lembram os antigos monstros antediluvianos, os primeiros e os mais medonhos inimigos do homem, ressurgidos do fundo dos sepulcros carboníferos para devorarem pelas suas goelas de fogo uma parte enorme do nosso amargurado pão, amigo John, do nosso pão moído na lenta mó da civilização, amassado nas lágrimas de longos séculos de tenacidade, de dedicação e de sacrifício.

Os monstros pré-históricos venceu-os o homem passado, inventando a arma e descobrindo o fogo. Os monstros modernos, filhos das superstições pavorosas que ainda escravizam os espíritos, há-de subjugar-los o homem futuro criando o supremo poder espiritual e firmando para todo o sempre a paz no simples bom senso humano.

Quanto temos ainda que trabalhar! quanto nos resta ainda que fazer para chegarmos a uma civilização definitiva! Nesta penosa ascensão para o aperfeiçoamento temos todos a tremenda solidariedade da corda com que se prendem pela cinta os que trepam pelos despenhadeiros, pelas escarpas, por cima dos abismos, debaixo das avalanches, desde o vale de Chamonix até o alto do Monte Branco.

Nem um só acto, nem um só facto, nem uma só ideia se perde nesta cruzada de todos os povos civilizados para a terra prometida, para a cidade ideal. Tudo quanto hoje somos devemos-lo ao trabalho daqueles que nos precederam. Caminhamos sobre os vestígios de nossos pais; é pelas nossas pegadas que se hão-de dirigir os passos de nossos filhos. Todo aquele que pára, que se recusa a deixar indicado àquele que o segue o sinal que põem na estrada os pregos de seus sapatos é um perturbador do progresso, é um traidor. Representa um degrau em falso na nova escada de Jacob.

Tu, querido e respeitável John, tens um dos lugares mais eminentes na categoria da civilização, porque na tua ilha rigorosa, áspera, implacável, as condições do clima, do solo, da hereditariedade, do conflito vital, te forçam a um trabalho constante, forte, permanente, continuado, sem descanso, sem tréguas. A tua corpulência, o teu organismo, o teu temperamento predestinam-te para o serviço dos Hércules. Tens as largas espáduas dos atletas e dos gorilas, o pescoço bovino, o peito amplo como convém ao estojo do mais desenvolvido aparelho respiratório, os pés largos, as mãos sólidas, as fortes mandíbulas e os largos dentes cintilantes e firmes dos carnívoros possantes. Comes duas vezes mais e produzes quatro vezes mais trabalho do que o habitante das regiões serenas e temperadas. Não tens tempo para ser imaginativo, gracioso, amável. Os teus movimentos, o teu gesto, o teu passo, têm a monotonia cadenciada e rija de uma máquina. A tua fisionomia dura exprime a força, a resolução tomada, o fito feito. Representas, finalmente, o trabalho na sua mais perfeita e mais genuína expressão humana.

Calcula a falsa ideia que nos daria de ti e da tua pátria Sua Alteza o príncipe de Gales! Faço-te queixa dele, John, porque Sua Alteza desmente-te na opinião portuguesa e na opinião do mundo.

Ele, um simples bom rapaz, um *touriste* de profissão, um *dilettante* encartado, um *dandy* inamovível, o mais amável e galante ocioso, a apresentar-nos as tuas cartas credenciais, as cartas do operário infatigável, do trabalhador por excelência, do grande John Bull!

É certo que os príncipes, pelas condições do seu nascimento, da sua educação, separados do género humano por

um conjunto de circunstâncias que os colocam em divergência ou em hostilidade com o resto dos homens, tendo a sua razão de ser estreitamente ligada a uma longa série de velhas instituições decrépitas, que são como a prolongação social do seu próprio organismo, nas quais eles não podem tocar sem comprometer os fundamentos da própria existência, são essencialmente órgãos receptivos, subalternos, de uma acção extremamente limitada. Sua Alteza, porém, exagera a sua passividade. Na idade de Sua Alteza, seu pai havia já organizado perto de Windsor a sua granja-modelo, e sua mãe a rainha, estimável e perfeita *housewife*, havia descoberto o remédio para a moléstia epidémica de que morriam em Londres os pequenos perus.

As nossas obras, John, são a única afirmação exterior da nossa vida, são a encarnação da nossa alma, a expressão do nosso ser. Não ter obra é o não-ser.

Assim Sua Alteza o príncipe de Gales, no meio do ruído das festas oficiais que o acolheram, encontrou apenas no grande público um êxito de indiferença ou de curiosidade. Produziu a simples impressão das coisas desconhecidas.

Ninguém melhor do que tu, John, sabe qual é a expressão calorosa da estima popular em presença de uma personagem ilustre. Viste o acolhimento feito a Garibaldi pelo povo de Londres. Viste-lo arrancado da carruagem pela solicitude carinhosa, maternal, da grande multidão. Viste-lo levado em triunfo sobre os ombros, como um trofeu da bravura, como o ídolo vitorioso da liberdade, no meio da explosão entusiástica, tremenda, extraordinária, inaudita, dos vivas, dos bravos, dos hurras de um povo inteiro. Sabes o que é a estima.

O ano passado um viajante chegado a Londres pelo caminho-de-ferro, saía da estação acompanhado pelo cortejo de quatro homens conduzindo dois baús. Este viajante dirigiu-se a um hotel, deu o seu nome, tomou um quarto, levaram-lhe para o lavatório um jarro de água quente e duas toalhas, fizeram-lhe a cama, engraxaram-lhe as botas; ele escovou-se e saiu a passear, comprou um chapéu alto em Picadilly, foi numa vitória a Hyde Park, percorreu várias ruas, olhou para um lado, olhou para outro, viu cair uma chuva especial, a chuva londrina, escura, espessa, combinada de carvão e de sebo, chapinhando sobre uma lama triste; viu os *ómnibus* e os *cabs* passando em fila, ao pequeno trote, pelo meio da multi-

dão a pé que se cruzava, apressada, ligeira, preocupada nos seus negócios, levando as calças arregaçadas e os guarda-chuvas gotejantes. Depois do que, o dito viajante se dirigiu outra vez à estação do caminho-de-ferro, seguido dos seus quatro homens e dos dois baús, e se retirou. O sujeito de quem te falo era Sua Alteza o sereníssimo infante senhor D. Augusto, da casa reinante de Portugal, único irmão de Sua Majestade fidelíssima el-rei meu senhor, que Deus guarde. Tu viste-lo chegar a Londres, viste-lo estar, viste-lo partir, e consultando-te bem nesse momento, tu que tinhas mostrado a Garibaldi o que era a estima, ficaste sabendo pelo que então se passava no interior de ti mesmo o que era a indiferença.

Se a alguma coisa no mundo se pode comparar em intensidade o entusiasmo que a presença do príncipe infundiu em nós outros, essa coisa é o interesse que nós outros suscitamos no príncipe.

Sua Alteza não visitou nem um só dos nossos edifícios, dos nossos monumentos, das nossas oficinas; não procurou conversar com nenhum dos nossos homens notáveis na ciência, nas artes, na indústria. Viu a iluminação nas margens do Tejo; assistiu a um baile da corte; jantou com Sua Majestade na Ajuda; almoçou na Pena com o senhor D. Fernando; esteve na esplanada da tribuna do Jockey Club, no hipódromo de Belém, fumou aí um charuto, conversou com a senhora duquesa de Sexto, que tinha uma *toilette* deliciosa, com *mademoiselle* de Morny, com a *señorita* Castro, com Sua Majestade a rainha — uma russa, uma francesa, uma espanhola, uma italiana, e duas ou três inglesas, do corpo diplomático ou dos iates de recreio surtos no Tejo.

Para o jantar dado a bordo do seu navio, Sua Alteza, além das pessoas da corte, convidou apenas um negociante, o Sr. Francisco Chamiço, mas — circunstância verdadeiramente curiosa — não o convidou a título de membro do corpo comercial, convidou-o sob o pretexto de director dos festejos!

Um outro viajante, Mr. Robert Hart, a quem se deve a actual interferência dos governos europeus na política de Pequim, compreendeu esta lei suprema das relações internacionais de todos os povos: — Que entre as influências contrárias

das diversas políticas e dos diversos governos, existe um único interesse comum, base de toda a verdadeira aliança — o interesse comercial. E foi actuando poderosamente sobre o espírito mercantil do Celeste Império, que Robert Hart aluiu a secular muralha e pôde trazer a China a comunicar com as nações modernas.

Neste ponto Sua Alteza acha-se dois séculos atrás do Robert Hart; Sua Alteza tem ainda a convicção fantástica de que é pela vontade dos reis que se fixam as acções dos povos. Como se eu e tu, John, nós ambos, que somos a força popular e a iniciativa burguesa, tivéssemos de medir a área das nossas mútuas transacções e o quilate das nossas simpatias e dos nossos respectivos interesses, pelo número de copos de champagne que as testas coroadas despejam umas sobre as outras, por ocasião dos seus banquetes, no momento explosivo dos *speechs*, ao *plum-pudding!*

E não obstante, verás tu que hão-de querer ainda que lhes fiquemos obrigados pelas suas *mayonnaises*, de que não sabemos o gosto, e pelas suas túberas, a que não tomamos o cheiro!

Amanhã ou depois, quando eu te der por um dos teus *plaid*s um dos meus gigos de laranjas, estes senhores não deixarão de afirmar nos seus parlamentos e nos seus periódicos que foi pelo facto providencial de suas excelências jantarem juntos em certo dia, que tu teceste neste ano mais duas jardas de pano nos teus teares de Lancashire e que eu meti mais enxerto no meu pomar de caroço!

Sua Alteza retirou-se finalmente levando apenas de Portugal as seguintes coisas:

Duas camisas, de que lhe fez presente um industrial, e um burro, que Sua Alteza comprou em Sintra.

Em quanto às camisas, nada posso dizer-te, John. Contra a natural expectativa do cidadão que o obsequiara, Sua Alteza recusou-se tenazmente a dar-lhe o prazer de aparecer em público trazendo de fora a mais pequena ponta da dádiva. No baile do paço falou-se com viva curiosidade neste delicado presente, o qual, segundo correu de boca em boca na primeira quadrilha, era trazido sobre si por Sua Alteza. A corte, porém, o ministério e a comissão dos festejos resolveram de comum acordo não manifestar ao príncipe os sentimentos da sociedade, deixando à espontaneidade de Sua Al-

teza a lembrança de modificar a sua *toilette* no sentido de patentear completamente a um país aliado e amigo o uso legítimo que Sua Alteza fazia dos presentes com que esse país o brindava.

Alguém propôs que, como sugestão, principiassem a corte e os demais convidados a darem o exemplo do acto que se esperava da amabilidade do príncipe. Mas recebeu-se que esta manifestação influísse de um modo secundariamente profícuo em o prestígio indispensável às monarquias.

Pelo que diz respeito ao burro, aí o verás, John. Não é o primeiro que daqui vai a Londres. Outros o têm precedido sob diversos pretextos e com mais ou menos subsídios. Este, porém, vai à sua custa, à custa dos seus merecimentos. É um bom burro, honesto, digno, independente. Vivia em Sintra debaixo de um trabalho duro, de burro mouro. Muitas vezes amanhecia e anoitecia na praça, cilhado e albardado para a luta da concorrência vital. Tomava corajosamente o viajante à porta da Lawrence ou no pátio de Vítor, levava-o no seu meio trote aos mais pitorescos sítios da serra. Não tem — ele — a superstição tão vulgar das falsas grandezas. É-lhe indiferente que lhe pese sobre o dorso um príncipe de sangue ou um caixeiro de mercearia. Chega mesmo a preferir o caixeiro, se ele é mais leve. Gosta de manifestar por actos a sua austera teoria da igualdade dos homens perante o couce e perante a cambalhota. Tem as três grandes qualidades da resistência: é teimoso, é paciente e é sóbrio. Por isso, quando tem uma opinião, sustenta-a. Batem-lhe: sofre as pancadas inflexível e calado. Cortam-lhe os víveres: passa um dia sem comer, e, mesmo com freio na boca, banqueteia-se num minuto de evasiva com um refugio de palha bolorenta ou com um velho cardo.

Profundamente senhor da sua vontade, sabendo levá-la por diante, sem bravatas, sem fingimentos de heroísmo, simplesmente, obscurante, à força de independência, de convicção e de tenacidade, esse burro — repara bem nele, John! — é o amigo íntimo e o fiel companheiro do povo peninsular, de Sancho, o pachorrento, de Bertoldinho, o astuto.

No meio da corte inglesa, ocioso, triste, expatriado, estou bem certo de que há-de filosofar largamente.

— Que diabo me quer esta gente? pensará ele. Estes fidalgos e estas fidalgas não querem ir em burricada à Peninha

nem à Várzea! Eles não têm odres de farinha que eu vá buscar ao moinho, nem ceirões de roupa lavada, nem cangalhas de repolhos, nem canastras de patos que eu vá levar à cidade! Eles aqui não trabalham, não negociam, não ganham a vida! Divertem-se e querem talvez que eu os divirta! São capazes de imaginar que me fazem entrar nas corridas de Epsom! que me levam a galopar na relva! a saltar as paliçadas que dividem os prados, montado por uma engraçada *miss*, pequenina e intrépida, de caracóis louros e véu azul! que me forcem a *estepar*, a fazer medidas, a ajoelhar, a bater às portas! Estão arrançados comigo. Que venham para cá!

E ele então olhará de soslaio, derrubará as orelhas para trás, alongará o focinho, arregaçará o beijo, e firmar-se-á bem nas duas mãos, estacadas e juntas... Na qual atitude, John, não aconselho ninguém que lhe toque, nem Sua Majestade a rainha, cuja pessoa é inviolável e sagrada, nem Sua Alteza o príncipe, nem o grande almirante da esquadra do Canal, nem o lorde-maior da cidade de Londres! Esse terrível filósofo não reconhece nenhum dos mais augustos símbolos da superioridade e da força, nem as cores do glorioso pavilhão britânico, nem a nova coroa imperial de Sua Majestade a rainha, nem a mui nobre Ordem do Banho, nem a da Jarreteira. As únicas distâncias de etiqueta que ele sabe medir — com temível certeza — são as que medeiam entre as suas patas traseiras e as bocas dos estômagos ilustres que se lhe aproximem.

Além da perna ligeira e o do dente rijo, dispõe de uma outra arma: a orelha. A orelha dele não morde, não atira, mas tem movimentos poderosamente expressivos, sarcásticos, mefistofélicos, que constituem uma maneira especial de escarnecer e de rir. É na orelha que ele tem localizada a ironia, o profundo argumento dos povos espirituosos, a eterna lição dos reis patuscos.

Se vires aí esse burro, dá-lhe saudades minhas, vivas saudades do tempo em que o conheci em Sintra, menos célebre, menos ilustre, mas mais alegre decerto, e mais feliz.

Os vinte mil viajantes que vieram da província assistir aos festejos recolheram igualmente a suas casas, levando o saco melancólico da roupa suja e a firme opinião de que nunca foi maior a prosperidade e a riqueza pública.

Que nos falta? diziam eles exactamente no dia em que se

lhes haviam acabado as camisas, em que não tinham tido quarto nas estalagens, em que não puderam achar de comer nos restaurantes. — Que nos falta?!

E apesar de parecer, à primeira vista, que lhes faltava tudo, eles acrescentavam com grande júbilo patriótico:

— Não nos falta nada! As inscrições, que são o grande termómetro, estão a cinquenta e seis. As coisas todas são caríssimas, que é o sinal evidente de que o numerário abunda. E, visto que ninguém pode comprar nada — que grande fortuna para o comércio! — é porque muito bem se vende tudo. As lojas estão cheias de frescas *toilettes* de primavera cor de trigo e cor de malva. As ruas do Ouro e do Arsenal, o Chiado, o Rossio, o Cais do Sodré acham-se cobertos de uma bela multidão com lustrosos chapéus altos, de luvas, com as graves sobrecasacas abotoadas, de quem não tem que fazer. A Universidade de Coimbra, licenciou os seus futuros doutores... *in absentia*. Os operários abandonaram as suas oficinas. Os empregados públicos desertaram das suas repartições. Os negociantes fecharam os seus escritórios. Evidentemente ninguém trabalha. De quando em quando as carruagens dos srs. ministros perpassam seguidas dos srs. correios de secretaria, que trotam com a solicitude compatível com o cansaço dos corcéis. Precedidas de batedores em grande gala, seguidas de cavalaria, aparecem também, descobertas, as carruagens do paço. A rainha sorri benevolmente, envolta nas suas *malines*; Sua Majestade el-rei faz ao seu deslumbrante povo a distinta amabilidade de olhar para ele como se olha para o Sol: através de dois vidros pretos. Nos lugares fronteiros do caleche os dois penhores dinásticos, vestidos à militar, ostentam ao peito as diferentes condecorações ganhas nas fortes lutas com o grande inimigo da infância estudiosa — o mui poderoso verbo *sum es fui*. Temos pois a monarquia, base da grande concórdia; temos um ministério, que é o pai e a mãe do regabofe; temos uma artilharia que obrigou o estrangeiro, ao vê-la desfilar defronte do Teatro de D. Maria, a assoar-se de comoção; temos a paz, temos o luxo, temos a bela madracice! Finalmente — conclui o provinciano encantado — tão prósperos estamos que, ou seja por isso, ou seja pela mudança dos comeres, a mim até já me doem as cruces!

Antes porém de cada um ter tempo de chegar a sua casa e

de refrigerar o espírito aturdido e o corpo fatigado por meio de repouso doméstico e da alfavaca de cobra, a crise comercial estalava como um trovão sobre as praças do Porto e de Lisboa comprometidas pelo jogo de fundos — sabes em quanto, John? — em vinte mil contos.

Esta dissipação produziu uma economia, cuja importância se deve abater aos vinte mil contos — a economia de alfavaca de cobra. A simples notícia do desastre financeiro, dando-nos o verdadeiro critério porque tem de se julgar a nossa prosperidade e a nossa riqueza pública, deve ter bastado — penso eu — para refrigerar suficientemente a província.

Tal é, amigo John, a resumida história da visita de Sua Alteza o príncipe de Gales a este pequeno país em que a laranja floresce e em que o Sr. Manuel da Assunção gorjeia!

Nas descrições das festas publicadas nos jornais de Lisboa há um erro importante, que não terminarei sem rectificar.

Por ocasião da solene entrada de Sua Alteza, o real cortejo foi subitamente detido a meio caminho do paço por um acontecimento imprevisto nos programas. Um dos cavalos das carruagens da casa real parou de repente e recusou-se a prosseguir. Cocheiro, sota, trintanários, batedores, polícias, soldados da cavalaria municipal, burgueses e suas famílias que faziam alas, pessoas de uniformes de gala que vinham no préstito, a corte, Sua Majestade, tudo estava indignado com o procedimento, tão insólito quão repreensível, desse cavalo. Empregaram-se todos os meios violentos, persuasivos, ardilosos para o resolver a caminhar, a não desmanchar a pompa, a não interromper a marcha triunfal, a deixar ir e a ajudar a levar o príncipe para palácio. Deram-lhe chicotadas, bengaladas, pranchadas com os sabres e com os espadins, picaram-no com as baionetas, com os ferrões dos chapéus-de-sol, com as ponteiras das sombrinhas. Disseram-lhe palavras, fizeram-lhe discursos. Ele era um belo e brioso animal, de fina raça, amplo peito, rijos músculos; o caminho era plano, o trem era leve; ele não tinha um pêlo suado. Havia mais três bons cavalos à ponta da lança e a sotas: não se lhe pedia que puxasse, pedia-se-lhe apenas que se deixasse ir, por complacência, por obséquio, por formalidade. Ele a tudo

resistia, às pancadas, aos golpes, às admoestações, aos conselhos. E respondia relinchando, escouceando, mordendo, empinando-se, despedaçando os arneses. Citaram-lhe a legislação vigente, a Carta e o acto adicional, o código, a polícia correccional. Recitaram-lhe trechos patrióticos dos últimos discursos do Sr. Tomás Ribeiro, para o animar. Procuraram amedrontá-lo, fazê-lo fugir, lendo-lhe um artigo da *Nação*; oferecendo-lhe o hábito de Santiago; mostrando-lhe a última *toilette* feita pela Sr.^a Cecília Fernandes; vendendo-lhe fundos espanhóis. Tentaram reconciliá-lo com a monarquia, cuja fava o mantinha, e com o sistema constitucional, de que ele fazia parte, puxando ao carro do Estado. Inspiraram-lhe horror à mudança de governo e à forma republicana. Disseram-lhe que era sob o regime monárquico que ele poderia ser cônsul, como o cavalo de Calígula. Ao passo que a república não sabe honrar os formosos cavalos de estado, e prefere-lhes a pesada e espessa raça *percheronne*, a que trabalha para o povo atrelada aos ómnibus e aos arados, nos tramuéis e nas terras de sementeira. Mostraram-lhe como eram solidários os cetros e os arreios de luxo; como, caindo a coroa aos reis, lhe caíria a ele o penacho que tinha na cabeça. Lembraram-lhe que era um funcionário público, com um talher à mesa do orçamento, que não quisesse incorrer na censura de traidor de que têm sido objecto o Sr. Latino Coelho e o Sr. Marreca! Ponderaram-lhe que desde o momento em que as instituições lhe serrotam a palha, a obrigação dele, como cavalo, é achar as instituições óptimas. Se a marcha dos negócios públicos lhe desagrade, o seu dever de cavalo de bem, como ainda há pouco escreveu no *Jornal da Noite* o Sr. Ponce Leão, é deitar-se aos pés do manarca e restituir-lhe a palha que assimilou. Ele porém a nada se movia.

Para que o préstito pudesse afinal prosseguir, foi preciso desatrelar o cavalo e continuar sem ele.

Para coonestar este escândalo, disseram todos os jornais, no dia seguinte, que o cavalo rebelde endoidecera. É isto o que não me parece verídico. Eu vi o cavalo desengatado, passeando tranquilamente à rédea pelo Aterro: tinha a mais perfeita coordenação nos movimentos, e a expressão do seu olhar era inteiramente reflectida e sensata. Diga a Imprensa o que quiser para nos desculpar com o príncipe: a verdade é

que o cavalo, em pleno uso das suas faculdades, não puxou — porque não quis.

É o que eu queria dizer-te, John, por me parecer importante: — que entre os que levaram triunfantemente Sua Alteza o príncipe, houve um que protestou.

Good by.

Sr. redactor do *Diário Ilustrado*: — Aceitando com grande prazer o encargo de fornecer o artigo destinado a acompanhar no seu jornal o retrato de Eça de Queirós, não posso deixar de lhe pedir licença para incluir no textos das *Farpas* essas linhas consagradas por mim, como o tributo mais caro do meu coração, ao mais íntimo dos meus amigos, e ao mais dedicado dos meus companheiros. Esta página pertence de direito aos espíritos benévolos afeiçoados a estes livrinhos, em que eu e ele trabalhamos juntos por muito tempo. Para os leitores do *Diário Ilustrado* o nome de Eça de Queirós representará apenas uma celebridade simpática; para os meus esse nome é a saudosa recordação de uma conhecida pena encantadora e insubstituível.

Eça de Queirós é um dos artistas em cuja obra mais claramente se patenteia a influência do seu meio. Taine adorá-lo-ia como a demonstração viva da primeira lei da crítica moderna. Narrar a história das suas relações, das suas convivências, das suas amizades, equivale a assinalar perfeitamente a índole artística e o carácter literário do seu talento.

Eça de Queirós nasceu para a literatura no Cenáculo de Antero de Quental.

Os leitores portuguezes terão dificuldade em compreender o que foi o Cenáculo — tão extraordinário, tão maravilhoso, tão fenomenal, tão inexplicável era esse poderoso centro de espírito e de estudo, de fantasia e de ideias no meio da sociedade lisbonense, a mais incaracterística e a mais banal do mundo.

O Cenáculo era uma pequena reunião de rapazes em sessão permanente em casa de Antero. Uns passavam lá o dia.

Outros iam lá ficar de noite. Todos ali tinham os melhores de seus livros, as suas notas, as suas provisões de princípios e de tabaco. Cada um desses homens possuía, pelo menos, uma das ciências capitais que constituem as bases dos conhecimentos humanos: a física e a química, as matemáticas, a fisiologia, o direito, a história, a linguística. Antero de Quental, cabeça verdadeiramente enciclopédica, um dos mais sólidos e profundos entendimentos que tem produzido este século, era como a lógica viva daquele foco intelectual. Era ao passarem por ele, principalmente, que os fenómenos e os factos encontravam a lei da sua conexão, que os grupamentos se discriminavam, que das diversas correlações se deduziam princípios gerais, que, finalmente, o sistema aparecia.

O que é porém inconcebível é a quantidade de *verve*, de argúcia, de ironia, de bom humor que inundava esta academia obscura e terrível!

Nunca em Portugal se dispendeu tanto espírito, tanta fantasia, tanto poder de improvisação, tanta força humorística, tanta veia cómica.

As sessões celebravam-se pondo cada um os pés em cima da mesa, à altura dos olhos, como na América. Tinha-se ao lado uma chávena de chá, o cigarro nos beiços, e era permitido a cada um desabotoar igualmente os seus paradoxos e o seu colete.

Era uma espécie de *Boémia*, se quiserem empregar ainda uma vez essa expressão antiquada. O Cenáculo participava efectivamente um pouco do carácter geral de todas as boémias, mas tinha em si caracteres especiais que o diferenciavam de cada uma daquelas que nós conhecemos. Tinha o grave e austero princípio moderno do trabalho, que faltava na boémia de Henrique Murger. Tinha a alta cultura do espírito, a grande elevação do carácter, o finíssimo melindre no ponto de honra, a dignidade inviolável, que nem sempre distinguia a boémia de Gerardo de Nerval. Não tinha finalmente o rancor oculto, nem as ardentes ambições devoradoras que defecavam os tipos célebres e legendários da galeria de Balzac.

A simples crónica dos factos exprime melhor do que as definições a fisionomia do Cenáculo.

Um dia, entre os livros novos, apareceu um poema lírico escrito em língua portuguesa, e dedicado pelo autor a uma

jovem senhora, da qual o poeta dizia no princípio da obra ter recebido a inspiração dos seus versos.

O Cenáculo tomou conhecimento deste livro, deu-lhe a seguinte qualificação literária — atentado ao pudor — e resolveu que se cumprimentasse o autor, procurando-o em nome da crítica e quebrando-lhe uma bengala nas costas.

Ocorreu porém que o livro podia ser espúrio, e deliberou-se convidar o poeta a vir pessoalmente defender-se perante o Cenáculo do delito que corria impresso com o seu nome, certo de que se o não fizesse, o tribunal o julgaria à revelia e à bengalada.

O poeta compareceu. Foi-lhe mostrado nas pontas de uma tenaz o instrumento do crime, brochado, com uma capa azul.

O réu olhou para a sua obra e reconheceu-a. Inquirido, o desgraçado confessou tudo. Em sua defesa aduziu apenas que o poema era a obra do seu amor, que fora o amor que o levava ao crime.

Provou-se-lhe então que, antes de ter deixado tomar ao amor um desenvolvimento que dava aqueles resultados, ele lhe deveria ter feito o que geralmente se faz aos calos: cortá-lo. Se o réu não tinha um canivete, que o pedisse! Se o seu estado dispéptico lhe mandava à boca o amor transformado em trovas a uma senhora honesta, o lugar próprio para ele depositar essa expectoração mórbida não eram os prelos, eram as bacias. Se o réu não tinha em casa bacia, que a comprasse! Primeiro compram-se às grandes civilizações as bacias; depois é que se pede aos deuses o estro!

O Cenáculo, compreendendo pelos debates do processo que na torpeza de que se tratava havia prejuízo de terceiro, reconsiderou na resolução que primeiro lhe ocorrera, e condenou o criminoso a dar satisfação à moral ofendida e à senhora prejudicada casando-se com a pessoa em cujo nome lançara a ignomínia.

O vate objectou melancolicamente que a sua tímida humildade lhe não permitiria nunca dirigir-se, para obter a mão do objecto dos seus versos, àquela que lhe dera o ser.

— Onde mora essa desgraçada senhora? — disse-lhe Antero de Quental. — Eu pessoalmente a irei salvar!

E descalçando em seguida as suas chinelas, Antero calçou uns sapatos novos — a mais extraordinária obra de arte e de couro que até esse dia se fizera em Portugal, sapatos de uma

grandeza egípcia, de um tamanho faraónico, o único monumento do século XIX diante do qual o mesmo Batalha Reis tremia — de admiração.

Calçados os sapatos, pegou no chapéu e dirigiu-se a casa daquela que dera o ser à menina ultrajada; fez-se anunciar e receber; expôs o que se passara em sua casa para desafronta da moral, escarmento da poesia lírica e regeneração dos costumes, e concluiu pedindo submissamente para o poeta condenado a mão da menina ofendida.

A mãe respondeu:

— Perdão, sr. Quental... O que me pede é impossível: entre minha filha e esse idiota há um abismo!

Antero retirou então um dos pés, que dissimulara para baixo do *fauteuil* em que estava sentado, e alongou-o silenciosamente para a frente, pondo-o em plena evidência sobre o tapete.

A senhora baixou os olhos, descobriu o pé e teve um estremeamento de pasmo incomprimível e aterrado.

— Há um abismo, minha senhora? Pois bem: aqui está o meu pé para o encher.

E, erguendo-se, Antero cortejou respeitosamente, e despediu-se com esta sentença:

— Os abismos, minha senhora, enchem-se com os abismos!

De outra vez discutia-se sociologia. Tinha-se falado das fontes do direito, das origens da propriedade, do socialismo, da revolução. Tinha-se feito a análise de todos os programas, a crítica de todos os sistemas. Tinha-se arrancado ao assunto quanto ele podia dar: factos, ideias, ditos, gargalhadas, versos alexandrinos, caricaturas, entretuchos de dramas, planos de conferências, projectos de livros didácticos, de panfletos revolucionários e de libretos de ópera cómica. Por fim houve uma resolução prática: pedir ao Estado a ilha das Galinhas e ir para lá o Cenáculo ensaiar formas de governo.

O programa era principiar pelo regime despótico, com quatro ministros e uma força. A força havia de ir feita do continente, e seria experimentada no Reino, na véspera da partida, e na pessoa de um facínora, que também se teria de pedir ao Governo. Queirós, que havia de ser o ministro da

Polícia, achava pouco uma força, e não respondia pelo sossego público da ilha se o não deixassem levar igualmente uma grelha, em ponto grande, para frigir os filósofos, se lá os houvesse.

Além do que, iriam também todos os petrechos das velhas tiranias, sem os quais seria impossível estabelecer um domínio forte e perdurável. Não esqueceriam os grilhões do fanatismo para se lançarem aos povos; as gargalheiras; as algebras; a palha para o canto das masmorras; a escudela para levar o escasso comer aos condenados, e a «gota de água» para o bem conhecido suplício que se havia de aplicar, com grandes vantagens da religião, aos presos.

Como o pessoal do Cenáculo era pequeno foi indispensável a acumulação de algumas nomeações. Assim, por exemplo, Salomão Saragga seria o ministro dos cultos e ao mesmo tempo o carrasco. Batalha Reis havia de sujeitar-se a ser o ministro do fomento e ao mesmo tempo a fazer de povo sempre que as necessidades do fomento levassem o governo a consultar a vontade popular. A força armada, e bem assim o alto clero, havia de ser um sujeito que por esse tempo chegara de Coimbra e sobre cuja longa estatura o Cenáculo procedera a repetidas investigações sem nunca lhe ser possível descobrir qual destas duas coisas ele era — se o Eixo da Terra, se o Dedo do Infinito.

— Mas — perguntou-se —, e o tirano quem há-de ser?

Então Quental, que andava passeando na casa, de camisa de noite, dandinando, com as mãos nas algibeiras das suas pantalonas, parou defronte do candeeiro e disse.

— O tirano, bem vêem vocês, que não posso deixar de ser eu!

O Ministério, que estava já então todo organizado, e que se achava sentado à roda, em cadeiras, tremeu diante da responsabilidade terrível de lhe dar a coroa. Se ele, depois de se apanhar com as rédeas do governo, roesse a corda aos seus antigos companheiros! Ninguém por certo desconfiava dele no momento *a*; mas quem sabe o que ele seria no momento *b*? Quem poderia responder por aquilo em que se tornaria o tigre depois de coroadado, sagrado e ungido?! Não poderia a fera começar por devorar o seu próprio ministério? Não poderia muito bem Queirós ir malhar com os ossos acima da mesma grelha que ele tão patrioticamente destinara ao es-

pectáculo augusto da filosofia torrada? Não começaria o Eixo da Terra, na sua qualidade de força pública, a exercer as suas funções na ilha, obedecendo servilmente a um real gesto de príncipe e crescendo para Batalha com a alabarda das solenidades régias?!

Estas e outras considerações obrigaram o Cenáculo a não dispor nessa noite do trono da ilha das Galinhas. E eis aqui está por que motivo o País se viu privado de saber talvez a estas horas, por meio de sucessivas experiências feitas por pessoas idóneas, qual a definitiva forma de governo que mais conviria às necessidades públicas.

No Cenáculo havia um criado. Não sei em virtude de que imagem retórica se lhe chamava o Via Láctea.

Este homem tinha vindo das bandas de Setúbal. Era forte, espesso, atlético. Tinha-se-lhe dito: «Espera-te um trabalho duro, violento, mas glorioso.» E ele, com uma grande firmeza antiga, respondera: «Estou pronto.»

O trabalho que se lhe incumbia era este: examinar atenta e diligentemente tudo o que se passasse no Universo, e informar o Cenáculo.

Ora como se tinha explicado claramente ao Via Láctea que o Universo obedecia a uma evolução permanente, sendo portanto impossível deixar por um momento de se passar nele alguma coisa, era o Via Láctea obrigado a apresentar observações novas a cada pergunta que se lhe dirigisse.

Faziam-se-lhe dois inquéritos por dia, um pela manhã, outro à noite.

— Via Láctea! Sentaste-te, misterioso e sinistro, à beira do grande rio profundo da humanidade?

— Que foi que te disseram no seu confuso turbilhão as grandes correntes históricas?

— Surpreendeste por acaso o grande fenómeno genesético, ó Via Láctea?

— Seguiste o átomo até ele se converter na molécula?

— Respondeste com a tua vida e bens pelas novas teorias da organização do cosmos?

A cada uma destas perguntas Via Láctea cruzava no peito os seus fortes braços, fechava por um momento os olhos, concentrava-se e dava uma resposta.

Conquanto não tivesse nada mais que fazer senão isto, o Via Láctea ao cabo de alguns meses declarou que não podia com tanto serviço e despediu-se. Batalha deu-lhe uma gratificação pecuniária condigna do zelo com que ele tinha observado o Universo da janela da cozinha e disse-lhe:

— Adeus, Via Láctea! Bom amigo! Vai! Qualquer que seja o teu destino, um dia lá nos encontraremos juntos no Panteão da História!

Via Láctea estava despedido e estava pago. Em rigor não tinha já obrigação de responder coisa alguma. Ele porém fez um último esforço, tornou a fechar os olhos e retorquiu pela derradeira vez:

— Adeus, meus senhores, até lá!

Pouco depois da partida da Via Láctea, o Cenáculo todo dispersava.

Os belos dias alegres da mocidade, que marcam indelevelmente o destino e a vida do homem, terminavam para Antero de Quental e para os seus amigos. Destes uns casaram e voltaram à família, outros partiram. Batalha Reis entrou no professorado. Oliveira Martins foi para Espanha. Lobo de Moura seguiu a carreira administrativa. Salomão Saragga casou.

É assim que a mocidade acaba... De repente, num dia, numa hora, num minuto, como acaba um património imenso, de que se gasta afinal a última libra!

Eça de Queirós foi por esse tempo para o Egipto, e fez com o conde de Resende a viagem do Oriente.

O conde de Resende era nessa época o mais completo homem do seu mundo. Reunia no mais alto grau todas as condições que dão o brilho, a dominação, o prestígio. Tinha pouco mais de vinte anos. Pelo seu nascimento era conde, par do reino, almirante de Portugal. De si tinha um talento superior, a mais alta distinção de figura e de maneiras, uma instrução variadíssima, um grande ar frio e correcto, ligeiramente irónico. Nunca transpirava, nunca se fazia vermelho, nunca falava alto. Amava as aventuras arriscadas, as fascinações do perigo, e comprazia-se em aventurar indiferentemente a sua fortuna ou a sua vida em lances frequentes, obscuros — sem galeria —, para o seu mero recreio pessoal, com

um desdém altivo, imperturbável. O primeiro companheiro do mundo para acampar no deserto, para matar os chacais à queima-roupa, para enterrar as esporas num cavalo árabe lançado a toda a brida na planície infinita!

Foi na sua volta do Oriente que Queirós se encontrou comigo em Lisboa. Não tínhamos nada que fazer, nem um nem outro, e íamos uma noite passeando ao acaso, quando nos ocorreu darmos à cidade alguma coisa que ler para o outro dia. A nossa questão não era que nos mandassem as comendas de Santiago, nem que nos metessem na Academia. As nossas ambições eram mais modestas, posto que, debaixo de alguns pontos de vista, mais difíceis talvez de realizar. A nossa questão era simplesmente — que nos lessem. Seria complicado demais para o espaço de vinte e quatro horas irmos até o público, do qual estávamos tão longe pela nossa obscuridade. Era preciso que o público se desse um pouco o incómodo de vir, ele, um bocadinho, até nós. Tratava-se de achar um golpe, estranho, desusado, violento, que ferisse profundamente a atenção e a obrigasse a olhar para nós como Sire de La Châtaigneraie olhou para Sire de Jarnac. Então, em acto contínuo, um de nós — não me lembro qual — sentou-se a uma mesa e encheu um caderno de papel, que o *Diário de Notícias* principiou a publicar ao outro dia. Depois o que principiara passou a pena ao outro, e assim fomos escrevendo sempre, revezadamente, por espaço de dois meses, acompanhando a publicação, e fazendo na véspera o folhetim do outro dia.

Foi desse modo que nasceu *O Mistério da Estrada de Sintra*.

Creio que o público efectivamente o notou e o seguiu. O único merecimento do livro é talvez esse, e o de algumas páginas vivas, quentes de exuberância, de cor e de poder de estilo devidas a Queirós.

Para nós ambos esse trabalho tornou-se um laço estreito e simpático. Oh! o bom humor, o bom desleixo, a boa alegria com que nós o fizemos! O desplante, o arrojo, com que criávamos as nossas personagens misteriosas, embuçadas, com plumas nos chapéus, com longas capas alvadias, aventureiras, cor dos muros dos jardins! Os nossos trens a toda a brida com os estores fechados! os nossos naufrágios! os nossos envenenamentos! os nossos homicídios! as nossas caçadas ao tigre — Santo Deus — tão perigosas! as nossas lindas mulhe-

res louras, apaixonadas, que tão poeticamente se deixavam acabar e morrer sob as nossas duras penas de ferro!

Pobres boas raparigas... fomos feros e brutos demais com a vossa meiga ternura... Perdoai-nos, gentis fantasmas!

Boa Dolores! — Creio que se chamava Dolores uma delas. A outra parece-me que era Luísa. — Querida Luísa! Quereis agora que vos conte por que vos matámos a ambas? Pois bem: foi para salvar a moral: foi para nos não comprometermos com a crítica. Particularmente, um com o outro, tínhamos pena, e dizíamos: — Coitadinhas! tende paciência... Morreis agora sacrificadas à moral, mas havemos de escrever outro romance para vos reviver, outro romance, que se há-de publicar então em uma folha sem moral, em um periódico corrupto — com subsídio!

Às vezes sucedia no decurso da nossa narrativa que um de nós recebia do outro a sua gente num ponto mau, como as bolas de um bilhar pegadas à tabela. Lembro-me que uma noite, às duas horas, tive de dar o último golpe de pena em uma das nossas personagens, que ia desaparecer para sempre da tela nesse capítulo, e que Queirós me tinha deixado ficar numa sala... *com alguns pregos e um martelo na algibeira da sua casaca*. Era forçoso explicar de algum modo este romanesco pormenor, tão dramático, dos pregos e do martelo que o homem tinha consigo. Queirós estava fora de Lisboa, em Leiria, e nada me tinha confiado acerca do destino que se havia de dar àquela ferramenta. A minha imaginação bronca e tardia nada me sugeria senão este final trágico para o meu capítulo: *«Enfim, meus senhores e minhas senhoras, este gentleman, tão cheio de espírito, de toilette e de drama — era carpinteiro!»*

Finalmente a personagem lá saiu de tal ou qual maneira ilibada no folhetim imediato, mas o meu primeiro cabelo branco nasceu-me nessa noite.

Mais tarde interroguei Queirós. — «Para que tinha o homem os pregos e o martelo na algibeira da sua casaca?» Mas ele pediu-me que não procurasse arrancar-lhe esse segredo terrível, com o qual deseja descer à campa. Ninguém pois o saberá na terra!

Dissolvido o Cenáculo, Queirós aliou-se ao grupo do nosso amigo o engenheiro João Burnay, o qual vivia paredes meias comigo.

Burnay era uma personalidade acentuadíssima, profunda-

mente marcada. Tinha um ódio instintivo, intransigente, fígdal, a tudo quanto era transcendente e metafísico. O seu único inimigo pessoal era Hegel. Abominava a ênfase, a retórica, o convencionalismo e a *pose*, debaixo de qualquer aspecto com que ela lhe apparecesse. O seu padrão de análise era — o resultado prático. Aborrecia a música de Bellini, porque o fazia pálido. Os seus *maestros* favoritos eram Beethoven e Mozart, o primeiro porque obrigava a pensar, o segundo porque dava a alegria e a bondade. Achava o piano, com os seus fáceis efeitos harmónicos, um instrumento pretensioso, complicado, burguês. Preferia a simples melodia singela, fresca e matinal de uma trompa de caça. Nunca, referindo-se às qualidades de alguém, lhes chamava — o mérito. Chamava-lhes — os direitos à existência. Esses direitos consistiam para ele na maior ou menor porção de actividade que cada homem espalha em torno de si. Os que não produziam essa actividade, na esfera moral, tinha-os por indignos de viver. Não consentia a nenhum dos seus amigos o mínimo desacordo entre as suas opiniões e os seus actos. Ainda mesmo quando a opinião era um gracejo, o que tinha graça para ele, o que completava o gracejo era a coerência. Uma noite saímos juntos do Passeio Público; tínhamos pressa; um achou absurdo que tomássemos pela curva que faz a avenida defronte da porta. O lógico seria cortar a direito pelo tanque. Burnay aprovou isto, saltou à água e saiu pela mais curta distância entre dois pontos. Não se aborrecia nunca. Considerava o aborrecimento como um característico infalível de estupidez, e tinha da tristeza vaga, infundamentada, esta definição sublime: — uma combinação do amarelo com o cheiro da alfazema. Os seus escritores predilectos eram o americano Emmerson, o historiador Buckle e Proudhon. Não bebia nem fumava. Desenhava máquinas, pintava aguarelas e montava fábricas. Possuía uma grande massa de factos e de noções práticas, de dados técnicos. Conhecia todas as indústrias, todas as fabricações, todos os processos, todos os productos e todos os instrumentos industriais da actividade moderna.

Queirós respeitava-o como a um mestre. Burnay tinha-o adoptado. Aconselhava-o muito. Demonstrava-lhe que ele nunca seria um artista positivo sem uma sólida educação prática... — Por que enfim, dizia-lhe ele, o que és tu hoje na

política? O Massini das salas! O que és tu nas letras? O *Antony* do realismo!

— Isso! isso mesmo! respondia-lhe resignadamente Queirós. Borboleteia sempre assim sobre mim, fecunda-me com o teu pólen, ó mariposa da indústria!

Queirós tinha efectivamente, nessa época, uma grande carência de conhecimentos práticos. Um dia, no Minho, Camilo Castelo Branco havia-lhe dado mel. Ele ficou pasmado de que o mel existisse. Tinha sempre considerado o mel, que nunca provara senão nas odes do Sr. Vidal, como uma imagem retórica, criada por Lucrécio, e que Plínio adoptara como mera ficção poética, curiosa para os naturalistas.

Os amigos de Burnay eram o complemento das suas virtudes e a confirmação das suas ideias. Os mais assíduos em casa dele eram Diogo de Macedo, engenheiro florestal da escola de Nancy, e Carneiro de Andrade, da Escola de Minas de Paris.

Carneiro de Andrade vivia extremamente afastado da circulação de Lisboa porque se tinha por incompatível com alguns dos usos, dos costumes e das instituições indígenas. Uma das suas grandes aversões eram os patacos. O pataco para Carneiro de Andrade era um símbolo nacional, em que se reuniam as propriedades de tudo quanto há mau na terra: grosso como a brutalidade, espesso como a estupidez, sórdido como o vício, pesado como o remorso, venenoso como a calúnia, falso como a traição! O país que adoptava uma tal moeda estava na opinião dele julgado. Coerente com a sua opinião, como todo o amigo íntimo de Burnay, Carneiro de Andrade sempre que tinha patacos, pegava-lhes com papel e deitava-os fora.

Diogo de Macedo era um colosso de bondade. A sua alma era tão grande como a sua estatura, e a sua generosidade era maior do que ele. Ninguém foi nunca mais dedicado às suas afeições nem mais fiel aos seus amigos. Se a amizade o atraía ou o retribuía com a ingratição, ele vingava-se dos seus amigos tornando-se irascível e intratável com o género humano. Encontrei-o de uma vez em uma dessas sombrias disposições da sua alma. Tinha-se metido numa trapeira. Pela manhã entrava-lhe no quarto um aguadeiro, e despejava-lhe um barril de água pela cabeça abaixo: era a sua *toilette*. Quando tinha fome comprava um pão e comia-o. De quando em quando descia da trapeira ao povoado, com um chapéu

carregado nos olhos, embuçado numa capa. Uma noite atravessava assim comigo o Rossio. Adiante dele um homem disse uma insolência a uma mulher que passava. Diogo agarrou-o pelas costas, suspendeu-o no ar e atirou com ele a quatro passos de distância, de bruços, acima do macadame. Com este portentoso vigor muscular tinha uma actividade intelectual que lhe permitia trabalhar no gabinete nove horas por dia. Nunca trabalhava menos.

Tais eram os amigos de Eça de Queirós e também os meus. Que eles me perdõem o ter citado os seus nomes! Eu não poderia sem isso fazer sentir este princípio: a profunda influência que têm na educação do espírito e do carácter as intimidades da convivência.

Queirós, possuindo os gérmens de todas as qualidades do carácter e de todos os poderes do espírito, teve a sorte feliz de encontrar constantemente no mundo o meio mais apropriado ao seu desenvolvimento. Em cada uma das suas relações cultivou alguma das suas forças. Dos amigos que lhe conheci só um — o que escreve estas linhas — lhe foi inútil. De todos os outros ganhou a fecundação de algum dos seus nativos merecimentos. Uns tinham a veia, a inspiração, a faísca. Outros eram o melhor e o mais alto exemplo da honra, do valor, da abnegação, da coragem. Aqueles possuíam a compreensão da natureza, o sistema do mundo físico e o sistema do mundo moral. Estes tinham a ciência das coisas práticas, o conhecimento dos homens, da sociedade e da vida e o sentimento artístico da distinção e da elegância. Todos eles ofereciam uma fisionomia fortemente assinalada, superior.

Conhecê-los era sair da vulgaridade, salvar-se da rotina, escapar-se ao contágio das coisas rasteiras, emancipar-se para sempre do género comum, que inspira as magnificências reles, as pombas pobres, as majestades pelintras.

Como escritor Eça de Queirós encheu a sua paleta das tintas mais variadas.

Criou a fonte dos efeitos mais encontrados, dos tons mais novos, mais originaes, mais imprevistos.

Dotou-se de variadíssimos conhecimentos adquiridos não tanto nos livros como nas viagens, nas conversações, nos accidentes de uma vida violentamente lançada ao encontro de todas as curiosidades do espírito e do sentimento, de todas as comoções da alma, de todas as sensações dos nervos.

Uma vez solto na página, o seu pensamento percorre todo o domínio das ideias. Sobe a todos os pontos de vista que dominam o seu assunto. Encara-o por todos os lados, revolve-o em todos os sentidos, fere-o em todos os aspectos. Passa rapidamente de um extremo ao extremo oposto da questão. Diviniza-a por umas razões, esbofeteia-a por outras. Veste a sua ideia de brocado, cobre-a de jóias, unge-a de perfumes delicados, põe-lhe um diadema; depois dá-lhe uma palmada nas costas e tira-lhe um ovo da boca; bate-lhe no alto da cabeça e puxa-lhe uma fita do nariz; depois leva-a consigo, pelo macadame, em berlinda de grande gala, ou montada num dromedário branco, ou simplesmente arrastada por uma corda, de rojo pelos passeios, limpando a lama. Por fim engasta-a em ouro e craveja-a de diamantes; ou dá-lhe um pontapé e sepulta-a numa sarjeta.

Tem a viva imaginação de um fantasista, a meiga sensibilidade terna de um poeta e a fria análise implacável de um grande crítico.

Desta tríplice disposição, deste triplo poder resulta a sua extraordinária aptidão de humorista.

No seu estilo, de uma clareza e de uma concisão perfeita, descobre-se a tendência germânica para a jovialidade violenta e para a melancolia profunda, sombria, spleenática como a de Henrique Heine e de Carlyle.

Lede-o. No meio de um texto revolto, áspero, cheio de agressivos epigramas e de mordentes facécias, o fundo do quadro rompe-se repentinamente, há uma inundação de azul, e, ao longe, um recanto de doce paisagem aparece, tranquilo e sereno, de idealidade inefável!

Outras vezes, numa página elegíaca, patética, um trovão estala, uma figura grotesta surge como um espantalho sinistro à luz instantânea do relâmpago, e os olhos deslumbrados vêem, entre a escuridão, uma coisa estranha, como um *clown* enforcado num estadulho, que oscila na tempestade tenebrosa.

O estilo de Eça de Queirós não mostra somente dispor de todas as cores; parece também usar de todos os ingredientes. Há trechos dele que diríamos feitos com sangue, com lágrimas, com pérolas líquidas, com enxurro, com ouro, com lama e com pó de brilhantes. É o processo humorístico.

Vós outros, meus caros homens de espírito, tendes infinita

graça por certo — imensa graça boa, legítima, portuguesa, perfeitamente correcta, perfeitamente literária, tudo quanto quizerdes bom, magnífico, óptimo —, mas o *humour*, o bom *humour*, aquilo que realmente se chama o *humour* vós não o tendes. Têm-vos dito que sois humoristas? Isso é que quem vo-lo diz conhece tanto o *humour* como o *humour* vos conhece a vós. Não, não sois humoristas. O humorista é Eça de Queirós.

Não o sois vós porque vos falta a faculdade de criar as grandes violências que se tiram dos grandes contrastes. Porque não sabeis dar as grandes gargalhadas convulsas, que soluçam, como quem vai morrer. Não sabeis fazer a sorte difícil, que é a do polichinelo pintado a alvaiade, com uma enorme boca de vermelhão, com uma corcunda e uma pança, que se acocora, que guincha, que se rebola no chão, e, de repente vos faz uma visagem — que é a tragédia — que vos supita o riso e vos gela o sangue nas veias. Isto — vós não o sabeis fazer. Quem sabe isto é ele.

A primeira condição do humorismo é a grande qualidade de escritor que tem Eça de Queirós: a despreocação absoluta do aplauso, o mais completo desprezo da galeria. Quem governa é a arte. A galeria aplaude ou reprova, é o seu direito... Mas não manda nada.

Ora a maior parte dos homens de espírito em Portugal têm o defeito oposto a essa virtude. Têm medo à galeria, e — meu Deus — não querem comprometer-se...

Não querem comprometer-se, em primeiro lugar, com a gramática. E conhece-se-lhes isso de mais, porque se lhes vêem as guitas com que eles amarram os regímenes aos verbos, como os vendedores de louça prendem as tampas às asas dos bules — para se não trocarem.

Pois bem! tendes aí algum verbo que esteja de quarentena nos léxicos por ser de origem espúria? tendes meia dúzia de neologismos? dois ou três adjectivos que vos não sirvam? um advérbio que queirais deitar fora? Tendes, para virgular, três *dois pontos* e dois *riscos*?... Não é preciso mais nada! Dai-lhe isso a ele. Vereis essa pitada do lixo desprezado dourar-se como uma abelha, criar asas, bulir-se, erguer-se no espaço, zumbir, morder, resplandecer, cantar ao sol!

Vós também não quereis comprometer-vos com o público. Assim as opiniões que lhes dais não são propriamente as que

vós mesmos fazeis, são as que imaginais que o público fez. O público — já se vê — aplaude-vos muito, e cada um dos vossos leitores acrescenta ao fim dos vossos artigos: — E dois!

Somente, para estes resultados acho eu que poderíamos talvez deixar inteiramente de escrever, sem se perder por isso grande coisa. Poderíamos mesmo começar a abster-nos de conversar. Bastaria para as exigências da nossa vida correlativa que olhássemos uns para os outros, e que pensássemos por dentro: — Ora cá vamos todos de acordo, por aí fora! na bela harmonia!

Nos escritos de Eça de Queirós sente-se a propensão adversa ao amor da concórdia.

É-lhe preciso que a sua opinião lhe pertença e que se não confunda por nenhum modo com a opinião dos outros. Que a opinião do público seja inteiramente a opinião contrária à dele, isso sim! Isso entende-se! Resta saber qual delas será melhor. É o que se vai ver... Então, um sorriso, um cumprimento, um aperto de mão — e em guarda!

Há uma prosa que vem colocar-se à noite à cabeceira da cama do público, que lhe puxa para as orelhas o barrete de dormir, e que lhe diz assim:

— Então, Lulu, não queres ainda nanar? Nesse caso vou contar-te uma história. A menos que não estimes mais que te coce a cabeça.

E o público, com os olhos quase fechados, responde-lhe:

— Pois sim, prosa, mas olha, já que és tão boa, vê se fazes as duas coisas: conta e coça!

Esta não é a prosa de Eça de Queirós. Não é precisamente para fazer adormecer o seu homem por mais uma noite, em cima de uma velha ideia, que ele se dirige ao leitor. O seu fim não é adormecê-lo, é acordá-lo. E que o leitor o discuta, que o raciocine! Que o leitor estremunhado tire a sua ideia velha debaixo do travesseiro, e que lhe atire com ela! Que se irrite, que perca o amor ao sono, que lhe apeteça um assalto, e que o leitor acabe enfim por lhe dizer:

— Espera que eu te respondo já! assim, o queres, assim o tenhas... À brecha!

Estas e outras razões fazem com que ele não seja em Lisboa um escritor popular, e impedem-no de o vir a ser nunca. O público jamais o há-se incluir entre as suas afeições consa-

gradas. Há-de estimá-lo, mas com uma dedicação reservada e secreta, como a das mulheres que não querem ser vistas mas que a dada hora vão a uma janela e seguem pensativamente, detrás de um gelosia, a figura de certo homem que passa: todos lhe dizem mal dele, as suas amigas todas detestam-no, ela porém — sem a si mesma se atrever a confessá-lo — ela, sozinha, sem ninguém mais no mundo o saber, ela ama-o.

As outras razões que impopularizam o meu antigo colaborador, são estas: ter a aparência, ter a linha, ter o ar, e — sobretudo, ter a *toilette*. Quatro pobres e inofensivas jaquetas de manhã feitas em casa de *Pool* e meia dúzia de gravatas compradas em *Piccadilly* e uma bengala do *boulevard des Capucines*, fazem em Lisboa mais dano aos créditos de um homem do que uma biografia de indignidades e de baixezas. Reage ainda contra a importação destes costumes estranhos a nossa educação pátria, sobre a qual no princípio deste século pesavam como instituições públicas o briche enodado da corte do Sr. D. João VI e o burel sebento dos frades.

Não obstante é o que sucede em todas as sociedades mesquinhas e pobres. Michelet conta nas *Guerras da Religião* que um dos grandes obstáculos à propaganda da Reforma foi a *toilette* dos luteranos e principalmente os colarinhos dos huguenotes. Estes colarinhos, de um aspecto superiormente distinto e aristocrático, eram o alvo dos rancores gerais em uma época em que tinha chegado ao seu maior auge em Paris a popularidade piolhosa dos Capetos realçada pelo sebo espanhol importado da Península por Santo Inácio.

Apesar disto os homens de fantasia e de gosto não puderam em nenhum tempo abster-se da preocupação do vestuário. O vestuário é a expressão gráfica, pessoal, de uma filosofia pouco estudada. No *Sartor Resartus*, de Carlyle, prova-se como o puritanismo se fixou na Inglaterra por efeito da lembrança que Fox teve de mandar fazer um calção de couro.

Sabe-se a que extraordinário requinte levavam o cuidado de suas pessoas e o esmero de seus vestidos Edgar Poe, Charles Baudelaire, Alexandre Dumas, que durante a sua mocidade punha uma *toilette* por dia, Vítor Hugo, que aos setenta anos de idade ia às sessões parlamentares da assembleia constituinte de calças à *hussard*, camisola encarnada e um

quépi na cabeça. Conhece-se o célebre *foulard* e *Saute-en-barque* de veludo predilecta de Alphonse Karr, e o legendário dandismo do grande Balzac que chegou a deitar um colete vermelho, que fazia febre a *Madame* de Girardin!

Fazer febre, não às mulheres que nos estimam, mas à crítica de uma literatura por meio de um colete ou de uma gravata, isso é que só em Portugal se vê. Julgará a crítica portuguesa que há no mundo algum homem que se vista para lhe parecer bem a ela, para que ela o ache feio ou bonito!... Oh! não. Querida crítica, não.

O que escreve estas linhas é insuspeito em semelhantes matérias. Eu, meus senhores, estou inteiramente fora das religiões da elegância. Eu sou um pobre diabo de artista, ao qual quem menos casacas talha neste mundo é o seu algi-bebe. Aqui têm esta quinzena, a qual fez já oito anos e que eu considero para todos os efeitos da sua vida futura como se estivesse ainda nas fachtas da infância e acabasse de soltar neste momento o seu primeiro vagido! Ainda este Verão, no mesmo dia em que um jornalista desocupado insista em me lançar em rosto pela centésima vez o exagero dos meus vestidos, um homem era visto, como geral estupefacção das massas, atravessar a cidade com umas únicas e restritas calças de fanela, e uma única e extreme camisa de chita. Quereis saber quem era esse homem? Era este vosso servo, meus senhores. Ó críticos! que menos quereis vós conceder-me para cobrir a minha nudez do que umas calças e uma camisa? Se quereis menos alguma coisa, dissei-o. Pedi licença à polícia, e dissei-o! Já agora, não podendo fazer convosco uma reputação escrevendo, estou resolvido a alcançá-la despindo-me. O meu único sonho hoje em dia é este: — a glória, e, se mo não levarem a mal — uma folha de parra!

ÍNDICE

ENTRE MINHO E DOURO

Nas margens do Lima — Viana do Castelo — Os campos — Os casais — As igrejas — As estradas — As diligências — Os abades — O mercado — As mulheres — Os trajos — A educação — Os costumes — As influências estéticas — Ponte do Lima 5

As aldeias minhotas — A administração e a polícia rural — A lavoura — Indústrias agrícolas e indústrias caseiras — A ignorância — A miséria — A acção do Estado 30

O Natal minhoto — O presépio — A consoada — A ceia da família 44

Uma das jogatinas 51

Romagem à Senhora do Monte Sameiro — Cenas de Braga 58

A bacia da Régua e o Vale de Jagueiros — O país vinhateiro — Vinhas e lagares — A Filoxera-Vastatrix — O negociante do vinho fino — O lavrador do Douro 63

De Santa Apolónia a Campanhã — O Porto — A cidade moderna — Transformações materiais e transformações mentais — A Imprensa — As associações — A cidade de há trinta anos — Costumes burgueses — Súcias — Merendas campestres — Jantares pelo rio acima — Retórica local 80

AS PRAIAS

S. João da Foz — Como a gente se diverte — O homem jocoso — Banhos e banhistas 105

Espinho, piscina da magistratura — Aspecto das ruas — A batota — O Clube 116

A Granja, banho particular — Toda a gente conhecida e alguma de meia-tigela — Encontro dos meus amigos 122

<i>Figueira da Foz — A baía de Buarcos — Bairro Novo e Bairro Velho — Divisão no recenseamento geral dos habitantes em regeneradores e progressistas — Jubilosos resultados dessa desunião</i>	128
<i>Na Trafaria — Cena da borda-d'água</i>	134
<i>A Mr. John Bull</i>	138
<i>Ao «Diário Ilustrado»</i>	162

A GERAÇÃO DE 70

Primeiro volume

«A Geração de 70»

por Álvaro Manuel Machado

Antero de Quental: *Textos Doutrinários e Correspondência*

Segundo volume

Antero de Quental: *Sonetos*

Terceiro volume

Teófilo Braga: *História do Romantismo em Portugal I*

Quarto volume

Teófilo Braga: *História do Romantismo em Portugal II*

Quinto volume

Oliveira Martins: *Portugal Contemporâneo I*

Sexto volume

Oliveira Martins: *Portugal Contemporâneo II*

Sétimo volume

Oliveira Martins: *História da Civilização Ibérica*

Oitavo volume

Oliveira Martins: *Portugal nos Mares* (antologia)

Nono volume

Ramalho Ortigão: *Holanda*

Décimo volume

Ramalho Ortigão: *As Farpas I* (antologia)

Décimo primeiro volume

Ramalho Ortigão: *As Farpas II* (antologia)

Décimo segundo volume

Gomes Leal: *Poemas Escolhidos* (antologia)

Décimo terceiro volume
Fialho de Almeida: *Contos*

Décimo quarto volume
Fialho de Almeida: *Os Gatos* (antologia)

Décimo quinto volume
Conde de Ficalho: *Uma Eleição Perdida*

Décimo sexto volume
Eça de Queirós: *Os Maias*

Décimo sétimo volume
Eça de Queirós: *Correspondência de Fradique Mendes*

Décimo oitavo volume
Eça de Queirós: *Notas Contemporâneas*

